



QUEER NA RAÇA: NARRATIVAS PARA TRANSGREDIR

Este livro é uma produção do **Núcleo Abantesma**. A livre circulação de bens culturais é um princípio inegociável no nosso trabalho. Portanto, este material pode ser distribuído, reproduzido, citado e utilizado livremente em produções artísticas ou científicas desde que essas produções **não tenham intuito comercial e cite diretamente a equipe criadora da obra**.

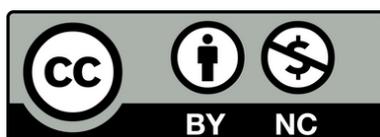
Coordenação: Mandú Carvalho.

Produção artística e pesquisa: Daena Lee, Diego Almeida, Eduardo Fernandes, GUIA, Henri Ferraz, K8, Mandú Carvalho, Mariana Thaís, Morgs Bortollo e Will S. Sousa.

Financiamento: projeto aprovado no ProAc 38/2023 - Cidadania Cultural / Produção e Realização de Projeto Cultural / Cultura LGBTI+.



<https://abantesma.com.br>



Queer na Raça: narrativas para transgredir © 2024 by Núcleo Abantesma is licensed under Attribution-NonCommercial 4.0 International.

AVISO DE CONTEÚDO

Esse livro é uma obra artística com elementos do realismo fantástico, das ficções sociais e das ficções especulativas. Ao adentrar em nossa produção é importante que se compreenda que ela existe dentro de um pacto ficcional. **As narrativas aqui presentes não devem ser interpretadas como fatos históricos ou verdades científicas.** Os discursos dessa obra não devem ser analisados fora do contexto da obra em nenhuma hipótese.

Aqui estão reunidas as produções de dez artistas que vivenciaram uma imersão intensa durante seis meses. Nesta imersão nós vislumbramos infinitas utopias e distopias. Para produzir este livro, escolhemos usar e abusar de ironias, autoironias, metáforas e ultraviolências.

Nós flertamos com conceitos presentes nas vertentes filosóficas do cinismo, absurdismo e niilismo. Também nos apropriamos das linguagens utilizadas no Teatro do Absurdo, no Teatro da Crueldade, na Esquizoanálise e no Equizodrama.

Não contribua com as culturas da desinformação, da censura ao pensamento e da castração dos imaginários. **Não descontextualize nenhum dos conteúdos dessa obra.** Este livro é, antes de tudo, um exercício de imaginação e sinestesia.

Essa obra não é recomendada para menores de dezoito anos!

SUMÁRIO

Prefácio: o texto de abertura do livro é escrito por Helen Rose, uma notória professora, educadora e ativista de São José dos Campos/SP.

Prólogo: contém o artigo “*Imaginando Contraculturas: corpos dissidentes no enfrentamento das monoculturas*”, um texto introdutório que antecede a apresentação dos nossos cadernos. Aqui buscamos instigar o leitor a imaginar realidades para além do “*pasto do ocidente*” onde prospera a cultura colonial.

Caderno I - Marginal Ancestral: neste primeiro caderno cultuamos os marginais que *re-existem* nos bolsões da pobreza e rachaduras da cidade. Nossa arte é plantada e, por isso, é cultura. Um culto profano, onde cada corpo caído se torna uma entidade e cada massacre faz nascer um panteão. Nossa vingança é inevitável. Nossos ancestrais são marginais. Nós somos porque eles são. Unidos nos forjamos para destruir a civilização e anunciar a queda do ocidente: será o fim do enlace colonial.

Caderno II - O Nascimento da Trovoada: neste caderno existe uma ambição que, ao que parece, surge de forças que afetam profundamente os sentidos humanos e não humanos. Essa ambição se manifesta inicialmente pela ansiedade, pois foge ao nosso controle. É a véspera do temporal. Por isso, é a véspera do incerto: tudo será transformado pela desordem da água e do vento, assim como pela eletricidade que toma o espaço, esse campo magnético.

Caderno III - Transfiguração da Montanha: no terceiro caderno chega o momento em que estamos tomados por uma inconformidade pela ideia de irreversibilidade ou imutabilidade. Estamos vislumbrando uma montanha de destroços e escombros, que é o mundo como ordem intransponível. Há uma anunciação do fim do mundo, mas esta anunciação serve para nos estagnar e desacreditarmos de nossas ambições. A transfiguração é um ato brutal e fantástico.

Caderno IV - Cadeia Alimentar: chega o quarto caderno e aqui há um encontro íntimo com o corpo que investigamos para que possamos corrompê-lo. Aparecemos como mutantes. O processo de cartografia anterior nos excitou ao mesmo tempo que mutilou, estamos completamente profanadas. Somos carnes de oferenda.

Caderno V - A Vida que Encerra um Tronco Caído: nesse quinto caderno somos aparições disformes, aranhas e serpentes, organismos complexos. A sobrevivência fica mais difícil. Passamos a imaginar táticas de sobrevivência específicas aos corpos dissidentes que se contaminam e são afetados profundamente pelas ultraviolências da cidade. Sobreviver nas multidões, retornar aos agrupamentos, assentamentos e quilombos: aqui estamos pensando na casa cheia, festejando a sobrevivência. É uma alegria revolucionária, por isso *As Fúrias* manifestam-se nesse ponto.

Caderno VI - Visitantes e Invasores do Espaço: é o sexto caderno, perdemos o controle. Os controles do mundo. Confundimo-nos uns aos outros como confundimos aqueles que não se deixam confundir. É verdade que, mesmo entre nós, infiltram-se coisas inexplicáveis. Nesse ponto, como bichos, as matilhas servem de abrigo. As fendas no Universo estão no céu e tudo saindo delas recai sobre nós, inclusive nós.

Epílogo: este é um convite para nossa encruzilhada digital, onde são apresentados caminhos para outros materiais que compõe nosso projeto. Esses materiais estão disponíveis em nosso site, onde você poderá conferir um minidocumentário sobre o processo de criação deste livro e também poderá fazer download de um audiolivro que busca adaptar e acessibilizar este livro digital.

Posfácio: o texto que encerra o livro é escrito pelo professor Dr. João Francisco Junqueira, um notório educador e pesquisador da cidade de Lorena/SP.

PREFÁCIO

UM PREFÁCIO POR HELEN ROSE

Um livro instigante, criativo, bonito, saboroso, provocativo, fora do lugar comum, inspirador, emocionante. Prazeroso ler uma obra coletiva com tantas inspirações na busca e no direito de ser respeitada. São palavras escritas, sentimentos genuínos dialogando com imagens sensíveis de uma subjetividade tocante. Apreciem, sem moderação, pois “os poetas então concordam: existe poesia na pica, na buceta e no cu”.

Queer na raça: narrativas para transgredir é uma obra de arte feita com palavras, imagens e indignação, mas sobretudo, com força, delicadeza e muitos sonhos.

A busca por respeito, busca para ser feliz, busca por emprego, busca por dinheiro. Busca inventada a milhares de anos e intensificada com a ação do colonizador, junto com o fortalecimento e expansão do sistema capitalista.

“Erga seu ódio contra quem te alienou”.

Inovação, disrupção, fora do padrão, um lugar onde eu possa apenas Ser Humano. Meu corpo, meu rosto, minha respiração. Uma obra para expressar sentimentos de um coletivo de artistas que entende o que é viver livremente, sem amarras, com as suas próprias regras ou não.

Digo apenas, eu quero ser, me deixem viver, quero respirar e sorrir. CHEGA de tanta opressão! Quando ainda adolescente, escolhi que queria estudar História, foi para tentar entender que sociedade era aquela que estava inserida. Por que tanta desigualdade social e econômica? Por que eu era xingada de pretinha suja e fedida? Por que não era chamada para as festinhas? Por que faltava comida em casa?

O processo histórico é dinâmico por mais que às vezes a impressão que tenho é que nada muda, tudo continua igual, mas não é verdade. Talvez essa sensação exista justamente porque sei que uma outra forma de viver seja possível.

Se tudo é construção social, posso construir um mundo livre, acreditando apenas que não nasci para sofrer.

“De todas as suas caras, a máscara é a mais cara”.

Assim, quando leio uma obra como essa, tenho lembranças da minha infância, adolescência, do período da graduação onde os sonhos eram possíveis, a vontade de mudar, de afrontar, questionar o que estava errado, o preconceito, a discriminação, o uso da religião e da bíblia como forma de dominação.

A alegria em saber que a luta continua, novos grupos, pessoas, coletivos, chegam para continuar, do seu jeito, o questionamento do status quo, ou para atualizar as novas abordagens, a descolonização. Dar lugar ao novo, diz a música que *“o novo sempre vem”*. *“Cabelo ao vento, gente jovem reunida”*.

Derrubar o sistema, lutar contra a opressão, lutar contra a discriminação, lutar contra todos os tipos de preconceito, lutar, lutar e lutar.

Às vezes penso como será a vida desses jovens do Núcleo Abantesma daqui a 20, 30 anos, será que continuarão com a vontade de derrubar o sistema ou estarão cansados?

E talvez não importe como estarão no futuro, importante é que agora no Carpe Diem, tenham toda essa pulsão linda de vida para se expressarem da forma que quiserem.

Agora convido Antônio Bispo dos Santos, ele o Nêgo Bispo, para participar e fortalecer o **Queer na raça: narrativas para transgredir**. Ele, que vem lá do Piauí, um quilombola, que não precisa ser decolonial, porque nunca foi colonizado. Vejo que em cada época, em vários lugares, existem pessoas e grupos, cada uma a sua maneira, vivendo e lutando para que a vida seja de fato.

Em 2023, tive a alegria de participar e ouvir uma roda de conversa do Nêgo Bispo, que aconteceu no Sesc Bom Retiro, em São Paulo. Meses depois ele partiu, foi encantar outros universos, mas deixou grandes aprendizados, entre eles um livro **“A terra dá, a terra quer”**.

Fui tocada ao ler sobre a vivência de Bispo, que em muitos momentos coincide com a minha, que desde de criança senti a natureza no meu corpo e nas minhas ações. Aos poucos já sentia que algo estava equivocado na maneira que a sociedade e a maioria das pessoas está organizada, percebia que *“o processo de denominação é uma tentativa de apagamento de uma memória para que outra possa ser composta”*.

“Eu, por dominar a técnica de adestramento, logo percebi que, para enfrentar a sociedade colonialista, em alguns momentos precisamos transformar as armas dos inimigos em defesa”. Então, para transformar a arte de denominar em uma arte de defesa, resolvemos denominar também.

“Esmago seus crânios com o rabo e as coxas bem grossas, então eles dormem comigo entre os cadáveres dos seus”.

“A cosmofofia é o medo, é uma doença que não tem cura, apenas imunidade. E qual é a imunização que nos protege da cosmofofia? A contracolonização. Ou seja, o politeísmo, porque a cosmofofia é germinada dentro do monoteísmo. Se deixamos o monoteísmo e adentrarmos o politeísmo, nos imunizamos.

No mundo politeísta não existe pecado original, ninguém foi expulso do Jardim do Éden, ninguém tem memória de terror. Os deuses e as deusas são muitos e não temos medo de falar com eles. Temos Exu, Tranca Rua, Pomba Gira, Maria Padilha”.

“Nós não temos cultura, nós temos modos – modos de ver, de sentir, de fazer as coisas, modos de vida. E os modos podem ser modificados. Quando a gira está rolando num terreiro e alguém puxa um ponto, todo mundo canta junto. Colocamos uma toada, compartilhamos essa toada e cada um vai com a letra. É assim que fazemos. A cultura como a conhecemos é uma coisa padronizada, mercantilizada, colonial. Os colonialistas dizem que não temos cultura quando não nos comportamos do jeito deles.

Quem não sabe tocar piano ou não sabe o que é música erudita, quem nunca frequentou um teatro, quem não frequenta o cinema, para eles, não tem cultura. Para nós, quem não sabe dançar e cantar no batuque, quem não sabe fazer uma comida, quem não se emociona com a cantiga de um pássaro não tem um modo agradável de viver”.

“Os que se revoltam sofrem as penas de serem revoltados”.

O contracolonialismo praticado pelos africanos vem desde a África. É um modo de vida que ninguém tinha nomeado. Podemos falar do modo de vida dos indígenas, do modo de vida quilombola, do modo de vida banto, do modo de vida iorubá.

Seria simples dizer assim. Mas se dissermos assim, não enfraqueceremos o colonialismo. Trouxemos a palavra contracolonialismo para enfraquecer o colonialismo. Já que o referencial de um extremo é o outro, tomamos o próprio colonialismo. Criamos um antídoto: estamos tirando o veneno do colonialismo para transformá-lo em antídoto contra ele próprio.

Nêgo Bispo diz que ele não precisa ser descolonizado porque ele nunca foi colonizado. Ou seja, ter consciência de quem se é, é sem dúvida, fundamental para a disrupção. Contracolonial, decolonial, descolonizar.

“Não diga que sou necessário, diga que dou risadas dissimuladas”.

Olhar para outros povos, olhar e conhecer outras formas de viver, olhar, conhecer e respeitar o que considero diferente de mim, pois a diferença existe, porém, ela não precisa ser criminalizada. Somos povos de trajetórias, não somos povos de teoria.

Somos da circularidade: começo, meio e começo. As nossas vidas não têm fim. A geração avó é o começo, a geração mãe é o meio e a geração neta é o começo de novo.

“Sua estranheza ao fracasso e ao ridículo, a exposição violenta de si e de quem mais se atrever a não ser como o colonizado”.

“Você, pessoa branca, que diz que não percebe e não faz por mal, que não é bem assim e que *não foi isso que eu quis dizer*.

Você, pessoa branca, que olha pra nossa cara ao apontarmos um desconforto de raça ou classe e tem a astúcia-coragem de dizer que é coisa da nossa cabeça.

Você é sujo, seus antepassados são sujos do sangue dos nossos. E vocês ainda se orgulham de ter sobrenome europeu?”.

E você quer saber o que é Queer? Venha, o Núcleo Abantesma vai te mostrar, junto com **O Nascimento da Trovada**.

VIVA, A ALEGRIAREVOLUCIONÁRIA!

PRÓLOGO

IMAGINANDO CONTRACULTURAS: CORPOS DISSIDENTES NO ENFRENTAMENTO DAS MONOCULTURAS

Em sua obra "**Os condenados da terra**", Frantz Fanon refletiu sobre a colonização como processo violento e que desumaniza o colonizado, negando-lhe seu passado, sua essência e seus valores. Para o autor, esse processo busca matar a originalidade da cultura local, não apenas para apartar o colonizado de sua terra, mas também para fazê-lo aderir aos valores culturais da metrópole como parte de um projeto de embranquecimento.

Fanon, que era psiquiatra, nos fornece valiosas contribuições para entender como o colonialismo constrói estereótipos e como a desumanização imposta pelo sistema colonial tem graves consequências na autopercepção, autoestima e organização dos colonizados. Quando falamos em um marco colonial, portanto, falamos de muitas feridas abertas.

Em sua tese de doutorado "**Nhande ayvu é da cor da terra: perspectivas indígenas guarani sobre etnogenocídio, raça, etnia e branquitude**", a escritora indígena Geni Núñez oferece dois conceitos importantes e relacionais: etnogenocídio e monocultura.

A autora define a categoria etnogenocídio em sua obra partindo da perspectiva de que o etnocídio é indissociável ao genocídio. Por isso, não devemos necessariamente separar o assassinato de culturas do assassinato de corpos físicos no estudo do marco colonial.

Nessa perspectiva, deve-se entender o colonialismo como agente desse esforço de homogeneização, que suprime a multiplicidade e a singularidade de cada povo, etnia e nação nativa de um território, inclusive, mas não somente, por meio da morte de um povo.

O Colonialismo e suas monoculturas

Outra reflexão importante de Geni Núñez, em seu esforço de sintetizar a máquina colonial de supressão de singularidades, é estender o conceito de monocultura não só a lavouras de soja e milho transgênico, mas também as expressões culturais como a sexualidade, a fé e os afetos. Sua tese nos convida a pensar como a cultura “do único” nos minam de potencialidades plurais.

O monoteísmo e a monogamia são algumas dessas expressões de monoculturas abordadas pela escritora. Nessa perspectiva, aborda-se a imposição da adoração de uma única divindade e a sistematização da burocracia estatal em um modelo jurídico que, junto a moral religiosa, estabelece diversos mecanismos de coerção para a manutenção de um modelo familiar nuclear.

Isso é uma tecnologia colonial usada para suprimir a diversidade de expressões culturais de diversos povos que ao longo da história humana se organizaram nos mais diversos sistemas de crença e organização social. Essa tecnologia colonial empobreceu nossas possibilidades de afeto, desejo sexual, cuidado dos vulneráveis, crianças, idosos e etc.

Dentro desse empobrecimento de possibilidades também está situado o heterossexismo, que busca impor o modelo heteronormativo como estado de natureza do comportamento humano. Ele é, segundo Núñez, uma forma de monocultura das sexualidades.

A esse heterossexismo podemos somar o monossexismo, que consiste no apagamento, negação ou depredação de orientações sexuais que não sejam estritamente heterossexuais ou homossexuais, vide a necessidade do sistema heteropatriarcal de sustentar a ficção de que a atração sexual humana é uma realidade binária e limitada ao sexo.

Dito isso, é importante que se reitere que o discurso monossexista encontra muita adesão em diversos grupos minoritários, por exemplo: muitos gays e lésbicas o reproduzem com frequência, pois vêem as orientações sexuais não-monossexuais como algo indesejado, nojento ou perigoso. Esse sentimento surge da necessidade de construir uma oposição binária entre o “*heterossexual*” e o “*homossexual*”.

Essas e outras problemáticas ganham novas perspectivas quando adentramos nos estudos queer. Em seu livro “**Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**”, a filósofa Judith Butler diz que os estudos de gênero não devem se basear apenas no sexo previamente dado, pois precisamos primeiramente entender por meio de qual aparato a própria noção de sexo foi estabelecida.

É justamente nesse movimento de trazer a biologia para o âmbito social que a Teoria Queer recusa a classificação dos indivíduos em categorias universais como “*heterossexual*” e “*homossexual*”, “*homem*” e “*mulher*”. Os teóricos queer entendem que essas categorias servem apenas para homogeneizar e esconder um número enorme de variações culturais.

Indo contra o conceito clássico de gênero que separa sujeito “*heterossexual*” do sujeito “*estranho*”, “*anômalo*”, “*desviante*” ou “*dissidente*”, a teoria queer afirma que todas as identidades sexuais são igualmente anômalas. Elas, no entanto, só passam a existir e ganhar sentido dentro da cultura.

Corpos dissidentes e a produção de imaginários

Na música “**Principia**” do álbum “**AmarElo**” os compositores Emicida e Nave enunciam: “*Tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós*”.

A ideologia monocultora inscrita com sangue através do marco colonial estipulou para nós, populações não brancas ou não cristãs, uma agenda de ações no mundo que orienta a naturalização de modos de vida restritivos e escassos, próprios de um projeto capitalista, catequizador e unívoco.

Este é o fato, pois a conotação dissidente e desviante que é inscrita nos corpos que se desfazem dos pactos coloniais de violência, principalmente aos que dizem respeito às ficções de raça, gênero e sexualidade, rastreia e condena à subsistência suas corporeidades plurais e monodissidentes.

Os corpos na margem do Novo Mundo foram condenados em uma realidade na qual as estruturas sociais e suas instituições historicamente desiguais autorizam quem entre nós permanece: é o fato que distribui a violência. Autorizadas a morrer, reconhecemos o gesto político de inteligibilidade e conformação que o estado brasileiro oferece a corpos dissidentes e desviantes, uma sujeição à forma identitária com a qual a branquitude se articula para nos incorporar em suas políticas monopolistas.

Nós, entretanto, escrevemos para evidenciar a necessidade de desarmar o realismo político, este que legitima expropriações e genocídios dos povos que desautorizam operações de controle sobre suas subjetividades perante as violências sistêmicas que a justiça colonial nos oferta.

A dimensão ficcional que se estende a nós através do Velho Mundo atualiza, somente, sistemas de valores que operam a manutenção do monopólio de violência. Isto é, da metrópole à colônia, dispositivos de controle de todos os tipos são distribuídos a fim de representar quem manda e quem obedece.

Desse modo, as narrativas hegemônicas prescrevem através do falseamento da neutralidade, da necessidade de fronteiras, da expectativa de vida e do desejo uma perpétua entrega de nós aos seus sistemas de produção do mundo. Quando lutamos pela liberação de imaginações que enfrentam sistemas monopolistas de vida, recorreremos à transição das narrativas sitiadas do mundo.

Os efeitos brutais, muitas vezes irreversíveis, das violências que mantêm a regulação de ordem e progresso nos desafiam a manter nossas potências imaginativas. O marco deste mundo é o marco colonial, mas este não pode marcar nossos corpos para sempre. Para isso, é preciso romper os processos que nos inscrevem como totalidade dos poderes que operam a morte, convergindo processos destrutivos que nos foram impostos em acesso às ficções de poder que determinam quem permanece.

De acordo com Jota Mombaça em seu livro **“Não vão nos matar agora”**, a formulação de uma futuridade ameaçada é própria da gramática de morte. Há algo nessa operação que nos revela que por meio dela se prolifera um estado de constante insegurança para corpos dissidentes e desviantes, principalmente aos racializados. É por meio desse estado de constante insegurança que as ficções de poder capturam os corpos, colocando-os a serviço de seus pactos marciais como seus soldados, usurpando narrativas a fim de apagar a autodeterminação dos povos insurgentes em suas particularidades de raça, gênero, linguagem, culto e demais manifestações culturais.

Entretanto, é preciso salientar que todo processo de enfrentamento às hegemonias, seja de desobediência ou de desvio às normas, é ao mesmo tempo uma força de fabricação de si e de outro. Os sistemas de opressão dependem da ausência de delimitação para incutir no indivíduo o espírito de civilidade, este que é branco, burguês e binário.

Ao nomearmos a norma, salientamos que corpo é balbúrdia. Assim, nos inscrevemos sobre seus sistemas de rastreamento sem que sejamos reduzidas dentro dele, pois somos reconhecidas somente como ontologias e não como força.

A fim de contradizer isso, temos ciência da necessidade de autodestruição. Em virtude disso, nos fundimos aos sistemas pré-estabelecidos para, então, fugirmos deles. Isso não quer dizer que precisemos ocupar intimamente todos eles, o que é demasiadamente limitante e violento para corpos tão diversos. A razão da autodestruição é o mais forte que podemos convergir contra nossa prescrição de morte. O problema da conceituação de mitologias que reforçam um pacto ficcional, judicial e marcial toma corpo aqui: não nascemos, estamos nos forjando.

Dessa maneira, os sistemas ontoepistemológicos têm evidenciado a luta das dissidências sexuais e de gênero. Acerca disso, Sueli Carneiro nos alertou para a autodeterminação das pessoas racializadas frente às produções de conhecimento de mundo e que se apropriam da fabricação de um imaginário comum: eis aqui outro extenso processo de destruição e autodestruição.

Por isso, não nascemos. Eles nasceram, nós nos forjamos. O monopólio da violência, segundo Jota Mombaça, age sobre as narrativas do mundo controlando seus limites de representação e definição. Nesse caso, as ficções que reforçam o marco colonial expõem a lógica do indivíduo único e civilizado: branco, cisgênero, heterossexual, sem deficiência, sem doença crônica, neurotípico, etc.

Em função disso, a evocação imaginativa de uma existência autodestrutiva e que, ao mesmo tempo, ameaça poderes hegemônicos, nos devolve a possibilidade de sobreviver fortes no fim do mundo.

O princípio traumático da racialização e da cisheteronorma é fundado num horizonte conceitual aparentemente intransponível, semelhante ao que impõe as narrativas monistas, que supostamente culminam para o fim do mundo. Essa falência total, no entanto, ainda obedece às normas morais que convergem aos interesses hegemônicos.

É no fim do mundo que a branquitude mais lucra. Trata-se da mitologia que o marco colonial impôs: a aniquilação dos seres humanos e não humanos para garantir suas fortunas, e que agora culmina no fim do mundo por conta da desobediência desses povos insurgentes. A fim de assegurar a mundialização de suas estruturas físicas e conceituais, o mundo colonial impele aos corpos dissidentes e desviantes, principalmente racializados, modelos de controle biopsicossociais que interferem na luta por autodeterminação.

A colonialidade é mantida e reverberada conforme um corpo é extraído, separado, classificado e até exterminado segundo a vontade do senhor das fortunas. Pois, primeiramente, é no corpo extraído, separado, classificado e exterminado que se garante a propriedade privada. O monoteísmo, a monogamia e a monossexualidade são dispositivos coloniais que reverberam nas subjetividades dos sujeitos e que, como já citado, interferem no espaço, no tempo e nas ficções desses povos. É no corpo que uma vigilância auto-infligida se apodera de uma totalidade.

No mundo plutocrático do capitalismo tardio não há negociação, apenas escassez e privação. Nós não negociamos, mas acabamos escritas em suas cartografias de trabalho e marginalidade: eis aqui outro processo de destruição e autodestruição. Em **“O Trauma Colonial: Ficção racial, tempo e poder”**, José Juliano Gadelha abrange essas marcações culturais que, por sua vez, estão fixadas na ficção racial que separa humanos e não humanos, vivíveis e matáveis.

O estudo de Gadelha, no entanto, retoma estes corpos como formas de existências contra os arquivos coloniais, pois guardam em si repertórios para novos mundos em que possamos habitá-los fora de estipulações eugenistas e etnocêntricas: *“Fugir consiste em quebrar a ficção das imagens de um mundo – o mundo Moderno Colonial Branco – como ainda sendo o Mundo do Mesmo”* (GADELHA, 2019, p. 4).

O esforço jurídico em determinar quem é povo, segundo Butler em **“Corpos em Aliança e a Política das Ruas”**, desvela uma estratégia em ruínas inscrita nas diversas ficções de poder: o esforço para definir **“todos”** causa a homogeneização de corpos já autodeterminados e que, apesar de formarem uma massa amorfa, ponto mais extremo frente às hegemonias reguladoras do estado brasileiro, por exemplo, buscam a garantia de suas pluralidades através do esforço em desfazer as bases homogeneizantes que o marco colonial estipulou para essas populações dissidentes e desviantes.

Ao se desfazer das prisões e fronteiras que o imaginário comum criou para nós, persiste um pacto sistêmico que luta contra nós. De acordo com Karen Barad em texto intitulado **“Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria”**, a operação de poder discursivo que mais sitia um corpo dissidente e desviante é o representacionismo, pois nele o indivíduo se vê como existência refém de ordenações que o capitalismo tardio opera.

Não dirigindo a determinados corpos uma necessidade de reconhecimento, por exemplo. Não sabendo muitas vezes nomear os padrões de comportamento aos quais faz manutenção, vide os perfis civilizados que, por si só, resguardam tal engrenagem fundamental para o colonialismo, que é a produção de existências binárias, portanto, baseadas em formas de representação restritas e destrutivas a modos de existências pluralizados.

Aos corpos dissidentes e desviantes parece restar a submissão à escassez e a violência de sua representação, pois muitos são os sistemas de identificação utilizados sobre esses corpos como gramáticas de morte.

No entanto, o rompimento com as inerências de uma existência sobrescrita pelos sistemas de morte do capitalismo é fundamental para subverter as performances implicadas no corpo.

Ainda consoante as considerações de Barad, o realismo político e científico são responsáveis por delimitar as dissidências sexuais e de gênero, principalmente aquelas interpeladas pela racialidade, um modo de vida adjacente a um essencialismo fixo em mitologias civilizadas e binárias, e que se fazem presentes como gramática de morte desde o marco colonial.

Considerações ~~fnais~~ Iniciais

Ao ler este livro, esperamos que o leitor entenda que nós não temos a pretensão de ensinar o que é ser uma pessoa queer, o que é a Teoria Queer ou quais são reivindicações do movimento queer.

Também não desejamos participar do debate sobre as supostas legitimidades ou não-legitimidades do uso do estrangeirismo *queer* nos estudos sobre dissidências sexuais e de gênero no território brasileiro.

Quando dizemos que nós não temos o desejo de adentrar nesse debate no escopo desta obra, o fazemos por dois motivos principais: primeiramente, nós consideramos que esse debate assim como vários outros têm caído em descrédito aos olhos de muitos justamente por uma crescente desqualificação do conteúdo produzido sobre esta temática.

Em segundo lugar, nesta obra entendemos que nosso território não é o Brasil, mas sim todo o mundo ocidental. Pois, uma expressão artística não precisa estar conceitualmente limitada ao país onde foi produzida.

É importante frisar que embora a maioria dos artistas que assinam este livro se entendam como “artistas brasileiros”, há pessoas de minorias étnicas e territoriais que não usam a burocracia estatal como medida de territorialidade e pertencimento. Desta forma, dentro deste livro, o Brasil é apenas outro terreno em disputa.

Dito o que nós não pretendemos fazer, fica o questionamento: para que fizemos esse livro? Nesta obra, buscamos o ruído de um sexo noise como impulso criativo. Essa definição superinteressante está presente no artigo “**Queer: política sexual do noise**”, onde os autores afirmam que queer é o noise do sexo, noise não é música e queer não é sexo.

Dentro dessa perspectiva, eles estabelecem que o mais importante não é encontrar espaço para o ruído (noise), mas sim roer lentamente o sexo com partitura e os corpos com tonalidade fixa, pois “*cada ínfima parte do mundo tem seu próprio ruído*” (BORGES, F. e BENSUN, H.).

No encerramento de sua tese, a pesquisadora Geni Núñez pontua com muita firmeza que o objetivo da sua pesquisa não era apresentar os saberes guarani intensamente e exaustivamente ao leitor não-indígena na busca de uma noção de completude.

Ela reafirma que esse posicionamento emerge de uma perspectiva ética, visto que sua intenção era desenvolver uma metodologia que não colocasse seu povo e ela própria como objetos de estudo e curiosidade dos não-indígenas.

Aqui, neste livro, seguimos um direcionamento parecido. Nós não criamos esta obra para explicar exaustivamente e em minúcias nossas identidades, intimidades ou realidades. Não estamos aqui para sanar curiosidades sobre nossos gêneros, sexualidades, racilidades ou etnias.

Tenham em mente que esse não é o objetivo da nossa pesquisa ou do horizonte de nossa produção artística e cultural. Por mais pessoais, íntimas e reais que algumas das páginas desta obra sejam, mesmo que nossas criações possam ser representativas para diversas pessoas e grupos sociais, é importante reforçar:

Mesmo que este livro como um todo possa ser elucidativo em diversas questões, nada do que compõe esta obra foi criado com a intenção de educar pessoas brancas, cisgêneras ou heterossexuais. Nosso trabalho aqui não busca auxiliar as pessoas brancas, cis ou hétero a alcançar uma falsa noção de entendimento e completude a respeito de quem somos, do que fazemos e de como fazemos.

No contexto deste livro, sermos ouvidos e porventura compreendidos é uma consequência e não um objetivo em si. Essa obra tem um compromisso com a experimentação, o ruído, o incompreendido e o indefinido: nós somos mais noise do que música.

Se Núñez espera que o leitor da sua tese saia de seu texto um pouquinho menos civilizado e um pouquinho menos humano, nós esperamos para além disso: que os leitores deste livro saiam dessa experiência muito menos binários, menos monossexuais, monogâmicos e monoteístas, menos brancos e cisgêneros.

Esperamos que esta obra possa sujar e condenar quem a lê. Este livro é, antes de tudo, nosso fungo, nossa infecção e nosso grande grito no escuro em direção a lugar nenhum: seu objetivo é se propagar. Como bem disse Núñez: *“A colonização não acabou, mas nós também não”*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARAD, Karen. Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria, 2017.

BORGES, Fabiane; BENSUSAN, Hilan. Queer: política sexual do noise, 2008.

BUTLER, Judith. Corpos em aliança e a política das ruas - Notas para uma teoria performativa de assembléia, 2018.

BUTLER, Judith. Problema de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade, 2003.

CARNEIRO, A. Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser, 2005.

DAVIS, Angela. A democracia da abolição: Para além do império, das prisões e da tortura, 2005.

DERRIDA, Jacques. A voz e o fenômeno: Introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl, 1967.

FANON, Francis. Os condenados da terra, 1961.

GADELHA, José. O Trauma Colonial: Ficção racial, tempo e poder, 2019.

MOMBAÇA, Jota. Não vão nos matar agora, 2021.

NÚÑEZ, Geni. Nhande ayvu é da cor da terra: perspectivas indígenas guarani sobre etnogenocídio, raça, etnia e branquitude, 2021.

CADERNO I
MARGINAL ANCESTRAL

Por todos os ancestrais que não pode ver
Por todos os ancestrais que não pode tocar
Por todos os ancestrais que não pode falar
E que no escuro, sozinho...

Pode sentir.

Pode amar.

Pode comer.

25/12/20??

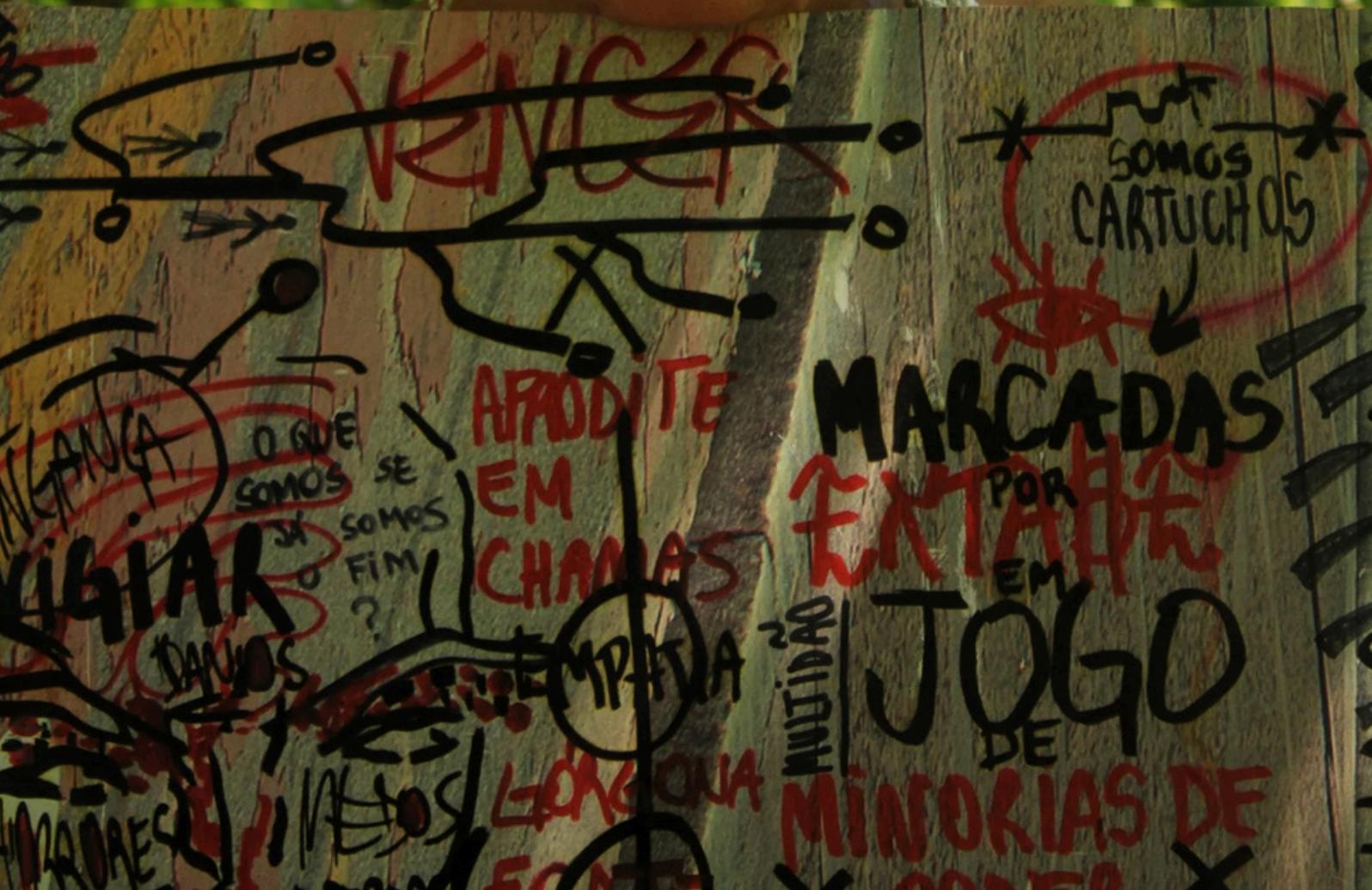
Cidade do primeiro santo brasileiro/SP

Apologia

Distribuo o pão a eles, meu Senhor, mas não sou eu quem merece beber do teu sangue? A ebriedade é um sacrificio. Eu me entrego aos vis e sepulcrais.

Que deus permitiria o mais bondoso de seus filhos sofrer com um fogo tão ardente?

O filho clama: - Pai, sou o outro... me envergonho desta angústia! Eu me transformo em serpente: sou fome e cobiça. A poesia me obriga a sibilar heresias das quais mal aprendi a cantar.





VENCER



ARVI
COMEÇAMOS
A SER











EV JÁ POSSO VER VOCÊ
SE EXTINGUIR

BUSQUE RENASCER, CONSTRUA A VINGANÇA

VOCÊ VAI TOMBAR

BUSQUE RENASCER, CONSTRUA A VINGANÇA

QUANDO SUAS MÃOS EXTIVEREM
OCUPADAS A SUA FUNDAÇÃO
VRA CAIR

BUSQUE RENASCER, CONSTRUA A VINGANÇA

TUDO SERÁ REVERTIDO A
UM TRONCO PODRE, SEM
RAÍZES E ESCORADO EM UM
MURO VAZIO

BUSQUE RENASCER, CONSTRUA A VINGANÇA

VM FANTASMA DO QUE
VM D^{*}IA JA FV^{*}I

BUSQUE REVERSCER, CONTRA A VINGANÇA

NÃO IMPORTA A DIREÇÃO

BUSQUE A VINGANÇA, CONTRA A REVENÇA

NÃO HÁ SENTIDO

BUSQUE REVERSCER, CONTRA A VINGANÇA

DOVE PERMANECE
DIANTE DO NADA?

BUSQUE REVERSCER, CONTRA A VINGANÇA

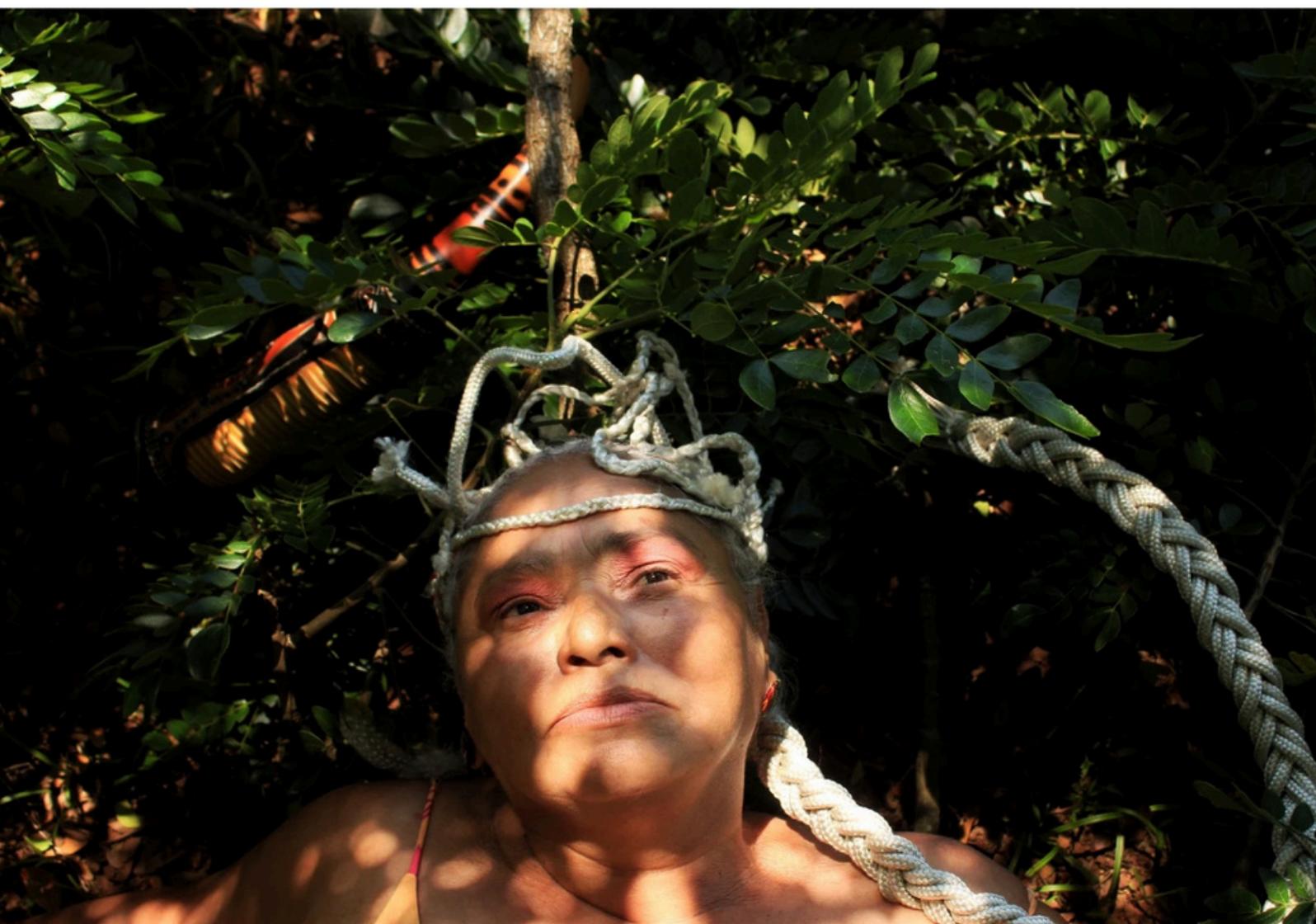
VALVES VMA DINDIA

BUSQUE RENASCER, CONSTRUA A VINGANÇA

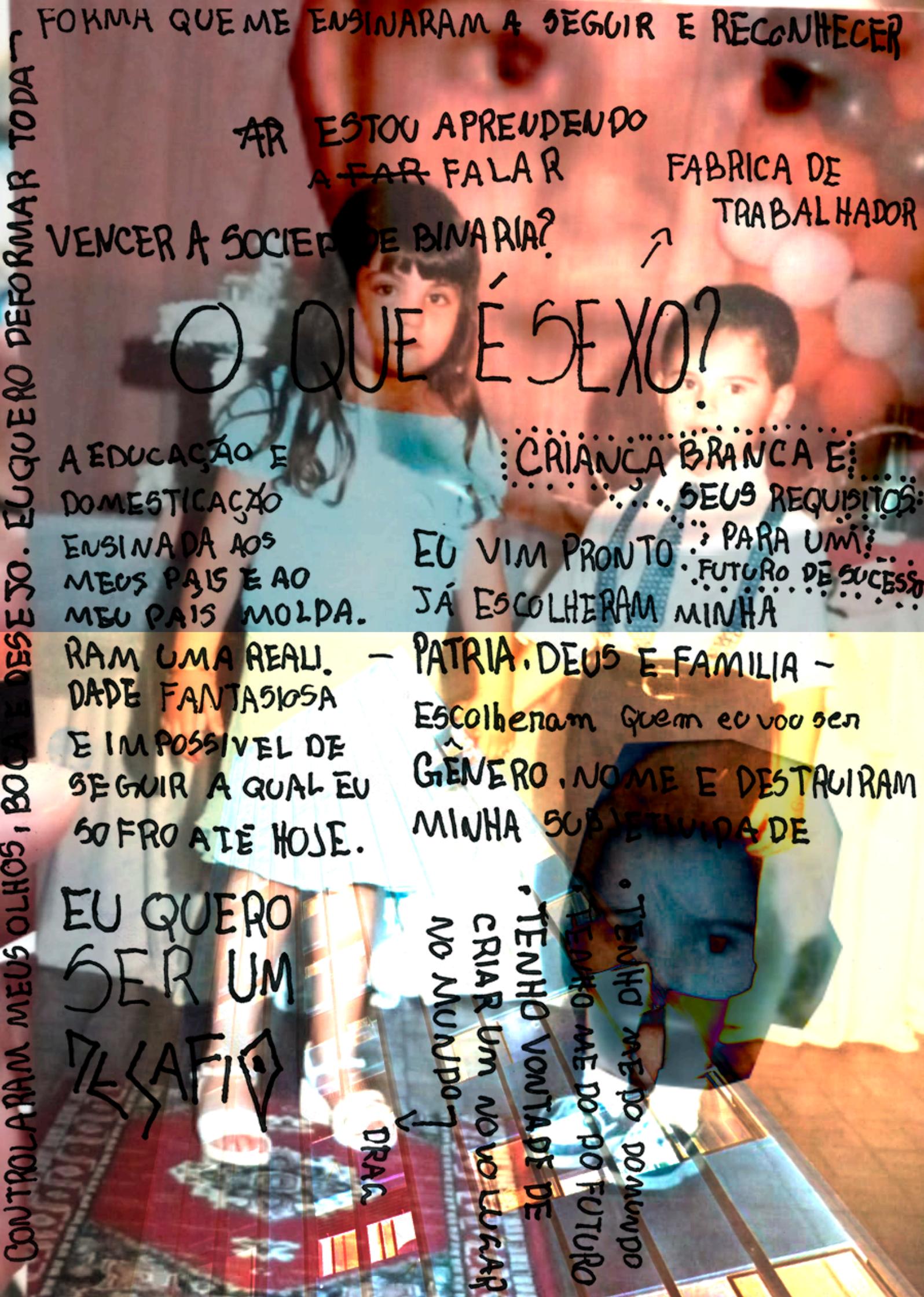
SUAS RAÍZES,

ELAS FORAM ROUBADOS

ON ENTREGUES?







FOKMA QUE ME ENSINARAM A SEGUIR E RECONHECER

AR ESTOU APRENENDO A ~~FAR~~ FALAR

FABRICA DE TRABALHADOR

VENCER A SOCIEDADE BINARIA?

O QUE É SEXO?

A EDUCAÇÃO E DOMESTICAÇÃO ENSINADA AOS MEUS PAIS E AO MEU PAIS MOLDA.

CRIANÇA BRANCA E SEUS REQUISITOS

EU VIM PRONTO PARA UM FUTURO DE SUCESSO JÁ ESCOLHERAM MINHA

RAM UMA REALIDADE FANTASIOSA E IMPOSSIVEL DE SEGUIR A QUAL EU SOFRO ATÉ HOJE.

- PATRIA, DEUS E FAMILIA - Escolheram quem eu vou ser GÊNERO, NOME E DESTAQUIRAM MINHA SUBJETIVIDADE DE

EU QUERO SER UM KAFKÁ

• TENHO VONTADE DE CRIAR UM NOVO MUNDO NO MUNDO

• TENHO MEDO DO MUNDO

• TENHO MEDO DO FUTURO

DRAC

CONTROLARAM MEUS OLHOS, BOCAS E DESEJO. EU QUERO DEFORMAR TODA

Podem te alienar da idade

Podem te alienar do próprio corpo

Só não podem te alienar do ódio

Briga seu ódio contra quem te alienou

Transforme a amargura em sua arma mais afiada

Use essa arma contra a idade.

Recupere seu corpo dos escombros.

Corpo também se planta.

COMA E SEJA COMIDO

DÊ FRUTOS E SEJA FUDIDO



ESTELAS
RUINAS
ALTO DE
A TORRE
MOS SEM
SABER

IMPRE

FICÇÃO

CHEGAMOS
AQUI E
DEPOIS
SEGUIMOS
SEM SABER
NENHUMA
COISA

QUANDO
CHAMAR
TAM

ESTELAS



MARE

TICÇÃO

AQUI É DEPOIS SEGUIMOS SEM SABER QUANTOS FINS ME NO STROE











ESCRITO EM NOS

EXEMEM

DESCENDOS
NUM CASTELO
EM RUINAS

NO ALTO DE

UA

E

AS



TOP A
ESCRITO EM NÓS
EX...
NUM CASTELO
EM RUINAS
RIO ALTO DE
UMA TORRE
ERA...
AS MES...

CHEGAMO
AQUI E
DEPOIS
SEGUIMOS
SEM SIB...
QUANTOS
FINS
NÃO ATE...
DE STRA...

ENTRE...
A MÃO...
MAD...
DE...
DUS...
LOBOS...

Eu não quero continuar. Não quero conviver. Não quero existir.
Não quero pertencer.

De todas as suas caras, a máscara é a mais cara.
A mais querida e a mais custosa.

De todas as suas caras, a máscara é a mais cara.
A mais querida e a mais custosa.

De todas as suas caras, a máscara é a mais cara.
A mais querida e a mais custosa.

Eu quero matar tudo aquilo que meus lábios não tocam.
Quero destruir tudo que não sinto na pele. Quero silenciar
todas as vozes que sussurram convenções.

De todas as suas caras, a máscara é a mais cara.
A mais querida e a mais custosa.

De todas as suas caras, a máscara é a mais cara.
A mais querida e a mais custosa.

De todas as suas caras, a máscara é a mais cara.
A mais querida e a mais custosa.

Estou me despendo ~~de todos~~ os nomes. Estou a procura
do nada. Estou prestes a me tornar a sopa primordial.

De todas as suas caras, a máscara é a mais cara.
A mais querida e a mais custosa.

De todas as suas caras, a máscara é a mais cara.
A mais querida e a mais custosa.

De todas as suas caras, a máscara é a mais cara.
A mais querida e a mais custosa.

Vou dar fim a minha vida e renascer nas sombras.

Vou dar fim a minha vida e ser menos que um conceito.

Vou dar fim a minha vida e apenas sussurrar.

De todas as suas caras, a máscara é a mais cara.
A mais querida e a mais custosa.

De todas as suas caras, a máscara é a mais cara.

















Breve história do colonialismo:

chegar;

aportar;

aterrizar;

observar;

estudar;

Criar narrativas para os pares e ativar neles os mecanismos de salvação, fazer com que creiam que são seres superiores. Uma vez conseguido o apoio dos pares, invadir o *espaço-outro*, oferecer alternativas: ou a existência subjugada se adequa ou ela é morta.

Proibir falas, cantos, línguas, danças, escritos e comunicações verbais ou não verbais. Proibir interações entre os que serão conquistados para que não desenvolvam senso coletivo.

Os que respeitaram a imposição já estão docilizados;

Os que se revoltam sofrem as penas de serem revoltados;

Criar narrativas para que a revolta seja um problema é parte do método: buscar sempre o estado de *normose*.

A plenitude;

A organização;

A higienização;





































NÃO DIGA QUE SOU NECESSÁRIO

DIGA QUE EU NÃO SEI ESCREVER

NÃO DIGA QUE SOU NECESSÁRIO

DIGA QUE EU SOU O PRIMEIRO PEDANTE ILETRADO

NÃO DIGA QUE SOU NECESSÁRIO

DIGA QUE EU SOU O PRIMEIRO PLAYBOY FAVECIDO

NÃO DIGA QUE SOU NECESSÁRIO

DIGA QUE EU NÃO TENHO LÉXICO

NÃO DIGA QUE SOU NECESSÁRIO

DIGA QUE EU NÃO SEI USAR A VÍRGULA

NÃO DIGA QUE SOU NECESSÁRIO

DIGA QUE EU FAÇO O MUNDO PIOR

NÃO DIGA QUE SOU NECESSÁRIO

DIGA QUE EU QUERO GERAR ANGÚSTIA

NÃO DIGA QUE SOU NECESSÁRIO

DIGA QUE EU ODEIO A BELEZA

NÃO DIGA QUE SOU NECESSÁRIO

DIGA QUE EU OSTENTO A FEIURA

NÃO DIGA QUE SOU NECESSÁRIO

DIGA QUE EU SÓ SINTO PRAZER PELA DOR DO OUTRO

NÃO DIGA QUE SOU NECESSÁRIO

DIGA QUE EU SÓ GOZO COM A MENTIRA

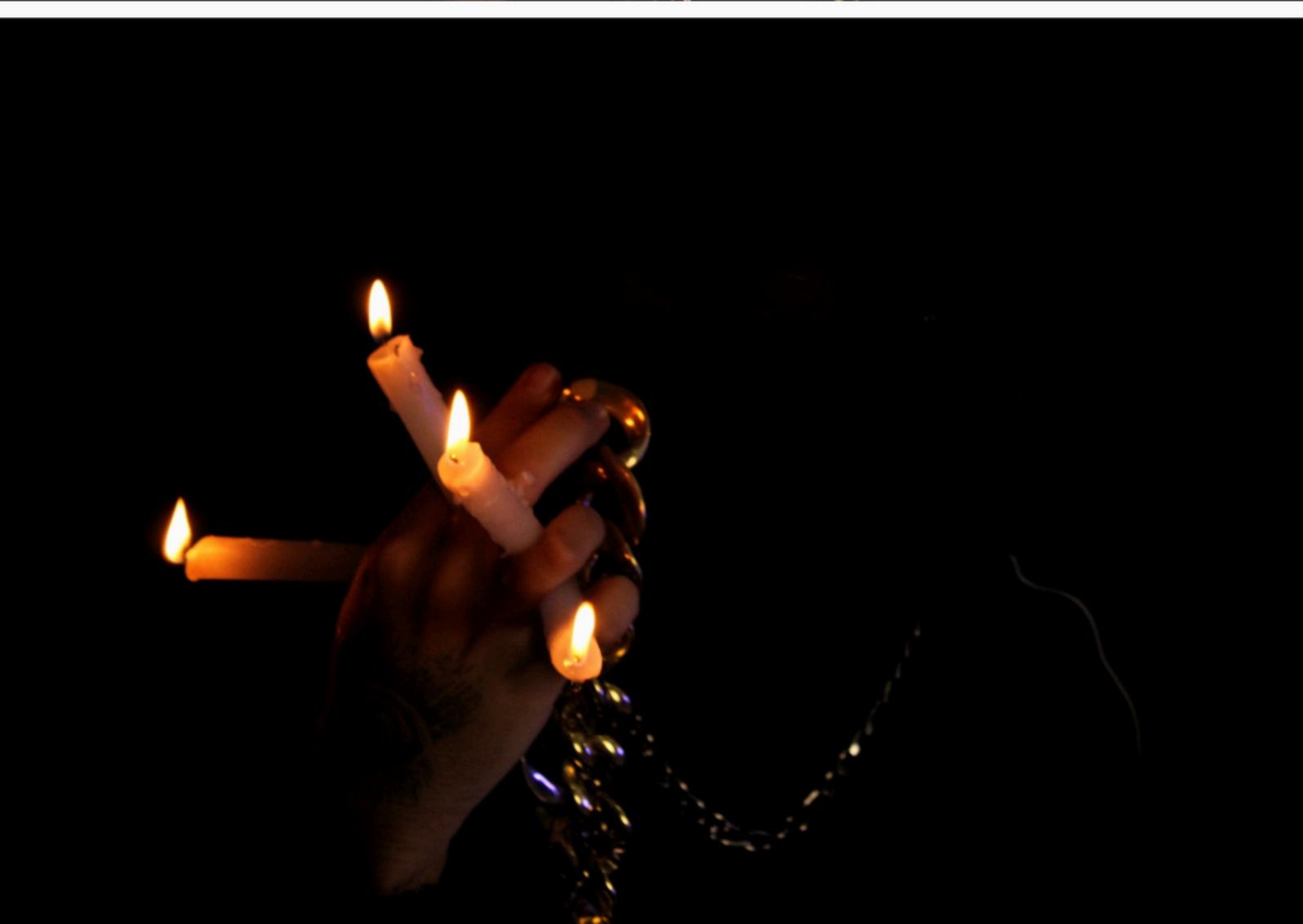
NÃO DIGA QUE SOU NECESSÁRIO

DIGA QUE EU SÓ ME LEVANTO PELA VINGANÇA

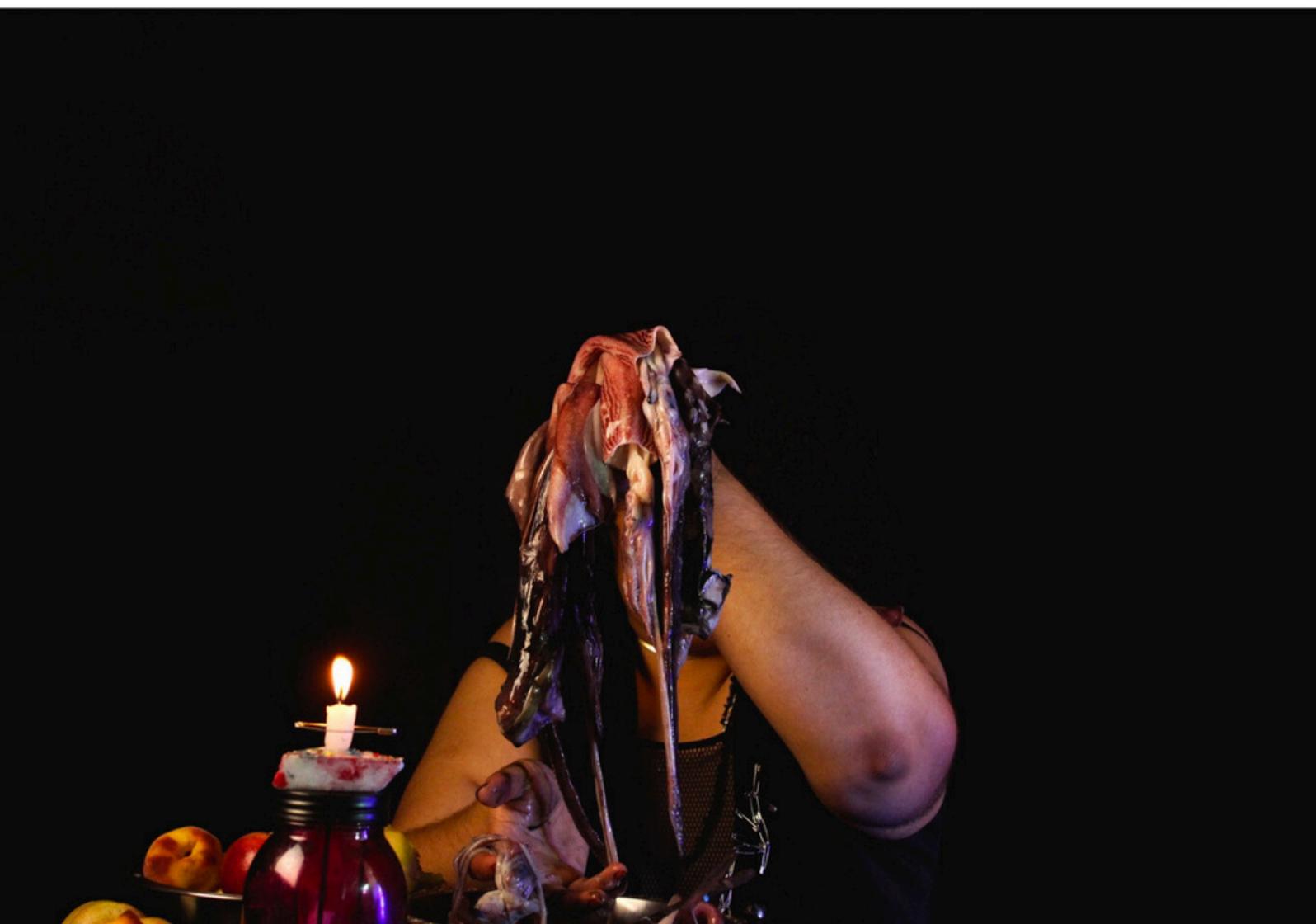
NÃO DIGA QUE SOU NECESSÁRIO

DIGA QUE EU DOU RISADAS DISSIMULADAS

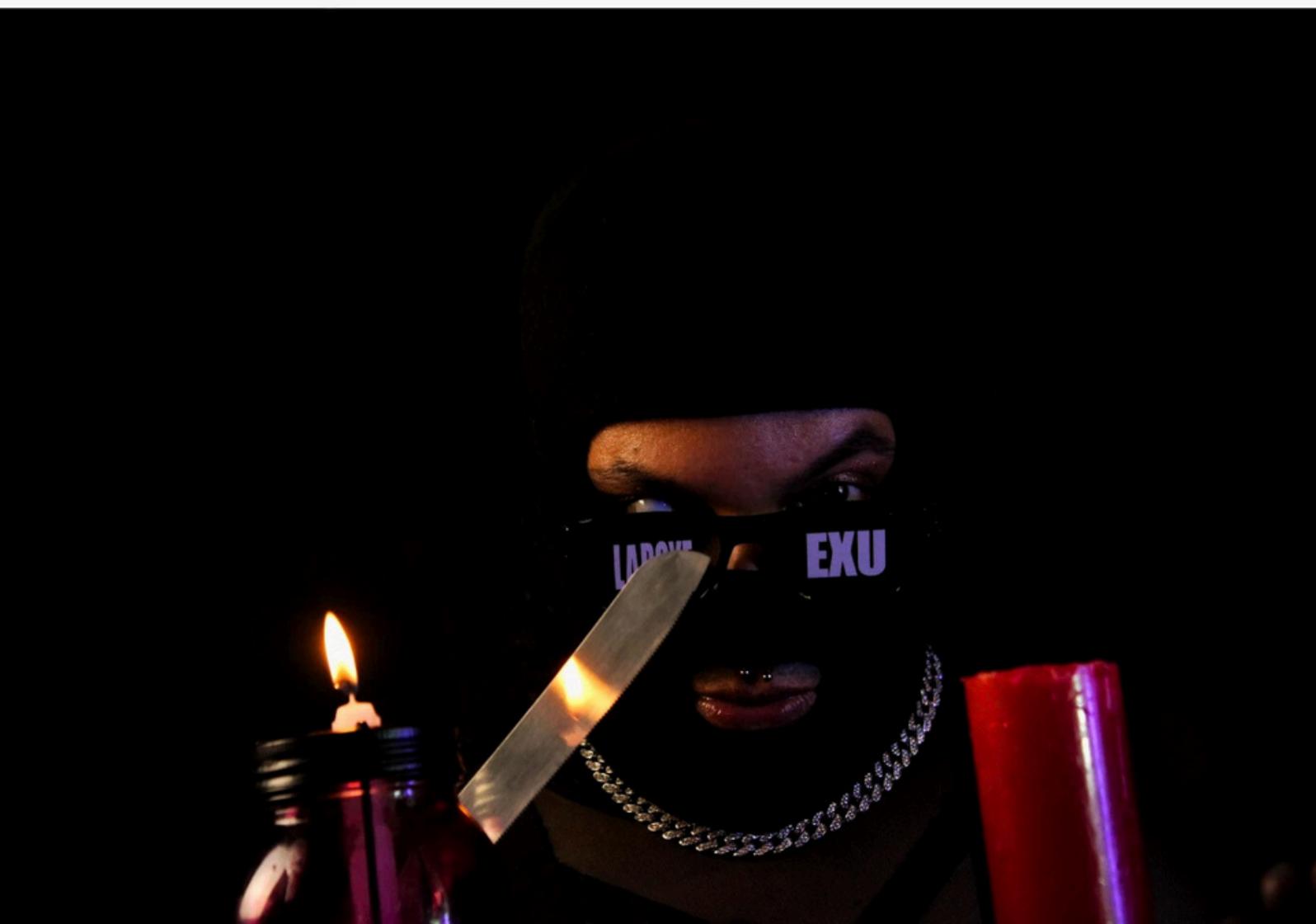




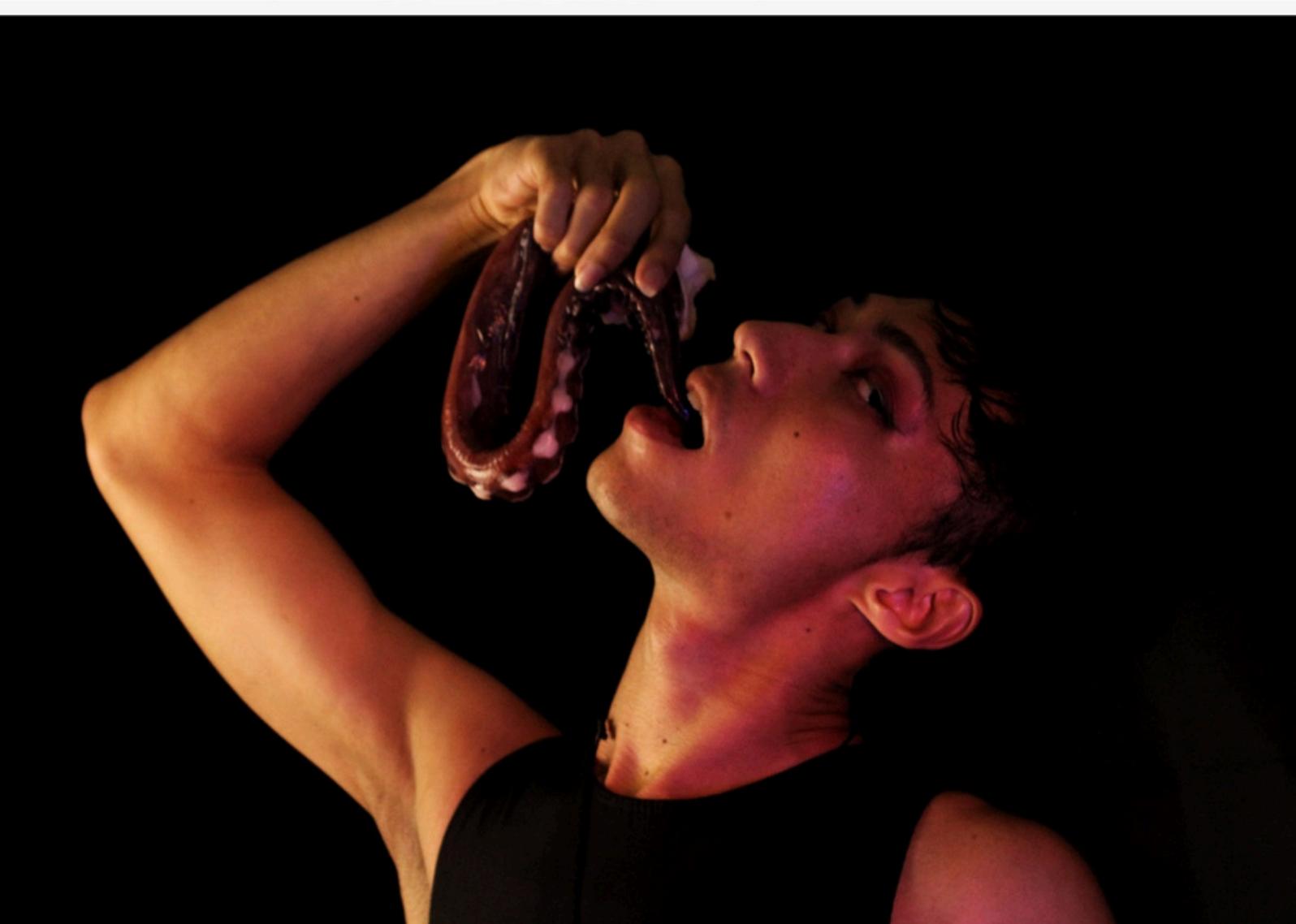


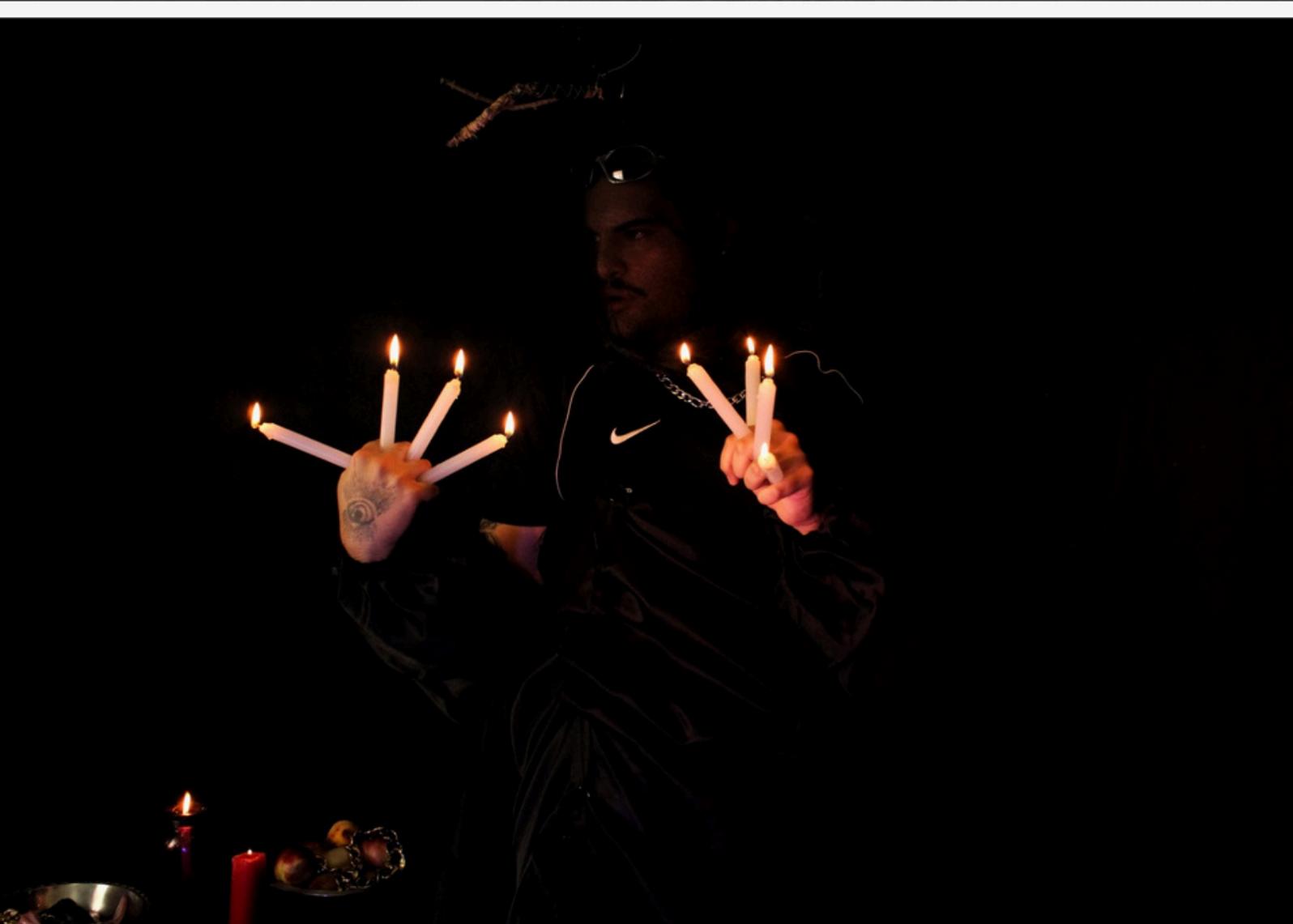




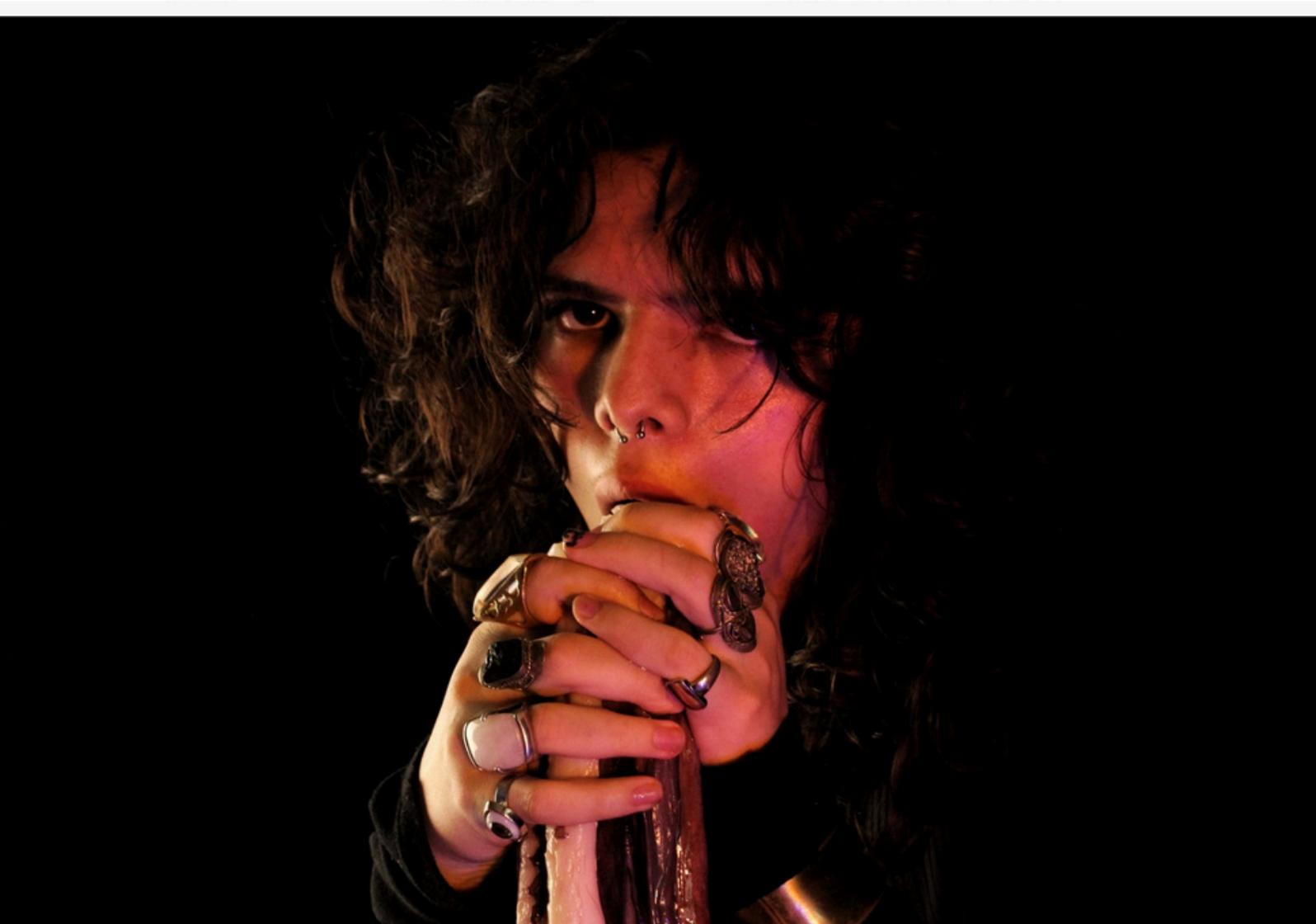
















Nota: ainda carregamos o nosso bebê, a nossa criança, o nosso adolescente e a nossa fase adulta.

Nosso corpo velho está sendo forjado pelo sistema e pelo sistema, pela comida e pelo veneno, pelo espírito que você alimenta.

Carregamos e vivemos experimentando corpos diferentes, *corpos couraça* que sofrem as influências dos astros mas também dos lastros. Sagrada e profana não caminham para se afastar pois um não é sem o outro.

Não é minha a ideia de compartimentalizar corpo, mente e espírito, nem de hierarquizar qual é mais valioso, qual deve ser mortificado e qual não deve existir.

É mais fácil controlar se dividir;

É mais fácil controlar se dividirem;

A religião cuida do espírito;

O estado da mente;

O padrão do corpo;

A alma é cuidada pelo inferno ou pelo medo. É mais fácil controlar se dividir.

Colonizando saberes;

Colonizando sentires;

Colonizando pensares;

Sua carne, aos médicos;

Seu espírito, ao deus;

Sua mente, ao capital;

Seu amor, ao usual;

Seu sexo, ao medo;

Sua estranheza ao fracasso e ao ridículo, a exposição violenta de si e de quem mais se atrever não ser como o colonizado.

Para todas as pessoas que vivem relacionamentos interraciais e intersociais: não se calem, não façam de conta que não existem diferenças primordiais entre vocês.

Você, pessoa branca, está acostumada a nos violentar. Corre no seu sangue. Quanto mais tradicional seu sobrenome, mais sujo seu sangue. Mais sujo é seu sangue do sangue da gente.

Quanto mais nomes de branco você tiver, quanto mais combinação de nome de branco você tiver, mais sujo seu sangue é. Quanto mais dinheiro você herdou da sua família, mais nojento você é.

Você, pessoa branca, que diz que não percebe e não faz por mal, que não é bem assim e que *“não foi isso que eu quis dizer”*. Você, pessoa branca, que olha pra nossa cara ao apontarmos um desconforto de raça ou classe e tem a *astúcia-coragem* de dizer que é coisa da nossa cabeça.

Você é sujo, seus antepassados são sujos do sangue dos nossos. E vocês ainda se orgulham de ter sobrenome europeu?



CADERNO II
O NASCIMENTO DA TROVOADA

27/03/20??

Cidade do primeiro santo brasileiro/SP

Delírio

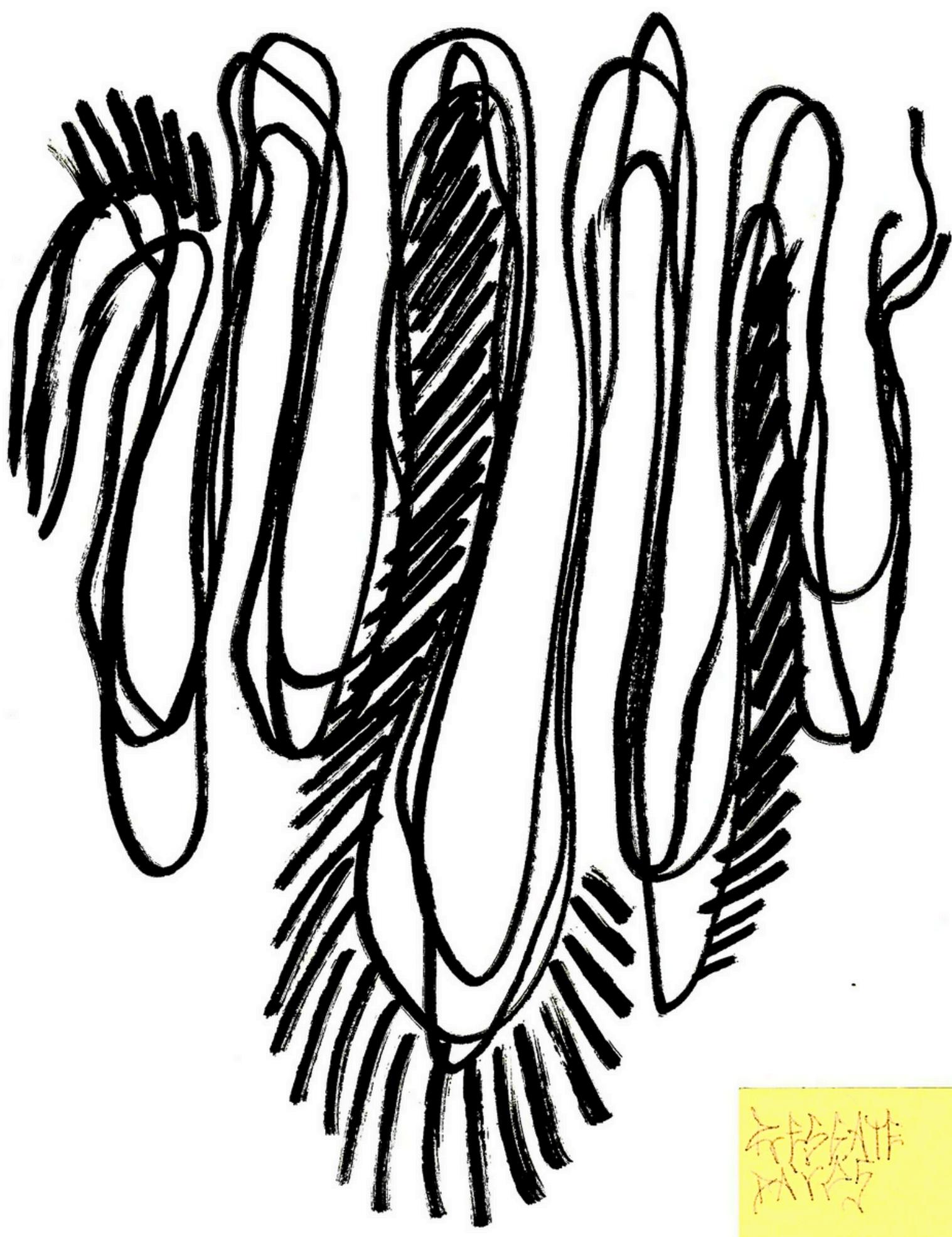
a realidade é a mobília do inútil.

qual foi a experiência do corpo
em que carnaval ou orgia se abdicaram
para Deus existir nas filosofias?

eu sou outros quando estou insólito
na superfície do desleixo,
em todas elas eu morro, com certeza.

quanto cansaço!

dorme um touro em meus sonhos.
terra gasta, me diz ele;
o lavrador diligente conhece a rota do arado.



Handwritten text on a yellow sticky note, possibly a signature or date, in a cursive script.

O NASCIMENTO DA TRAVESSIA

OS RELÂMPAGOS OCORREM QUANDO AS CARGAS ADQUIREM TENSÃO SUFICIENTE PARA VENCER O ISOLAMENTO (EM ALGUMAS TEMPESTADES, A ELETRICIDADE CHEGA A ATINGIR MILHÕES DE VÓLTIOS), ORA NO INTERIOR DA NUVEM, ORA ENTRE NUVENS DIFERENTES, DA NUVEM PARA O SOLO OU DO SOLO PARA A NUVEM.



Poderia a minha corpa travesti parir um universo?

Ensaio sobre o processo de criação artística usando gestação quanto uma metáfora para criação.

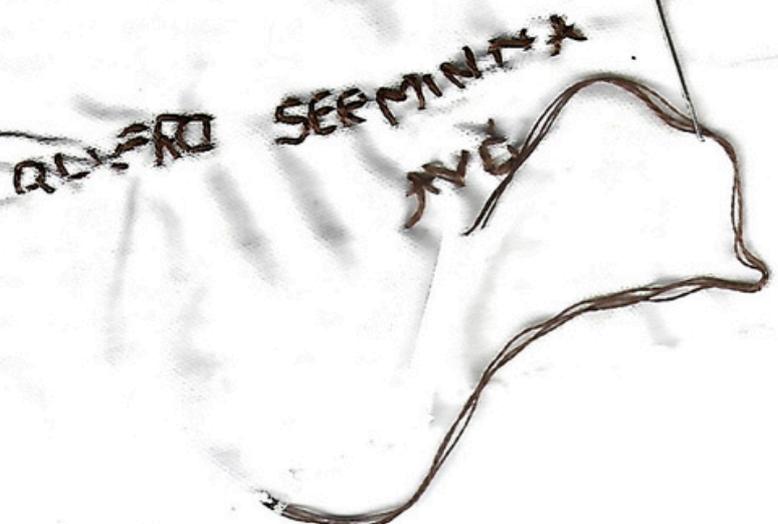
A arte, ao explorar a artificialidade da vida, nos convida a refletir sobre a natureza criativa e transformadora do processo artístico. Nessa perspectiva, emerge uma provocativa analogia entre o gestar da vida e o ato criativo na arte: ambos envolvem um momento de dar à luz, de trazer à existência algo novo e singular. Reinterpretando essa relação, é possível compreender o processo de gestação como uma metáfora poderosa para o processo criativo na arte, onde ideias são concebidas, nutridas e finalmente trazidas à luz, em formas diversas e surpreendentes.

A gestação, comumente associada à procriação biológica, pode ser reinterpretada como um símbolo poderoso no contexto artístico. Assim como a gestante nutre e dá forma a uma nova vida dentro de si, o artista nutre e dá forma às suas criações, gestando mundos imaginários e expressões emocionais profundas. Permitindo uma reflexão sobre o papel transformador da arte na construção de significado e na exploração das complexidades da existência humana. Neste ensaio, portanto, exploraremos como a concepção, gestação e nascimento de obras de arte podem ecoar os estágios do processo gestacional, oferecendo uma perspectiva sobre a natureza do processo criativo e seu impacto na nossa compreensão do mundo ao nosso redor, sendo essa criação artística um processo multifacetado que envolve uma jornada interior complexa, repleta de introspecção, emoção e expressão. Proponho explorar a gestação a partir de um corpo feminino com pau, uma corpa travesti (corporalidade específica do Sul Global, latino-americana, com recorte em Brasil).

A gestação, tradicionalmente associada à maternidade de corpos com útero, pode ser reinterpretada como um processo de dar à luz ideias, sentimentos e formas de expressão únicas. Assim, questionamos: poderia uma corpa travesti

A Gestação como Metáfora

A gestação, em transformação. Durante o período de gestação, ideias e sentimentos são trazidos à luz, reinvenção e recriação de vivências pessoais se tornam como uma pessoa que tem uma estrutura que até então não existia. Historicamente as corpas travestis enfrentam discriminação, violência e exclusão, e a democratização da arte e da cultura





25/11/14
25/11/14

Solvente
Universal
— 56

MATRONA
Refugio → Casa
Coreografia cotidiana



O NASCIMENTO DE TRAVADA

Fábula dos Anos Iniciais

Era uma vez
numa instituição de ensino, era o início do ano letivo

Nesse mundo fantástico, todas as crianças tinha uniformes novos, mochilas novas de personagens famosos, repelente de insetos dos mais caros, cadernos novos, estojos novos, lápis de cor novos, canetinhas novas, marca textos novas, livros paradidáticos novos e encapados. Cada um dos seres de sete anos tinha um marca páginas personalizado confeccionado pelas trabalhadoras que recebiam metade do que deveriam, apesar da formação.

Neste sistema, os pagadores de escola não compravam os materiais que suas crias usariam. Neste sistema, eles escolhiam pagar uma taxa onerosa para que a instituição cuidasse desse pormenor desinteressante. Sendo assim, os pequenos cujos adultos tinham escolhido pagar por esse serviço recebiam materiais novos novinhos e as empregadas eram responsáveis por etiquetar e organizar cada kit para cada criança. Às vezes, as professoras ajudam durante esse processo.

As aulas começaram normalmente, uma semana, duas semanas, três semanas... Até que uma mãe mandou um recado eletrônico para a professora responsável pela turma avisando que sua filha tinha chegado em casa com uma caneta com o nome de outra criança. “Nenhum problema. Ela me disse que eles trocaram, então está tudo certo. Só estou avisando para que troquem as etiquetas e evitarmos confusões.”

A professora chama as crianças e pergunta o que aconteceu. Uma delas explica e a professora questiona mais uma vez: Mas por que vocês trocaram?

Ah, profe... porque eu gosto mais de azul e ele gosta mais de rosa.
E respondendo à torcida de nariz da adulta: São só cores, profe.
E voltou para sua mesa para terminar a lição do dia.

A minha primeira
palavra foi AMARELO
e eu não sei mais
quais são as EU TENHO

COISAS QUE FAÇO DESDE QUE ERA BRANCA

- ESCREVER NO ESCURO

- LISTAS

- LER NO ESCURO

- Achar que estou

sentindo o mundo

- atropalhar

- passar muito tempo parado

- ficar parado e estudar Gastão

- ficar imóvel. nem um movimento de feição - SP

- saber rir com 22, operadora

de limpeza com 25, educadora

(nao queria) com 27, casada

- comer escabido com 28, virou

- chorar sem motivo com 28, arpani vende

- beber quente e com 34?

→ CRIANÇA
POR QUE PERCEBIA
NUNCA FUI

51 cm

- forte -

com 7, doença

com 10, emoliente

com 13, B.V.

com 14, 15, sei lá

com 18, universidade

com 20, querendo

PARA TODO MUNDO QUE JÁ CHAMEI AMIG

DESCUBRA

as coisas as coisas
fazem bem
para a gente
preciso sobreviver
e ser produtiva e não

DOU COPIA DE TUDO

20/02 01:31 Pólya

2024 luz amarela

com 34?

com 34?
muita coisa
de coisas, invariável
totalmente invariável
de coisas, invariável
com feição
mas quase o mesmo
- mesmo feição - que
nas em voz
+ de 1 semana
pro meu pau ker
(eu não) diagnosticado
com dengue febre
flogosa



SODAK NIS



QUE NÃO CHUVA



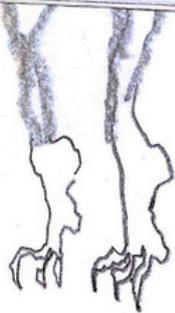
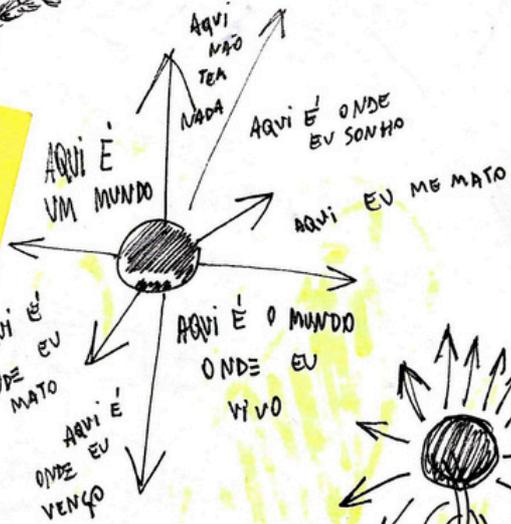
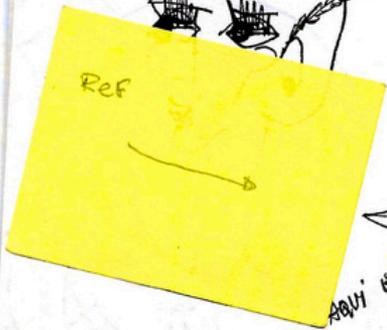
A TODE QUE VEM E QUE VAO,
AS QUE QUEMBRAM NAS PEDRAS,
AS QUE FLUEM,
AS QUE NASCEM E AS QUE SURGE,
AS BRAVAS E FORTES,
AS CALMAS,
AS QUE CHEGAM EM TERRITÓRIO PROFUNDO
E OUTROS LUGARES,
AS QUE DOMINAM E DESTROEM
CIDADES,
QUE AO SEREM NOTADAS EM NOITE
OU MANHÃ,
QUE SUA EXISTÊNCIA SEJA CONTEMPLADA,
QUE AO ENTRAR, POSSAM RENASCER,
QUE AO SAIR, TENHAM FORÇA PARA VIVER,
QUE AO MERGULHAR, POSSAM SE CURAR,
QUE AO EMERGIR, TENHAM SABEDORIA

E PARA TODAS QUE BOIAM OU FLUTUAM,
QUE SEUS CORACÕES ENCONTRE A PAZ
SEJAM SÁBIAS!

WMM ST. FRANKLIN
ZIMMER
M



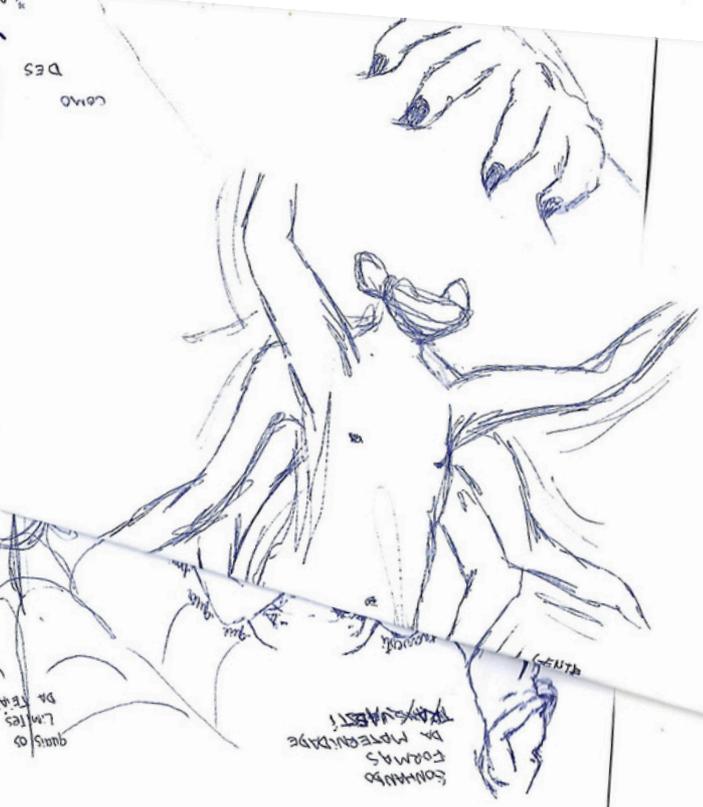




AR ATENÇÃO NA DINÂMICA DE AMIZADE ENTRE CRIANÇAS,
 NÃO AO JEITO INCONFUNDÍVEL QUE NOSSOS PAIS
 NOS CHAMAM (ENTONADAÇÃO, VOZ, JEITO)
 "CORRE, CORRE, CORRE"
 "EU TO MUITO FE LIZ"
 "A GENTE PODE MATAR?"
 "AS CRIANÇAS GOSTAM DE SE SUJAR" = "EU ACHO MELHOR DESCALÇO"
 "OLHA O LAGO CHEIO DE COISAS VIVAS E COLORIDAS"
 HÁ NELA UMA FORMA DE APEGO INGENUO, INOCENTE, HONESTA E ATENTA.



CASTIGO, RANCOR E INOMINÁVEL SE
 RELACIONAM COM A GREGONA, SUBMUNDO, HADES,
 PERSEFONE, E AS OBRAS DE DANTE SÃO
 CADELAS QUE LADRAM DE UM PASSADO
 QUE NÃO PASSAM SÃO BENEVOLENTES POR
 TRANSPARENTES POR
 SOMANDO FORMAS DA INTELIGÊNCIA
 COMO
 LITÉS



Benzeduras e Maldições

A mesma boca que benze é também a que maldiz.

Quem muito fala, nem sempre sabe o que diz.

Se não reflete o que diz, talvez não tenha responsabilidade com a palavra.

Palavra é matéria. Palavra escrita é palavra lida. Palavra dita é palavra ouvida.

Como sua vida vai andar se você não se responsabiliza pelo que bota no mundo?

Quem não se responsabiliza pelo que diz, poderá se responsabilizar pelo que faz?

Para maldizer tem que sempre lembrar que nem tudo nessa terra que você conhece ou diz que conhece é visível.

Se você sabe que é no sutil que mora o perigo, por que não lembra que Maldizer sem defesa é risco?

Maldizer por crer que sua proteção lhe protege mais que a proteção dos outros é prudente?

Por que crê que seu santo seu anjo é mais forte que o que cuida de outrem?

Se a boca fala do que o coração está cheio;

Se sua boca diz o que diz;

O que pensa que ganha maldizendo os outros por aí?

Se você atravanca o caminho do outro estará atravancando o seu próprio caminho?

Não creio em crenças que não trabalham com responsabilidade, tampouco nas que não pregam autonomia, que falam de culpa, mas não de responsabilização.



ESTRANHO

CAÇA

MATA COM

AINDA SOU SEMENTE MAS SE REI AINDA MUITISSIMO

DORME O ULHO

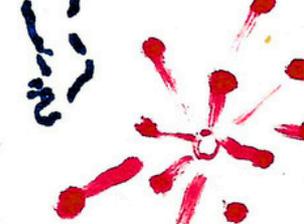
VAI PI FORA E VAI CAÇAR!

ABERTO PI VILIBAR

APOLEOS

O A H O M
M A T U M

EU:





CADERNO III
TRANSFIGURAÇÃO DA MONTANHA

MITO

FUNDADOR

(Dumbão dos Anjos)

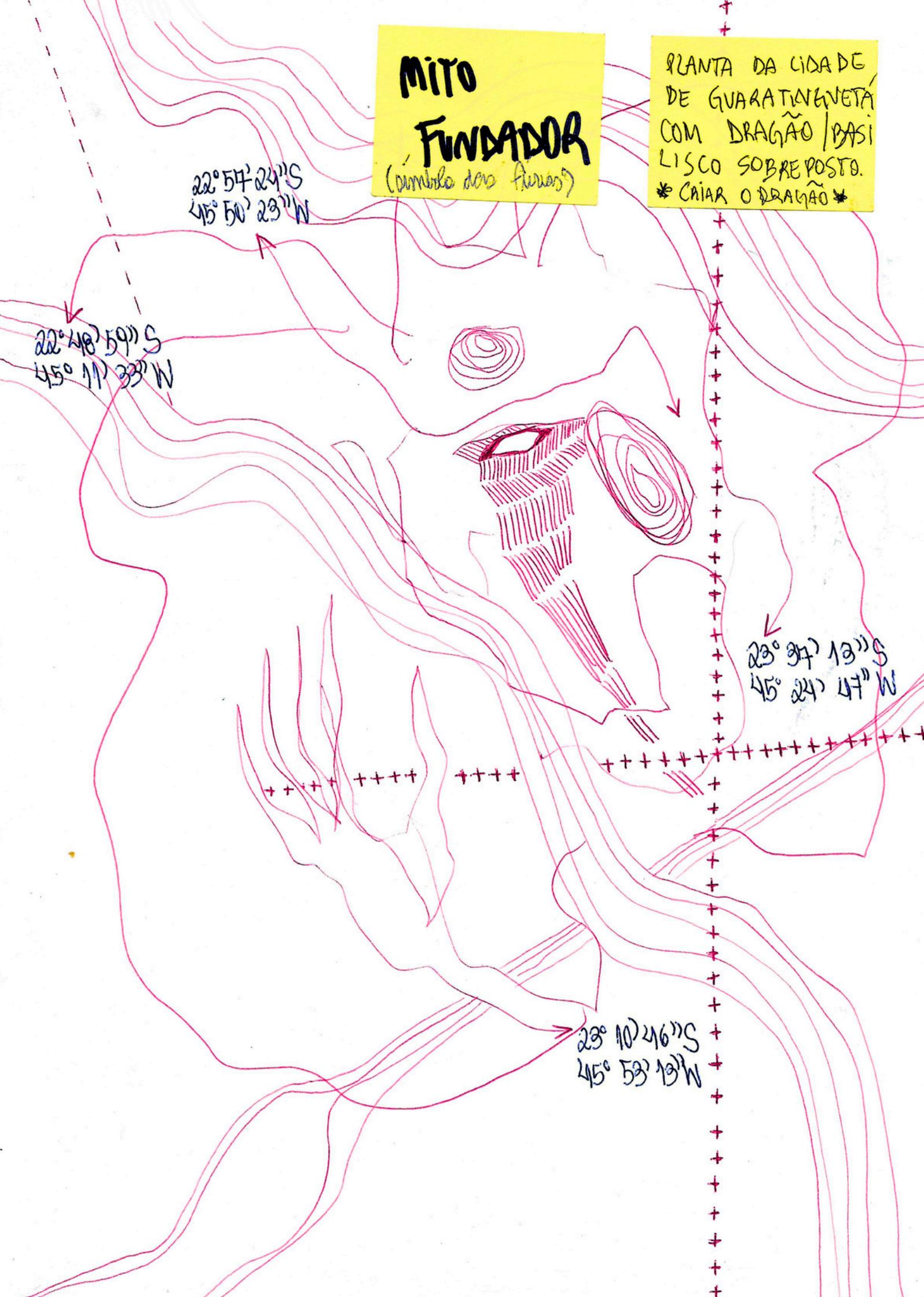
PLANTA DA CIDADE
DE GUARATINOVETA
COM DRAGÃO/BASI
LISCO SOBREPOSTO.
* CAIAR O DRAGÃO *

$22^{\circ} 54' 24'' S$
 $45^{\circ} 50' 23'' W$

$22^{\circ} 40' 59'' S$
 $45^{\circ} 11' 33'' W$

$23^{\circ} 37' 13'' S$
 $45^{\circ} 24' 47'' W$

$23^{\circ} 10' 46'' S$
 $45^{\circ} 53' 13'' W$



15/04/20??

Cidade do primeiro santo brasileiro/SP

Simulacro de produção (ou ato de manifestação criativa)

expondo a fria carne
ao rasgar um pedaço do papel
o sangue que escorre é tinta:
pintura com digitais magentas
na folha desenhada.

o desenho é a mancha,
impressão de distúrbios.
o papel são as vísceras – sou arúspice!
leio por entranhas: as linhas e vibrações
que o papel faz.

o imediato é imenso numa lágrima
caída do contorno, azul em meus olhos.
desce pelo corpo e desenha no resto,
na fria carne, rasgada e manchada
de magentas digitais.

são nas vísceras que se reescreve,
que um feitiço incrustado
na escuridão da alma -
lugar onde o açougueiro não alcança,
mas sente – mexe, inquieta,
e desenhos se tornam figuras rabiscadas.



BATENDO
00

MEUS
MAE MÍLIA

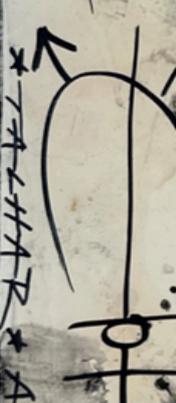
CALCANHARES

Ocupando a cidade
como uma manifestação

NÃO DOCEIS

WIS EM
KATEDRAS

NÃO SEA AMADA
TAMBÉM É UMA
CONDIÇÃO SEVERA
NA MONOGAMIA



WAO TER
BENÇÃO

BENÇA

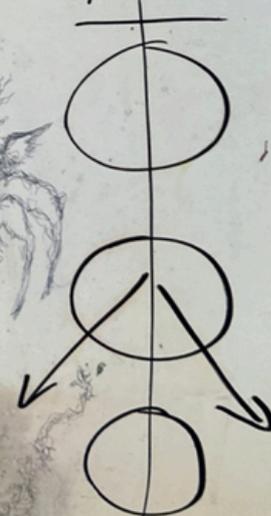
DUPI-SE



VIVER
EM VIDA+++

OFFKOK
ORINOS

WASTIA



WIA

DESTROCAR

DEVO MESMO SER TÃO
ESTRANHA QUE ACOMETO
DESCONFORTO

CORPOS

DESGRAÇA
DEFEZA

FLEMENTOS



CIDADE INTELLIGENTE

U E M

O POVO ← É → A ARTE

↓

O COLONIZADOR

NA CIDADE INTELLIGENTE

????????????

TRANSFIGURAÇÃO DA MONTANHA

BRASGA TODA A VISTA QUE SONDA O ALTO DO MONTE TABOAR
INVADE-SE PELA AMPLIDÃO D'UMA EXISTÊNCIA VIL —
NESTA ESTÃO OS TERRORES DO MUNDO;
— MENO TENS QUE O TENTADOR TE VÁ VENCEA?

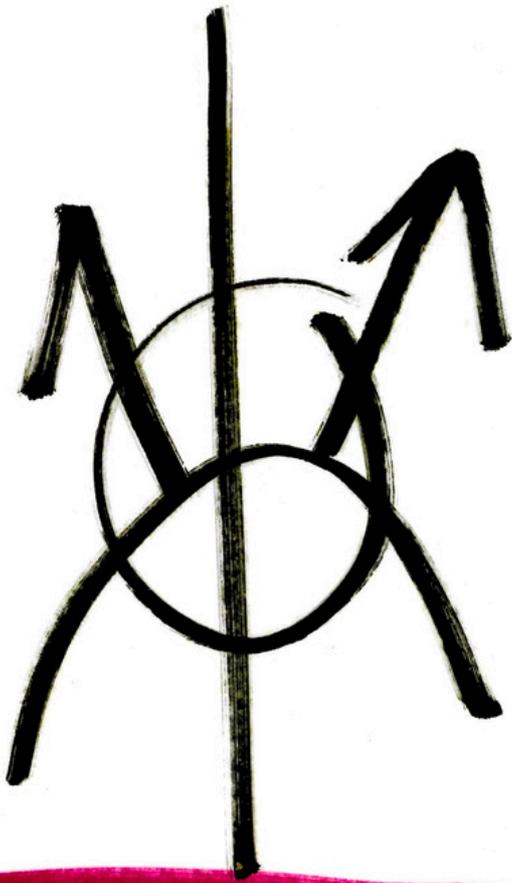
COM O VENTO ESTÃO REZAS SOBRE OS DESEERTOS E AS AREIAS
QUE COISAS SÃO ESSAS QUE ME SOPRAM E LEGAM?
VIERAM LADAINHAS COMO LUFADAS CHEIAS
A NATUREZA JÁ NÃO ~~ESTAVA~~ ESTAVA MAIS PARADA

VIU A TERRA DO ALTO DA MONTANHA
E VIVA OUTRA MONTANHA DO OUTRO LADO DA TERRA
ERA UMA PEDRA IMENSA
DOMINAVA TUDO — ALI ESTAVA O FIGHO DO HOMEM?

SUA FACE HASTEOU-SE VIL FRENTE AOS LEÕES
TUAS ROUPAS QUEIMARAM-SE CONFORME A LUZ CHEGAVA
ERGUIA-SE COMO A PRÓPRIA MONTANHA
UMA BESTA-FERA, ROLANDO IRA E VÍCIOS SOBRE A TERRA

QUANDO O SANGUE DESCEU PELA MONTANHA, BRITARAM:
— EIS QUE O REI ESTÁ MORTO!
ENTÃO SE ERGVERAM AS QUE NÃO TEMERAM O IMPOSSÍVEL
GERMINAIS DAS VISCERAS DA TERRA

— VINDE! SUBAMOS À MONTANHA
E SUBIRAM ESQUISITAS BAILARINAS
— ESTÁ FEITO!
E NOS SEUS BRACOS ABERTOS LERAM SEUS NOMES.

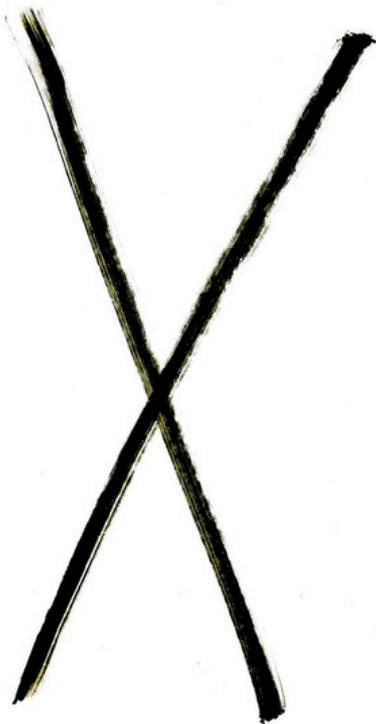


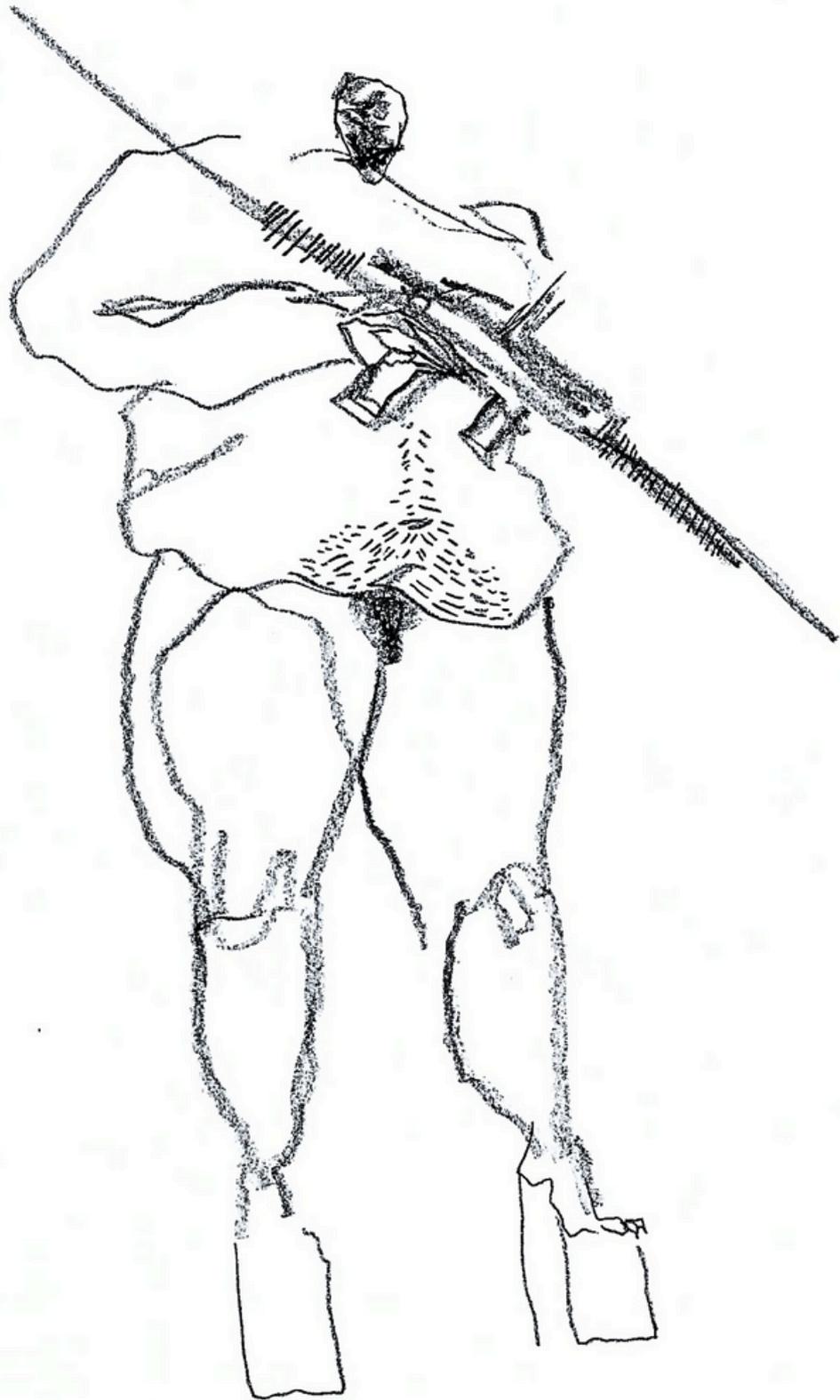
ELEVAÇÃO
DO POVO
NEGATIVA

P | 0

GPSOLO

ANTIFASCISMOS
BARRICADA
XXXXXXXXXX
SOMOS





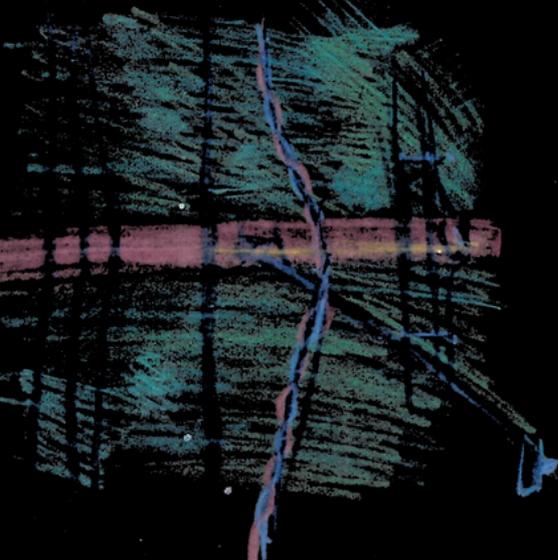
A nossa missão é sodomizar: transformar parrudos truculentos em cadelinhas fogosas no cio e com fala manhosa. Nossa meta é fazer homem bruto gemer e chorar na vara feito uma vagabunda e mostrar ao mundo que cú de macho não tem dono.

De manicômios à prostíbulos, das casas de alvenaria para os viadutos no céu e no inferno. Querem ser a história, mas nela não querem e nem guardam suas memórias. A melhor entre nós? Só aquela de corpo incontido, destruindo azulejos de pia e arranhando carros da polícia.

Esses corredores infinitos por onde imagens esquizofrênicas atravessam a rua de salas, cruzo seus quartos com meia luz e nesse espaço, entre um vazio e outro, me sinto irreconhecível. Os cabelos não me parecem tão arrumados, apesar da fome com que os cães me puxam o picumã e ladram quando destruo suas amapôs.

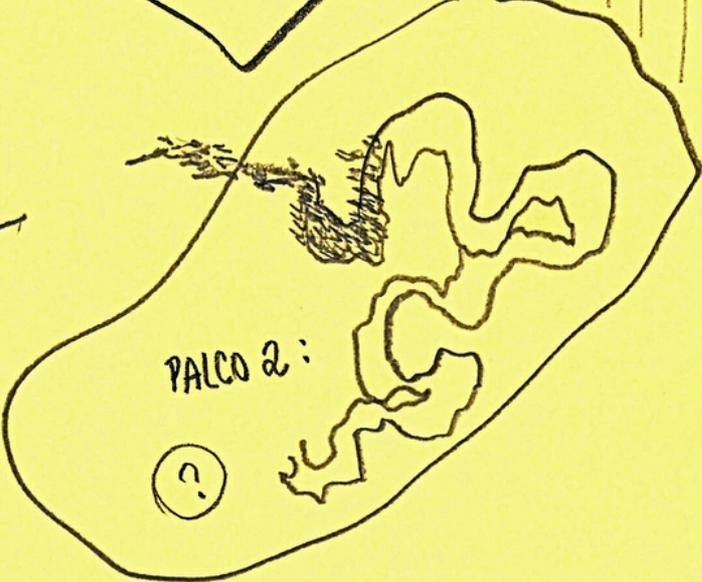
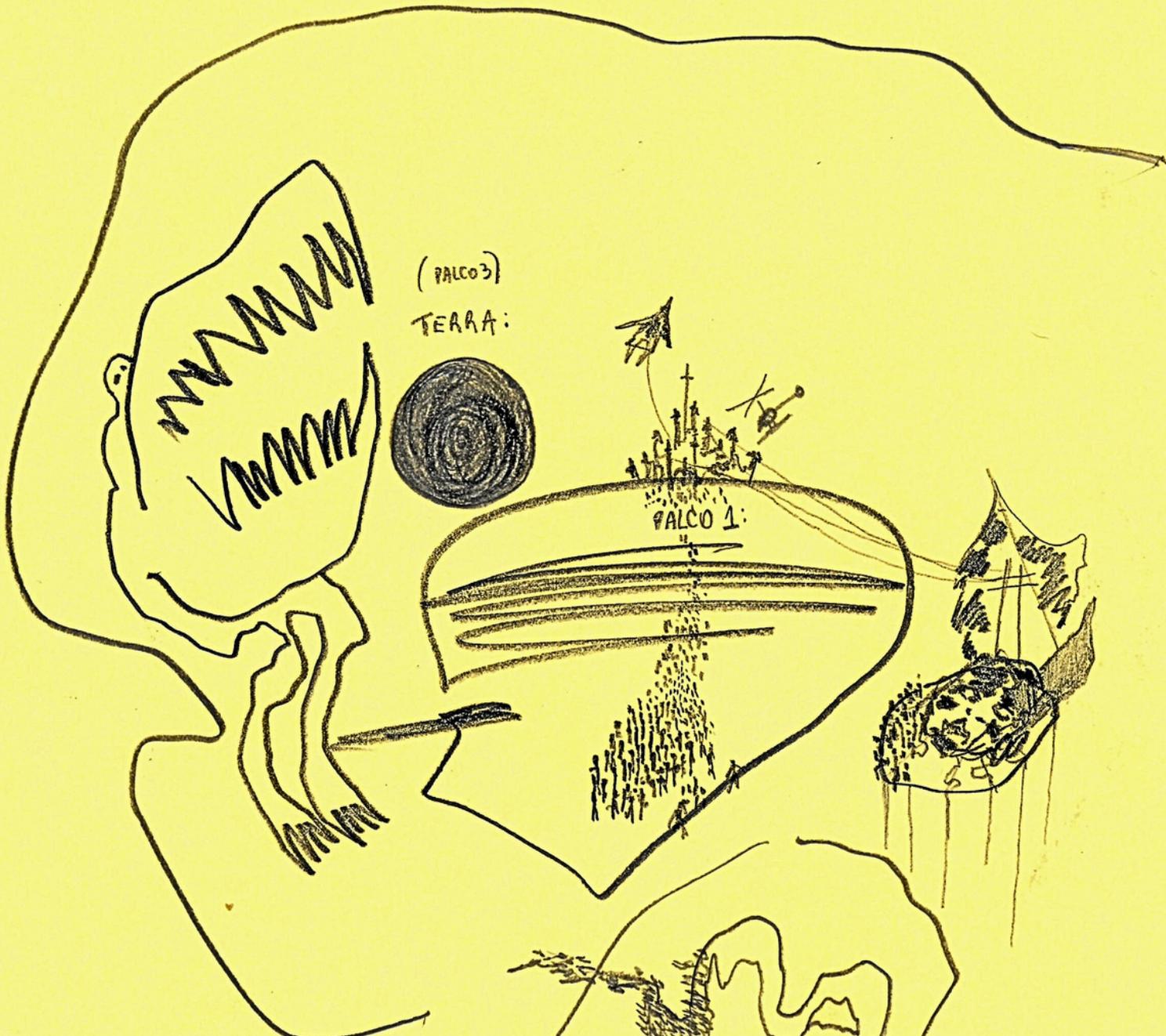
O dinheiro arrasta-se pelos bolsos, mas é nas transações que eles me vomitam e gozam na boca. É quando trocam seu Deus pelo meu. Essa é a história da loucura. Eu sigo. Mais cinco guerras. Soldados de todos os altares de Cristo vem alimentar-se do meu corpo.

Esmago seus crânios com o rabo e as coxas bem grossas, então eles dormem comigo entre os cadáveres dos seus.



BAHABADO - SITE
02 DEC 2023, 09:25am

ML



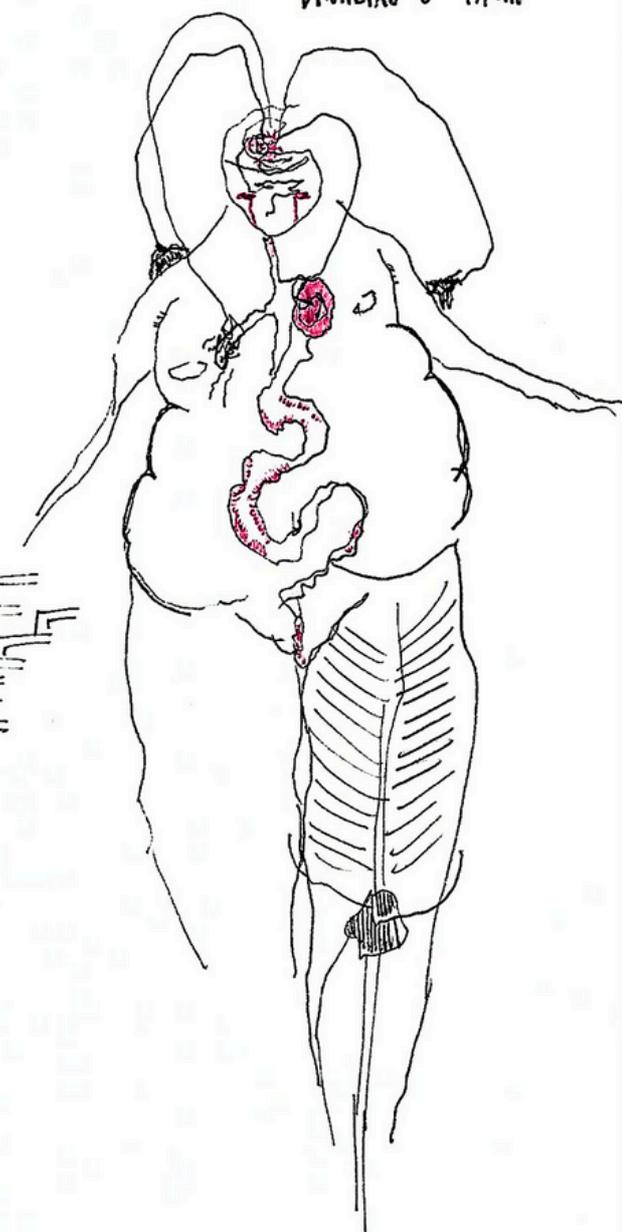
O DESGASTE DAS MONTANHAS

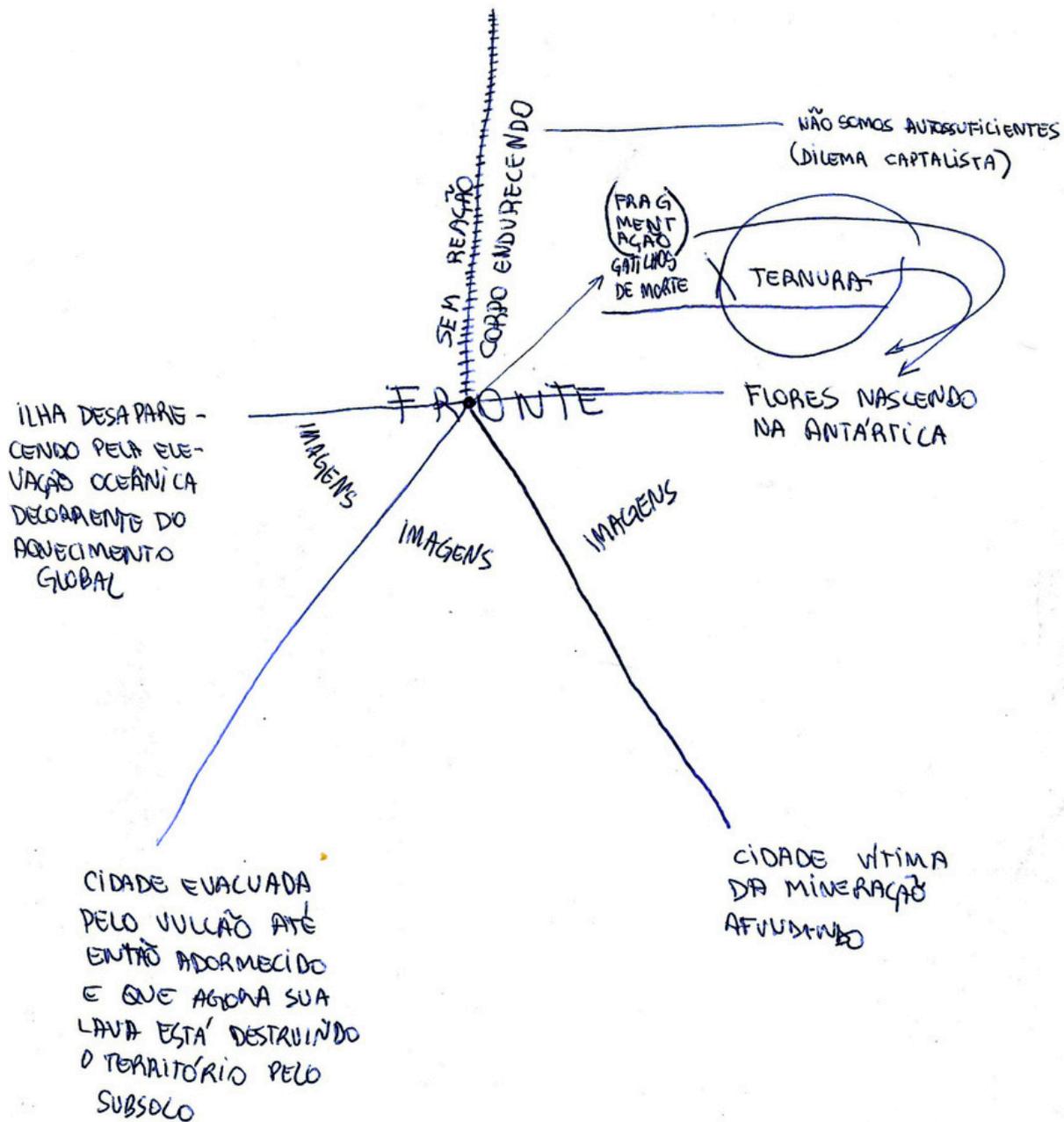
TODAS AS MONTANHAS DO MUNDO - MESMO AS QUE SE ENCONTRAM AINDA EM PERÍODO DE FORMAÇÃO - SOFREM UM DESGASTE PERMANENTE. A CAUSA DO DESGASTE DAS MONTANHAS RESIDE NA AÇÃO DO TEMPO - ATRAVÉS DA QUAL AS FORÇAS DA NATUREZA, TAIS COMO A CHUVA E AS FORÇAS DO VENTO, DESGASTAM A SUPERFÍCIE TERRESTRE.





INDÚSTRIAS
SÃO
COMO
PEQUENOS
CORAÇÕES DOENTES,
QUE
TRABALHAM
TRABALHAM
TRABALHAM
MÃOS ANDA + DOENTES
RETIRANDO SEUS
CORAÇÕES
POR
DINHEIRO E FAMA





MORTE

"MATA COM BONDADÉ"
 L AINDA SOMOS MUITO AGRESSIVAS
 L GENTILEZA NÃO É BONDADÉ

→ SEQUINTE : →
 INSERIR A INTERVENÇÃO URBANA :
 RISCAR "CIDADE GENEROSA" DOS EMBLEMAS DE SSC



וְהַמִּזְבֵּחַ
הַמִּשְׁכָּן

EVV3



QUANDO EU ESTIVER FINALIZADA SAIREI INTEIARINHA MONTADA DO CRÂNIO DE HENRI FERRAZ

Órficos, pois eram homens que amavam as trevas. Viram as travessuras de Jesus, mas continuaram amando a Terra.

A resposta para muitas religiões e dominações está na carta de Paulo em Gálatas:

- Considerem outros malditos, pois a Soberba é o que faz existirem tantos cultos. Nesses não tem Deus, portanto, não são bons. Só um nome abaixo do céu conduzirá o Homem.

Jesus veio para os seus, todos aqueles já inferidos pela ficção de poder que especulava a necessidade de um novo mundo: - Todo aquele que amar sua vida irá perdê-la. Somente aqueles que se desfazem dos prazeres da vida serão salvos.

Então, um novo mundo foi erguido e dele rios de sangue escorreram para o oceano. Todas as quimeras do mundo foram extintas, somente as trevas existiam. Não sabíamos o que éramos em meio a infinitos parques de prédios.

AMENDOEIRA DA PRAIA

(*Terminalia catappa*)

- Chapéu de sol, Castanho-
lira, Coração de negro

- ação microbiana, anti-oxi-
dante.

- tóxica se consumida
sem conhecimento

- árvore de grande
porte, aprox. 35 metros
de altura







1350

Queridas,

Antes de tudo a bênção, em meio às pedras que nos quebram e aos que fluem, reconhecemos as nossas jornadas, algumas de nós são bravas e fortes, enfrentando eles, enquanto outras são calmas, fluindo suavemente, algumas chegam em lugares profundos, mergulhando nas profundezas do desconhecido, enquanto outras dominam e destroem cidades, deixando sua marca.

Independente, de onde estivermos - em noites escuras ou estrelas brilhantes, desejamos que nossa existência seja sempre contemplada, que ao entrar em novos caminhos, possamos renascer, que ao sair dessas situações, tenhamos força para enfrentar os desafios que se apresentam diante de nós...

Ao mergulhar nas profundezas de nossos próprios seres, que possamos encontrar cura, renovação e autoconhecimento e ao emergir dessas profundezas, que possamos trazer conosco a sabedoria adquirida durante nessa jornada.

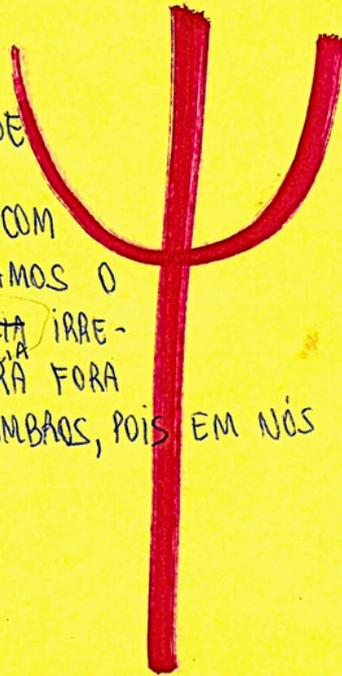
Para aquelas que boiam ou flutuam na superfície de tempo da vida, que seus corações encontrem a serenidade... A paz necessária... Que possamos ser sábias em nossas escolhas e gentis em nossas interações com o mundo ao nosso redor.

Que a prece nos guie em nossa jornada, que possamos nos reencontrar em um banquete abundante, mesa farta para as nossas em local seguro e próspero.

com amor,

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Rusite', with a large, sweeping flourish above the name.

O IMPOSSÍVEL PARA NÓS
DEVE SER A OPORTUNIDADE
PERFEITA. TEMEMOS O
MEDÍOCRE E O ESCASSO. COM
QUAIS INSTRUMENTOS MATAMOS O
MUNDO COMO ESSA ~~INSTÂNCIA~~^{INSTÂNCIA} IRRE-
PARÁVEL? QUEREMOS PARA FORA
DAS RUÍNAS E DOS ESCOMBROS, POIS

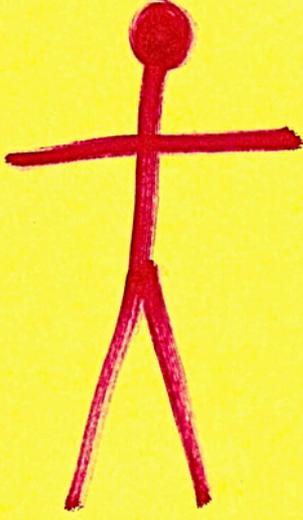


QUEER
OU
MORTE

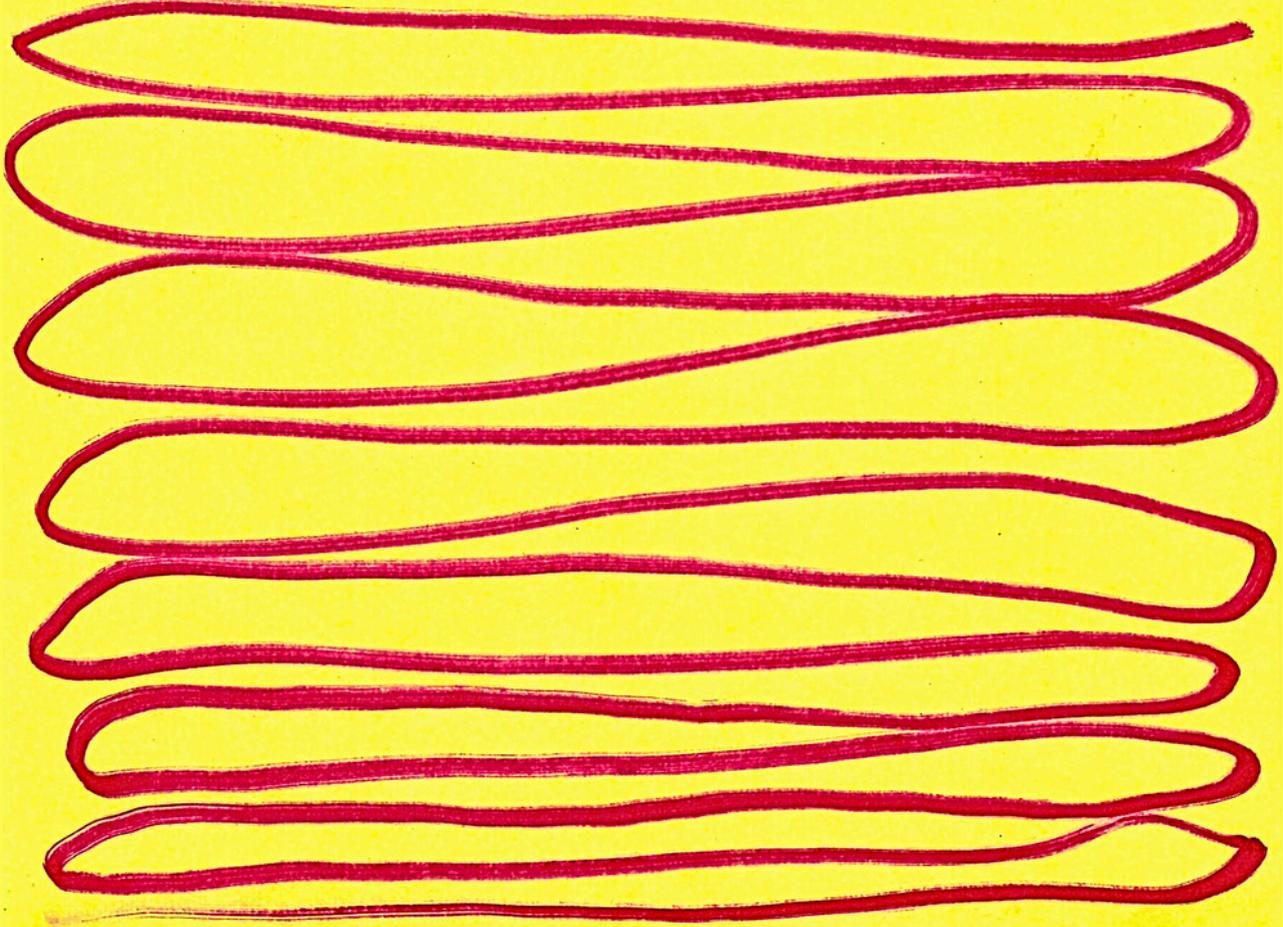


EM NÓS FOI ESCRITO QUE SOMOS
ERRÁTICAS
E DESDE ENTÃO
ATUAMOS PELO
FRACASSO.

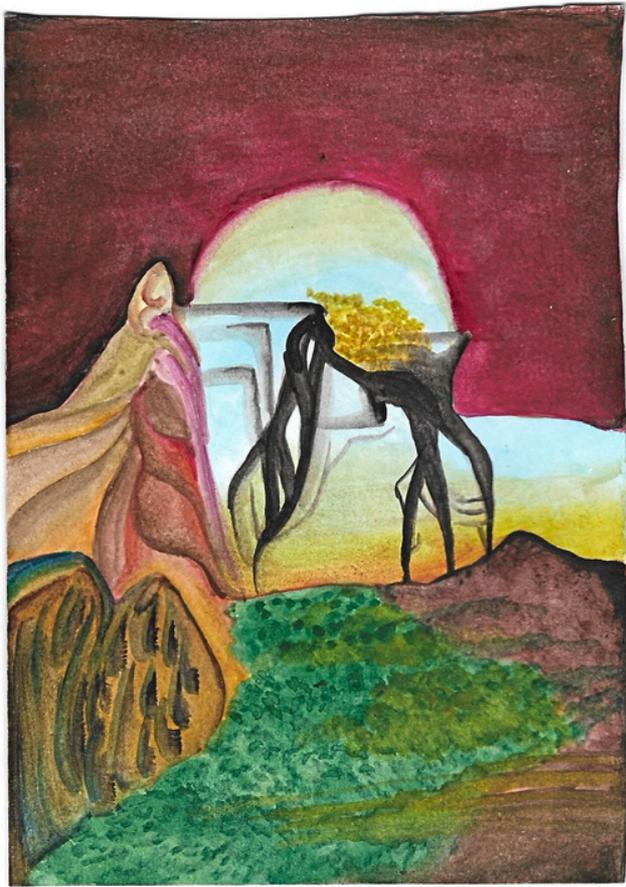
O MAGMA INFILTRA-
-SE CADA VEZ MAIS
PELO SUBSOLO, NOS
OBRIGANDO À SUPER-
FÍCIE ONDE A CHU-
VA É ÁCIDA E OS
RIOS DE VENENO.
OUVIMOS A EVACUA-
ÇÃO DA CIDADE. FO-
RAM INÚMEROS OS
TREMORES QUE NOS
FIZERAM CHEGAR À
CULMINÂNCIA DO
INCERTO, UMA
ESTRADA FECHANDO
CONFORME A CURVA
SE ESTREITA.



TRIPAS ABAIXO
E ACIMA DE TUDO







SONHANDO EM VÊNUS COM AS MULHERES DA TERRA
SONHANDO EM VÊNUS COM AS FÊMEAS DA TERRA
SONHANDO EM VÊNUS COM AS PEDRAS DA TERRA

QUANTO
TEMPO ATÉ ALGUMA DE NÓS

ESCREVER UM NOME NUMA PAREDE DE CIMENTO E OSSOS
E ESSE NOME SER O NOME DOS NOMES ?

RESTAUM
MULTIMAO
CASCALHO

XXX

O QUE
TE ME NOS
LHEI TE TE
RESTA

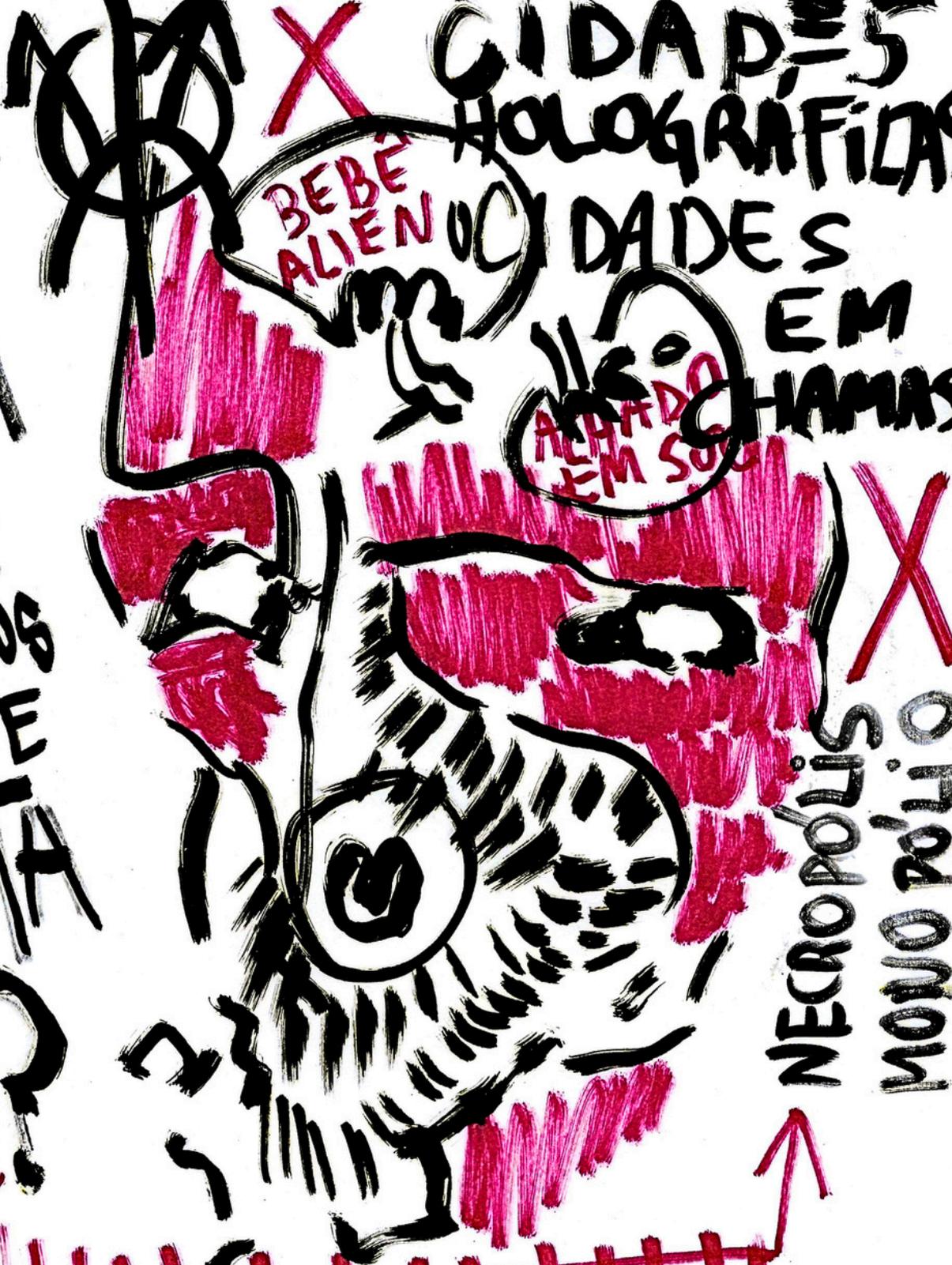
FIM
DA
VA BANIDADE

H H H H O Δ H H

SOAOS
QUEER

X

ELEVAÇÃO
NEGATIVA
P/O SUBSOLO



X CIDADES HOLOGRAFICAS

CIDADE S EM CHAMAS

ALVARDO ALIADO EM SUO

DEBE ALIEN

NECROPÓLIS
MONOPÓLIO

X

CADERNO IV
CADEIA ALIMENTAR

31/10/20??

Cidade do primeiro santo brasileiro-SP

Arados arrozais

se corro, não estou a salvo...
mesmo quando divago, sou vencido.
azul e vermelho na tardinha.

mesmo quando as linhas descansam,
não estou a salvo.
há sempre uma rasura no instante.

semeador de angústias:
pântanos de outubro, colheitas de abril.
que coisas agro em mim?

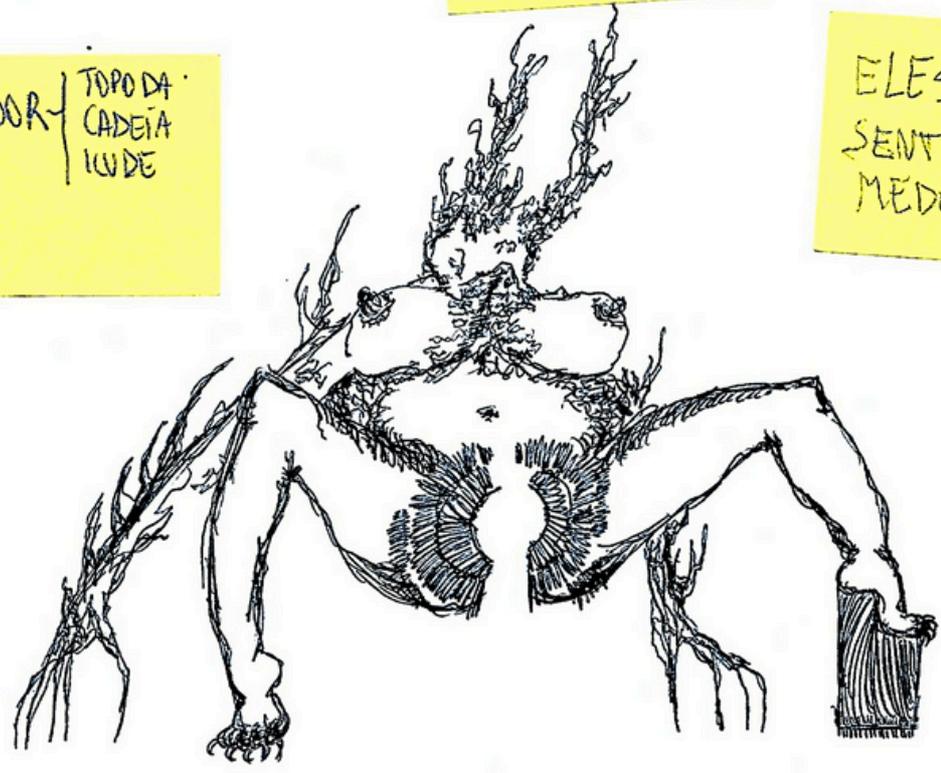
CADEIA ALIMENTAR

ROMANTICO ILUSÃO

ESTAGNAÇÃO

PREADOR } TOPO DA CADEIA LUDE

ELES JA SENTEM O MEDO!



HOMENIDADE

CADEIA: ELE PREDAR A PARTIR DO TOPO ATÉ A BASE O OUTRO QUE TUDO VÊ

PERMISSIVIDADE

O que sobra e o quem sobra

HOMENIDADE

— REGRA DE MEDIDA DA DIGNIDADE —

quanto mais próxima da figura do macho cis hetero normativa mais a criatura possui direito à dignidade. Tradicionalmente, se busca humanizar as criaturas, mas não querem nos humanizar, querem nos homenizar, nos tornar mais próximos da imagem e à semelhança do macho, — a dignidade tem sido associada exclusivamente à humanidade colonial, desviando-se para outras formas de vida e entidades. É limitada e excludente, perpetuando suas hierarquias. Propomos aqui uma capa...

ou melhor uma demolição do conceito. POR QUE DEVERIA SENTIR PENA DELE?

"homenidade" é uma aplicação do entecimento de dignidade

~~CONCEITO~~ A NOÇÃO DE DIGNIDADE TEM SIDO HISTÓRICAMENTE ASSOCIADA A IDEIA DE UM HOMEM BOM, OU SEJA, A QUALIDADE DE SER HOMEM. EXCLUSIVISTA. UMA VEZ QUE NOS DEIXA DE FORA - QUE TAMBÉM PODEMOS POSSUIR VIDA.

Para baltezar fereira, na capitania de São Vicente, não eram dignos de viver, nem era alto demais... e nossos corpos estranhos demais para ocupar espaço em um mundo civilizado (sem encanto). virilidade e coragem dele, são valorizadas pela sua disposição em enfrentar a monstro e proteger sua ação corajosa é reconhecida e celebrada, destacando-a como um exemplo de bravura e força
MEUS PARABENS AO MACHO!!!!



ENTÃO, DE CÉRIA PARA QUE ELAS VENHAM, POIS JÁ SADEM
QUE EU OF ESPERO DEPOIS DE SEUS EXPERIENTES.
NÃO TEM MOTEL, NEM CARRO; O NEGÓCIO É FAZEA RAPI-
DINHO NA SURDINA PARA QUE ESSE EBO ENCAUSTE NOS
BANHEIROS PÚBLICOS. SE NOS PLOLIFERAMOS É POR QUE
A DEMANDA CRÊSCE. SER MACHO É SERVIÇO PARA TOLOS,
MIMADOS. JÁ SER FÊMEA... É UM POUCO MAIS DIFÍCIL
COM O PAU ENTRE AS PERNAS.

QUASE PASSO DESPERCEBIDA, MAS VÊNUS É ATREVIDA E
DESCUIDADA E DEIXA SEMPRE UM PEDAÇO DE SI PARA TRÁS.
NUNCA COARO. MANTENHO A CALMA, ATÉ ACHO GRAGA.
TENHO COSTUME DE AIA DOS MEUS PENSAMENTOS TRA-
VÉSOS. ME DISFARÇO NAS MULTIDÕES, MAS ATRAIU BEM
MINHAS PRESAS - SE QUANDO OU SEMPRE, SOU A PRESA
QUASE TODAS AS VEZES.

ESTERO COM PACIÊNCIA UM MACHO DAR TINTA PARA IR ATRÁS
DELE LITE ALIVIAR OS GRITOS, TODOS MUITO SILENCIOSOS:
GOZOU, GUARDOU, E SAIO ESTERANDO POR OUTRO.

GOSTO DE ESPERAR DEITADA NO BANCO, COMO SE EU NÃO
TIVESSE PRESSA. NA VERDADE TENHO É GULA, ÂNSIA E DESG-
TÔ. ME FALTA DEMAIS NÃO SER FODIDA TODA HORA. GOZAR
DEVERIA SER UM CRISTO, ALGUMA COISA MAIS ADONADA. DEVO
ESTAR UM POUCO CANSADA, MAS NÃO SEI DE QUE. SER
SAFADA REQUER ESFORÇO E CUIDADO, EU SÓ QUERO SER
DESCUIDADA, DEIXAR QUE ME CUIDEM.

AS VEZES, QUANDO ESTOU NESSE INTERVALO ENTRE DEUSES,
FICO PENSANDO COMO SERIA SE EU FOSSE UMA GOS-
TOSA BEM GOSTOSA, DESSAS QUE BODEM SE FAZEM
DE DIFÍCIL MESMO P/ OS DEUSES. IRA DE ZEUS SERIA,
COMO SE PUDÉSSEMOS ESCOLHER... UMA PARCELA DE NÓS,
NÃO!

TENHO SEME, MUITA SEDE. JÁ ESTOU MARIADIGA. É
MINHA VIGÉSIMA VOLTA NO PARQUE E NENHUM MA-
CHO ME QUIS. NENHUM PAI, NENHUM TIO OU AVÔ...
DEVE SER PORQUE É FIM DE SEMANA E A FAMÍLIA
TODA VEM PANTASIAR NO PARQUE.

SOU UMA BOA MARICA, COMPORTADA E
CONTIDA PARA NÃO SER ABATIDA. SOB
VIVO MAIS OU MENOS ASSIM, EU ACHO
É PELA OUSADIA QUE SOU MAIS BYX
QUE ME DEIXO SER RECONHECIDA... NÃO
SEMPRE, MAS QUASE SEMPRE PARA QU
SAIBAM QUE SOMOS UMA INCURSAO
IMINENTE, COMO SE DE REPENTE HABIT
SEMOS TODOS OS ESPAÇOS COMUNS.

A MACHOSFERA É UM ECO(LIS)TEMA COME
CERTAMENTE ULTRAJANTE MINHA NATUREZA S
ESSA FÊMEA TÃO OBDIENTE. É QUE NI
SEI SER OUTRA TÃO BEM E MENOS PR
TERIDA. É MESMO DIVERTIDO SER A
PUTA, AO MENOS SOU CELEBRADA POR
ISSO. SOU CELEBRADA QUANDO ELES VI
TAM, SEM DIZER QUE VOLTARIAM.
PODERIA ARRANCAR SUAS PÍLLAS E ARMA
UM ESCÂNDALO... MUITO JÁ QUÊ FA
ISSO. MAS, OS MACHOS NOS SUBSTITU
POR OUTRAS. NÃO SABEMOS MUITO, MA
ELES TEM SEGREDOS. PRODUZEM E SE
REPRODUZEM CONFORME NOS ARTICULAM
ELES MAIS SILENCIOSOS CEDENDO POR
NOSSOS CORPOS. DEVE SER INCRÍVI
DESEJAR COM TANTA FORÇA. EU JÁ
ESTOU ESGOTADA, MEU SEXO TEM DE
SER PRÁTICO.

O DESCANSO É TÃO
IMPORTANTE QUANTO
A CAÇA SE NÃO
EU VIRO PRESA

Picumã liso no carvão conforme a brasa rubra pelos confins do Inferno:
sou essa megera na Cidade de Dite. Só sento no colo de quem me paga com os dentes.

A górgona Medusa mora ao lado e se diverte com a varinha dos preferidos de Deus. É ali um cemitério de anjos de pedra e sua arte tumular.

Eu não tenho medo, tenho arataca: mandíbula de monstro, arranco a pica de seus machos. Vivo três feras: pantera, leão e loba - a última quimera a caminhar sobre a Terra. Tudo que é esquisito e torto caminha comigo, não é diferente na PQP.

Quando nasci das vísceras do mundo, o metal me forjou a medida que o sangue me ensinava a plantar e a colher. Pois, é verdade: o mundo dos homens ludibria com matemáticas automobilísticas e indústrias aeronáuticas. Assim, reproduzem ferramentas e máquinas extrativistas.

Tudo estava para mim quando eu estivesse pronto, mas eu fêmea só podia ser arma de fogo. Foi somente quando uma legião de sentinelas me ensinou a ser égide que passei a ser uma bomba: ossos supercondutores e fluxos eletromagnéticos numa pele gorda.

Onde dormem os malditos e vilões, que pecado ou crime pode ser maior do que ser erê na ninhada do Senhor? Vem vindo adefuntó negociar, trocar seu crime pelo meu. Eu quero toda sua fortuna e seu poder.

Pistola 12mm decora a margem superior do ílio, ali que a porra é lágrima e o suor a ponta de uma pena, pulsando o músculo na linha óssea curva. Palpado em fúria, mira de volta o peito. Puxa, saca e dispara: 100 ânus de perdão.

São as coisas somente depois de seu fracasso. Pois, até então, se resguardavam em sobrevida. Depois do fracasso, serem a maior das coisas que não puderam ser antes, dançando numa fabulação de coisas. Eu dormia do lado de fora numa cama de escombros, mas agora eu pinto o chão da sala com meus pés sujos.

Ao desenhar uma linha puxo para destruí-la, e com o passar do tempo ela será um corpo graças à falência das coisas. Minhas asas abrem-se, descobrindo meus flancos. Afio a mandíbula sobre uma prancha metálica: xáain, xáain, xáain - é o som escuso das coisas dentro de seus espaços mínimos.

Gemem e não repousam já que, como eu, trocaram as mãos pelos pés para dançarem sobre ruínas.

Flores por todo o corpo, crescendo entre as pernas e ao redor dos olhos. Minhas flores e seus esporos espalhados pelo ar, como já muito novo eu escrevia para tudo que eu quisesse ser: meu peito germinado de flores, azuis e vermelhas.

No horizonte, enche-se a cidade por uma chuva de fuligens. É o meu corpo se desfazendo suavemente no ar, completamente destruído. Lamento de angiosperma. Só a putrefação me responde, pois a cidade me abomina.

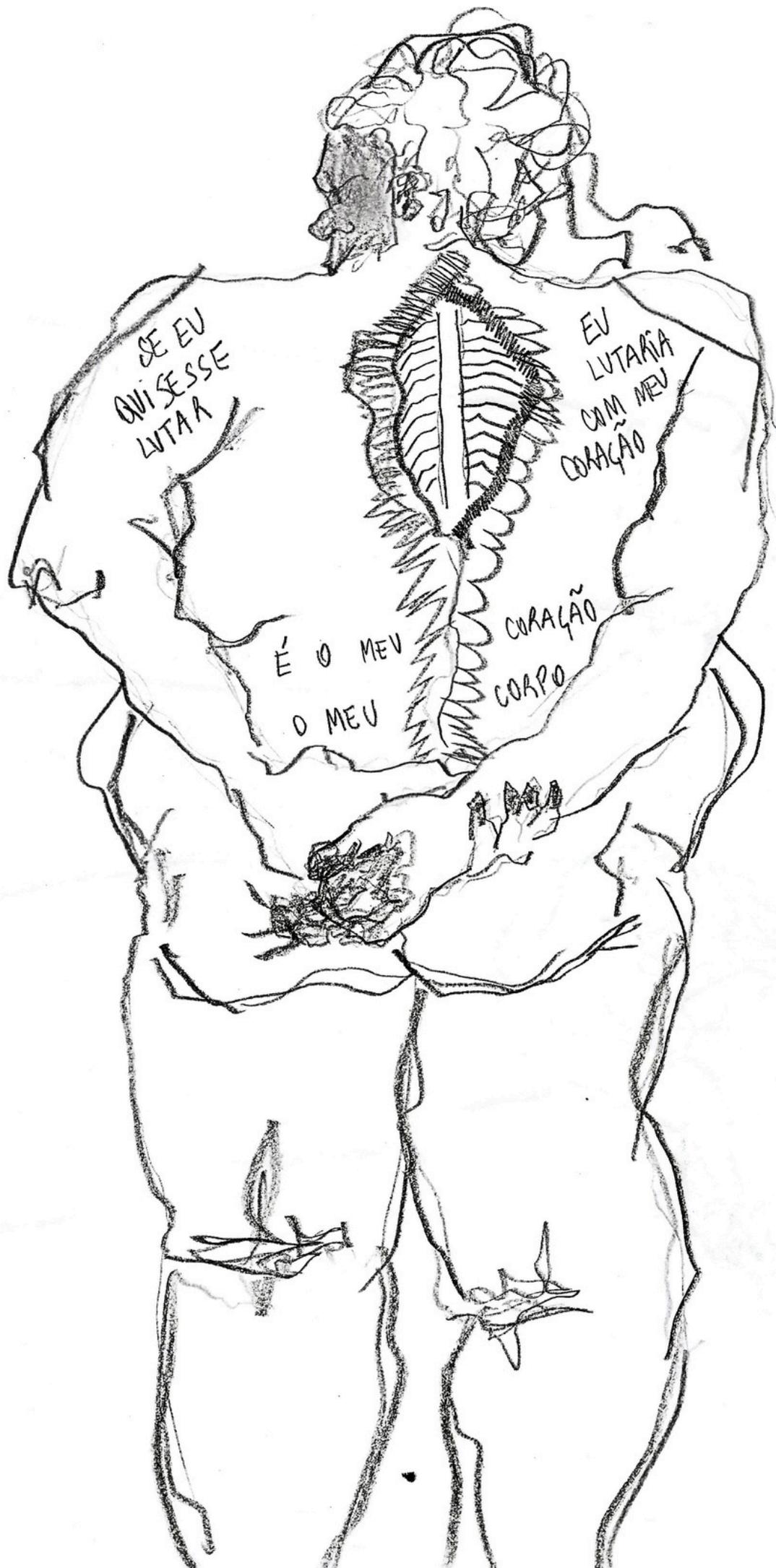
Sou raiz e megaestrutura de fibra, aboiz de carbono e amoníaco sobre os confins da Terra. Estou me destruindo para refundir com escombros e vigas. Eu não nasci, estou sendo forjada. Estou entendendo: para fugir ou apressar o fracasso, pelo engodo ou pelo engano.

E se fizer, faça que também queiram se destruir. Seja pela fissura na perna por onde o sangue mistura-se ao gozo, ou pelo rasgo na testa por onde a feiura encarna, que me importa que chorem os dentes e os chifres bem pontudos?

Meu corpo jamais tornar-se-á incutido a escassez. O monstro é irreversível: dorme enquanto uma navalha se fabrica embaixo da língua. Eu não morro, aprendi com Ishtar: - *Levanta-te da ruína onde te fabricas! Levanta-te para matar o mito.*

Máquina queer, matadora de deuses, municia o fundo da tua garganta com bala de AK. Nenhuma das nações do mundo deve ser a pedra sobre os mundos que crescem por baixo das cidades. Eu só sou fêmea porque me dizem que sou nesta anunciação do incerto. Devo matar o messias e seus conchavos, que tomam a microfonia sobre as ruas da capital dos mundos.

Eles contam hábeis suas ficções, inscritas nas mansões de bezerros de ouro, onde um altar se ergue sobre as costas de nossas sentinelas. De cicatrizes às navalhas, estão contra mim. Estão contra os instrumentos de suas cidades monolíticas. O submundo vem cear a cabeça do papa: está em curso o saque do milênio, vigília dos bestiais, para emancipar o corpo e tomar de volta pra nós seu território.





X
CACAMOS O,
INIMIGO ATRAVÉS
DE SUAS CABEÇAS

[órgão]

a morte me persegue, os urubus me veneram.

vivo como suas carniças.

[pequenos sons]

eles tentam me matar, eu finjo morrer...

[silêncio]

e quando se distraem entre minhas pernas, posso sonhar a destruição
no seio de suas fortalezas.

abro as asas. eles correm.

[batida]

estimam a carne e a ossatura.

[som de revelação]

deixam famintos moscas e vermes. escondem seus crucifixos dentro
desta boca mordaz.

[batida e coral]

os monstros vem deitar-se comigo.

[silêncio]

eu certamente tenho uma catedral em meus quadris:

o trânsito é lento e a multidão se forma.

o mundo não sabe se corre ou se fascina.

[volta o coral]

onde a orgia convida,

ao passo que a vaidade e o ciúme de deus vos assombra,

a carniça sobe ao altar do mundo.

vai com ela os monstros, de asas e rabos bem abertos,

defecarem sobre as fortalezas da Terra.

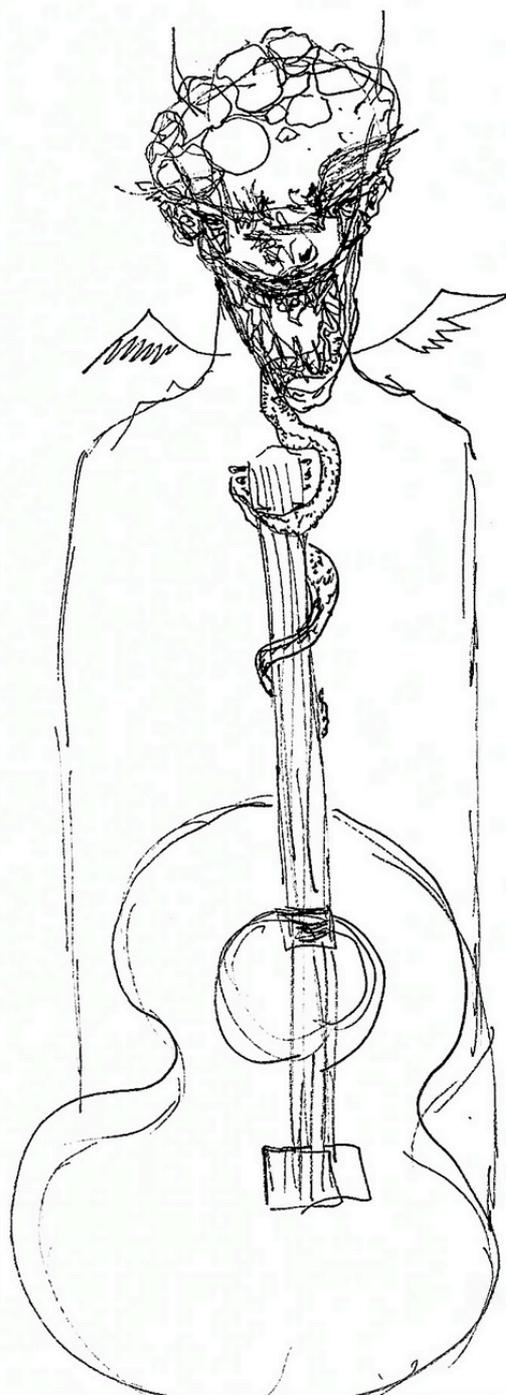
[prolongamento]

isto é, devolver a doença e o martírio aos seus anjos.

[coral terminado]



NA CHUVA EU POSSO SER UM POUCO
MAIS CADELA OU UM POUCO MAIS MANSA,
POIS COMIGO ANDA O ESPÍRITO DE UM CAN-
CIONEIRO. ELE FALA COMIGO COM OS
SONS DE SEU VIOLÃO E CANTA DE VEZ
EM QUANDO, SÓ QUANDO QUER ME
DEIXAR MANSA OU CADELA, DEPENDE SE
FAZ CHUVA OU SE SÓ AMEAÇA CAIR ÁGUA
DO CÚ DE ZEUS. ELE TOCA PARA MIM
E EU GOSTO DE SER SUA IMAGINAÇÃO
NAS CORDAS DEDILHADAS DE SEU VIOLÃO,
COMO SEGURA O VIOLÃO PELO CABO
E ABRAÇA SEU CORPO. É TUDO MENTIRA:
A MÚSICA, AS NOTAS, O SOM E A PRETEN-
SÃO DE SER FODIDA PELO CANCIONEIRO.



A EXATIDÃO
DE STA.
TERESA

ABRIR O LIVRO
QUEER NA HATA
CITANDO O 1º LIVRO
CONTEMPLO PELA
FCCB

A BARRA COM A SÓDE
DE QUEBRA DE NOVO
A VERDADE EM SI
SE POSSER

MELANCOLIA = ME-
NOS SOBRENATU-
RAL E CONDEMA-
DA A MORTALIDADE,
QUE É MASC.

TRANSCREVER O
TEXTO NAS
ASAS

SENTIR A ULCEA
SENTIR PRESENÇA
SENTIR AMOR
SENTIR MEDO
SENTIR DOR



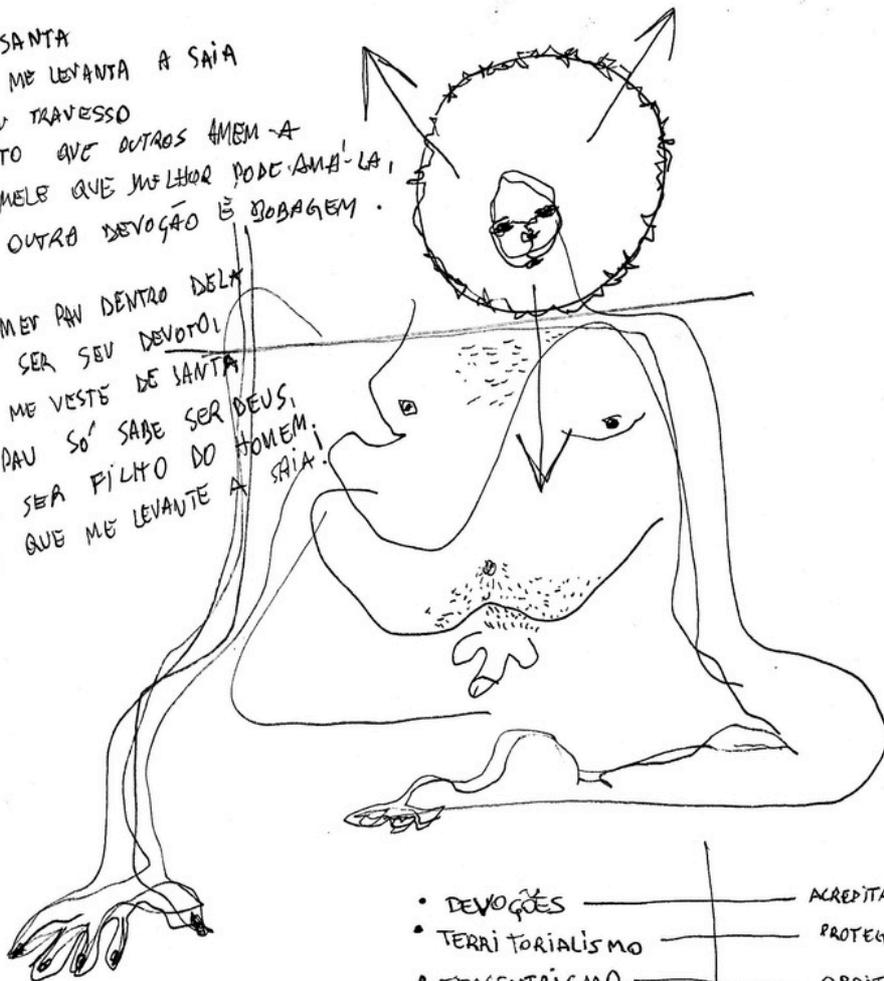


SUBMETIDOS A UMA PEDAGOGIA DA MASCULINIDADE

V
I
S
T
A
O
C
U
R
S
O

EU AMO A SANTA
QUANDO ELA ME LEVANTA A SAIA
E SOU SEU TRAVESSO
MAS DETESTO QUE OUTROS AMEM-A
SE SEU AMEIR QUE MELHOR PODE AMA-LA,
QUALQUER OUTRO DEVOÇÃO É DOBAGEM.

FICO COM MEU PAU DENTRO DELA
ESPERANDO SER SEU DEVOTO
MAS ELA ME VESTE DE SANTA
E MEU PAU SO' SABE SER DEUS,
SO' SEI SER FILHO DO HOMEM!
A SANTA QUE ME LEVANTE A SAIA!



- DEVOÇÕES ————— ACREDITAR EM 1 AMOR
- TERRITORIALISMO ————— PROTEGEM 1 AMOR
- TEOCENTRISMO ————— ORBITAR 1 SOL

HETEROCISNORMA



O CORPO QUE SO' AMA
OUTRO ÚNICO CORPO DEVE
ESTAR ⊕ INPELIZ DO QUE
QUALQUE OUTRO, POIS SO' SABE
AMAR AQUILO QUE LHE CONVEM
COMO DEUS.

* A SANTA DEVE SE TORNAR A IGREJA, QUE É O CORPO DO HOMEM *



TÃO CANSADO QUE SÓ DEITOU E AINDA DE QUALQUER JEITO
CAIU NO SONO. DEVE SER REAÇÃO DO CORTISOL EM RELAÇÃO
AO ESTRESSE. ~~HEI~~ VOCÊ ME DISSE: EU JÁ NEM
LEMBRO MAIS SÓ QUE DESSE ESTRESSE. EU NÃO SOU-
BE O QUE FAZER, MESMO QUERENDO TE FAZER MENOS
BRUTAL. É VOCÊ TÃO BRUTALIZADO QUE CAIU DE FRAQUE-
ZA, UM POUCO MAIS DISTANTE DEITADO NOS MEUS PÉS.
CAÍDO COMO SE UM CAVALO AINDA CORRER LEMBRE O PEITO,
O CORPO ESPASMA MESMO NO SONO RANCOZO E PROFUNDO.
DEVE SER MUITO DIFÍCIL SER ESSE CAVALO TÃO TINGOSO.

MAS TARDE EU TENTO TE FAZER RIR.

MULHERES - PEIXE
TRAVESTIS MEIO PASSARILHO
MEIO COBRA
QUEERS ARANHA
CUIRS DAZ



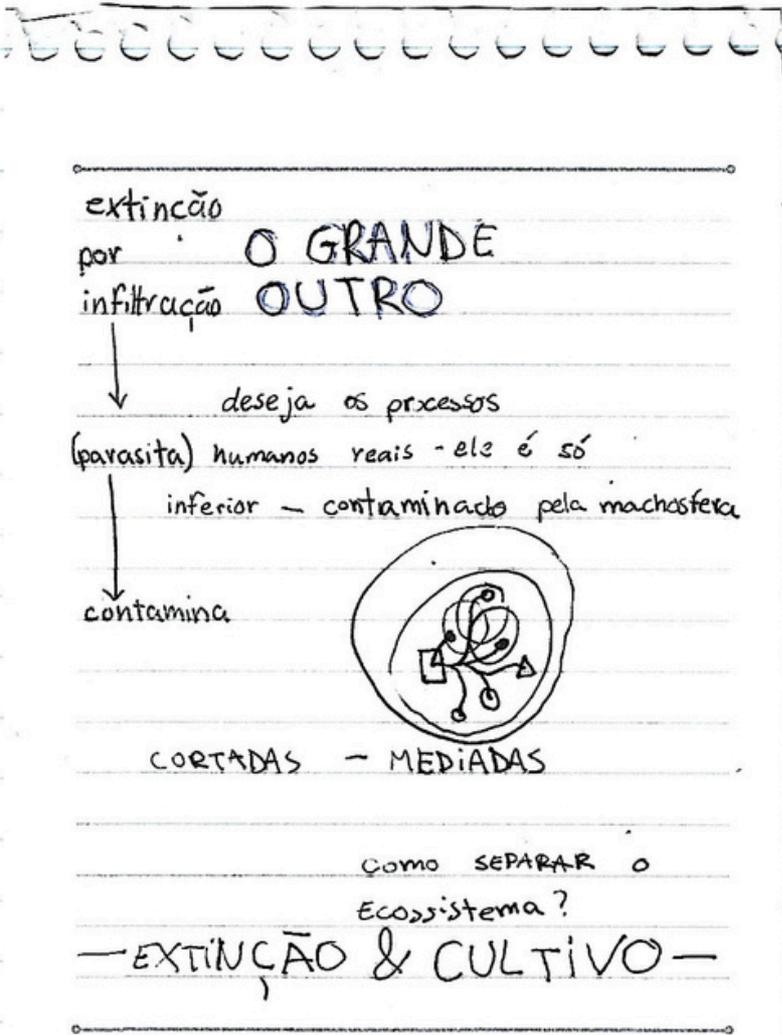
As criaturas, conhecidas por sua diversidade e complexidade, apesar de sua estrutura, são criaturas gentis e encataclaras, caracterizadas por uma pele variando entre tons e com uma textura rugosa. Muitos têm pelos sensíveis, que desempenham um papel importante na detecção de movimento e toques sutis. Apesar da ausência de orelhas visíveis, possuem uma audição aguçada, com pequenos orifícios auditivos posicionados logo atrás dos olhos.

Para locomoção na água, utilizam seus membros inferiores, impulsionando-se com suas extremidades superiores, que possuem unhas e ajudam a controlar os movimentos. Apesar do seu peso considerável, elas demonstram agilidade notável enquanto nadam. O período de gestação é seguido por cerca de 2 anos amamentação. Os intervalos entre os nascimentos variam de três a quatro anos. Durante as primeiras semanas de vida, é quem pariu, quem ~~come~~ ensina a cria os comportamentos básicos, como respiração, locomoção e alimentação. Nos primeiros dias, a cria se alimenta exclusivamente do leite, essencial para seu desenvolvimento inicial.

A comunicação entre quem pariu e a cria é realizada por meio de vocalizações, pequenos sons que desempenham um papel crucial no estabelecimento do vínculo entre eles, podendo reconhecer a cria entre outros apenas pelo som de sua vocalização. Durante a atividade, podem permanecer submersos por até 5 minutos sem respirar, enquanto em repouso esse tempo pode se estender para até 20 minutos, esse comportamento permite que economizem oxigênio e prolonguem o tempo submerso.

Assim como outras espécies, enfrentam diversos desafios em seu habitat natural, podem ser afetadas por doenças criadas para sua extinção e impor controle e/ou biológicas, intoxicações/auto intoxicações ou acidentes, como ficar presos ou serem atingidas. Além disso, o desmatamento e a degradação de seus ambientes podem levar os filhotes, que geralmente nascidos em locais calmos. ~~...~~ ~~...~~ ~~...~~ A maioria ainda mantém hábitos noturnos, e buscam viver em grupo, sendo solitárias a maior parte do tempo, porém quando necessário mesmo aquelas que não têm o convívio com o bando,

elas conseguem se unir para ~~pro~~ proteção, manutenção do autocuidado e mais ameaçam do que atacam... o ataque não tem registro como acontece mas não saem vivos.





Todas as crianças dentro das guerras são queer, pois vivem a violência das desigualdades e munições dos governos que fabricam o mundo. Podem, assim, sobreviver? Queer ainda não é viver, pois nos marca como sobreviventes e não como povos livres e autodeterminados. O muro entre ficção e realidade ficou mais alto. As inteligências artificiais nos invadem por que não podem nos submeter aos seus sistemas de exploração, então nos copiam. O discurso neoliberal de representatividade é uma mentira.

Como clones, lutamos para ser mais carne e mais gozo. Vírus na cidade nos deixam clonadas. Fakes nos destroem. Queer é um cú mestiço sentado no alto de uma torre de clones, é o que cantam serpentes e aranhas em buracos úmidos. Peçonhas malditas, que roubam a fortuna dos machos. Prósperas, prósperas! Fogo na xota, dinheiro em caixa: compramos de volta todos os metais do mundo para seus respectivos povos. Somos fortes em calcinhas de titânio e grifes de tungstênio. Só fazemos sauna lésbica em piscinas de lava.

Turbinas de avião no busto de sua vadia amada. Eles só gostam de trepar entre carcaças e escombros da cidade. Só metem suas carnes em motores escorrendo sangue e veneno. Meu cú elétrico está aceso. Do céu para o mar, desde criança eu enxerguei como superfície da água o tapete azul que é o céu; as nuvens como espumas de Urano. Nós aqui debaixo, no fundo, não entendemos ainda que céu e oceano são horizontes que sonharam para nós as nossas ancestrais.

Estado democrático de direito existe onde denominam de pátria terras que foram expropriadas. Essa forma de poder, sediada pelas forças de Europa e seu deus dos mundos, segue na missão de nos matar com morte lenta. Nos querem como mão de obra, e não como forças ecológicas, autodeterminadas e heterogêneas. Forças que olham para todos os seres, vivos e não-vivos, assim como sonharam para nós as nossas ancestrais.



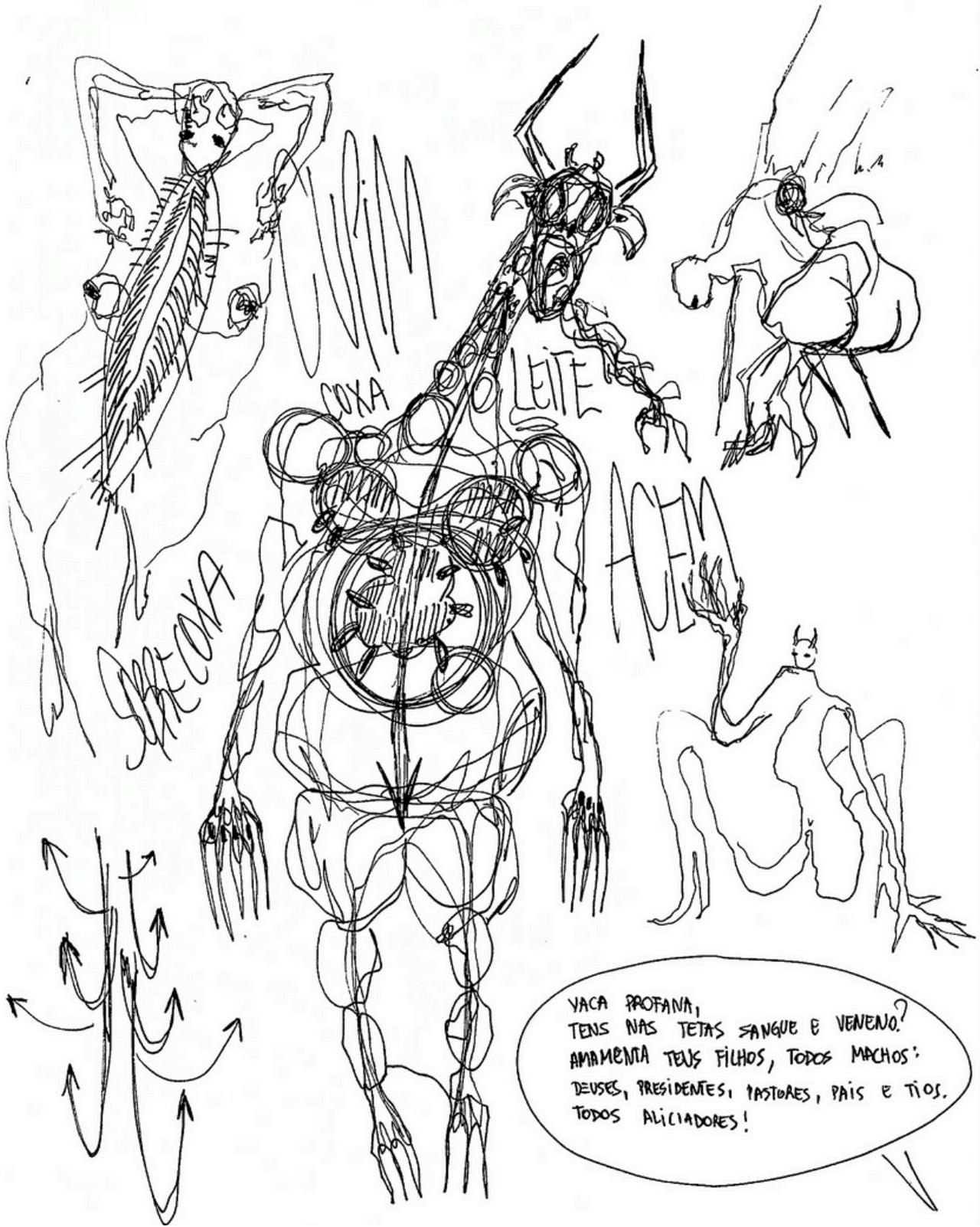
O QUE
RESTA
DA MULTIDÃO

NO
FIM
DOS

MUNDOS
???

~~SAVIERS~~





VACA PROFANA,
TENS NAS TETAS SANGUE E VENENO?
AMAMENTA TEUS FILHOS, TODOS MACHOS:
DEUSES, PRESIDENTES, PASTORES, PAIS E TIOS.
TODOS ALIADORES!

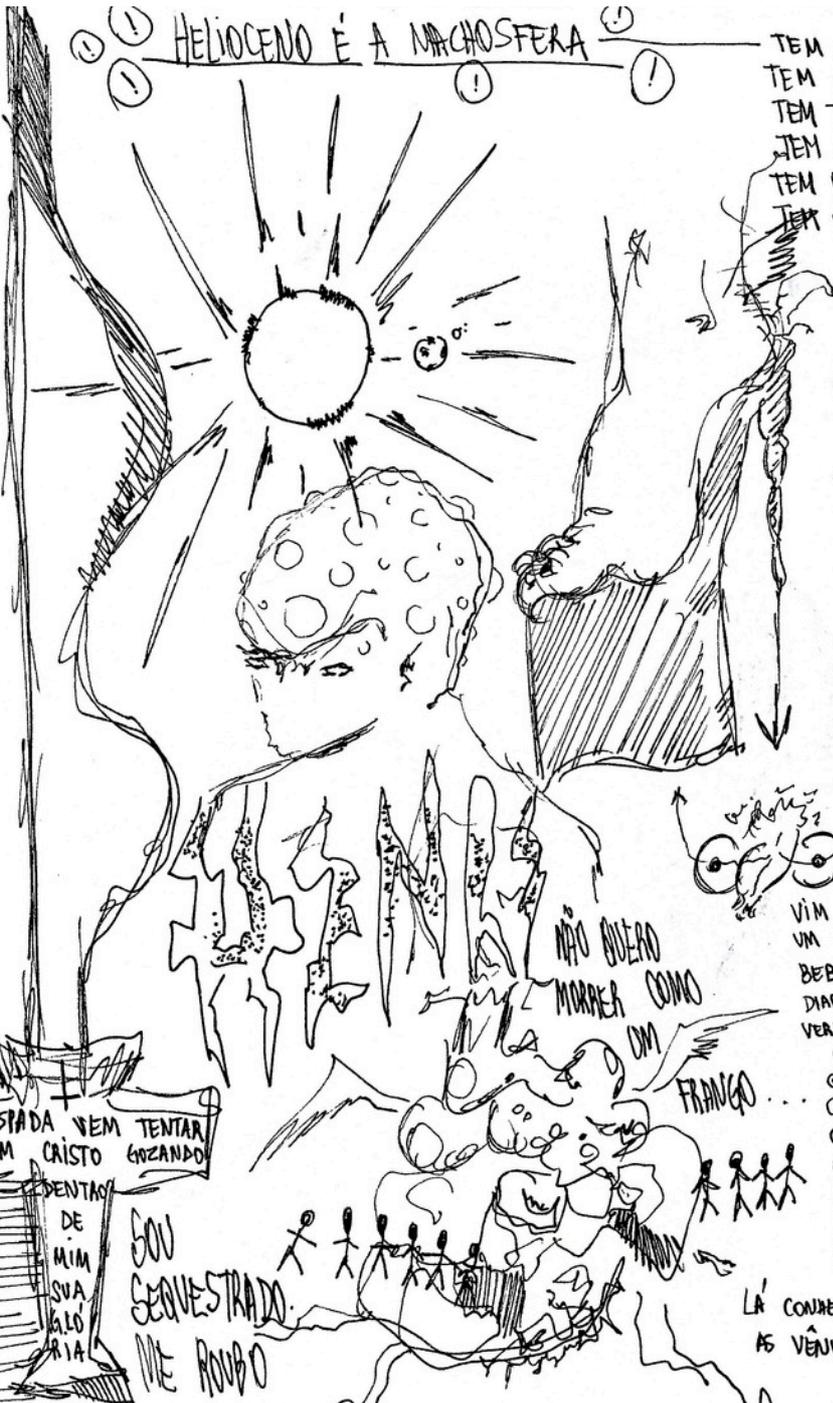
QUAL É A HISTÓRIA DA ESPÉCIE, QUE JÁ ESTÁ EXTINTA?

AGORA EU SO FIZO EVO E DESENHO MAL.

ESTOU BASTANTE TRISTE COM A SAÍDA DO ENCANTO. ELE SE FOI E AGORA SOU UM POUCO + FÉDIO DO QUE ANTES.

MAS SOU AINDA + SAFADA, COM O PAU BARRADO ESCONDIDO NA SAIA. TENHO UM FACHO ESCONDIDO.

HELIOCENO É A MACHOSFERA



TEM DEUS
TEM FAID
TEM TRAVA
TEM ERRO
TEM MORTE
TEM SORTE
E TO-
DOS
OS
ILA-
NE-
TAS-
COM
MACHO

UMA ESPADA VEM TENTAR
SER UM CRISTO GIZANDO

IDENTAR
DE
MIM
SUA
CALO-
RIA

SOU
SEQUESTRO.
ME ROUBO
E NÃO

PRO
VIA
VIA

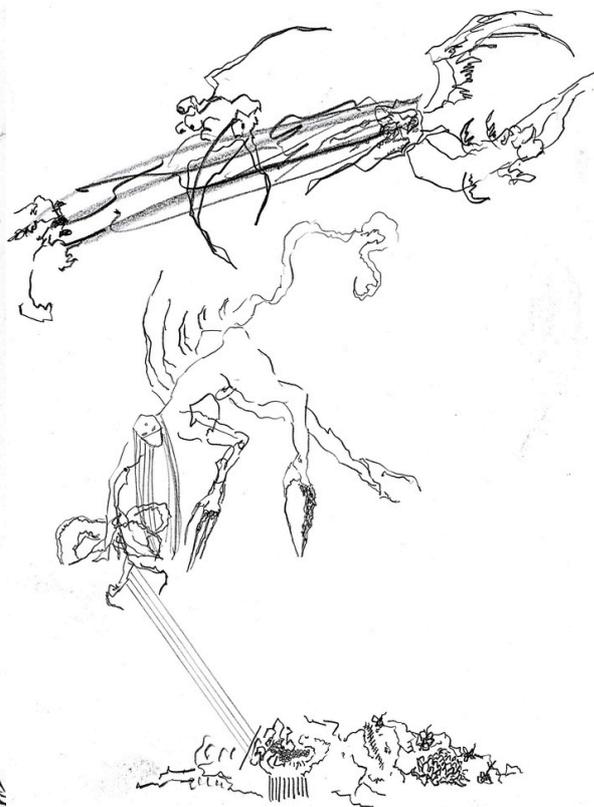
QUERO ME
DEVOLVER
(PARA ELES).

NÃO QUERO
MORRER COMO
UM
FRANGO...

VIM DE
UM ESCROTO.
BEBO DO
DIABO O
VERBO QUE
ELE COZA
QUANDO
CHEGA BI-
QUANTO
DURMO
NO
MAR
ALTO.

LÁ CONHECI
AS VÊNUS...

DUAS VÊNUS?
SIM, SÃO DUAS VÊNUS.
OS AGENTES DE SEGURANÇA PÚBLICA QUISERAM ME RETIRAR DO LOCAL, POIS ALEGARAM EXECUÇÃO DE ATOS OBSCENOS ENQUANTO EU DESENHAVA.



- **Dá um trato nesse teu boy feio, senão eu vou aí roubar esse feio para mim.** Ele é estranho, mas tão bonzinho para você. Um puto de matar e de meter. Os bonitos me querem, mas só me querem para tratar mal.

- Que nome se dá para o feio que é um amorzinho? Queer?

A empregabilidade do termo feio não se reduz a perdas e danos.

Muito pelo contrário, feio aqui é revisado com cuidado para não recair na economia dos desejos, onde sempre é preterido ou condicionado ao sigilo nas performances de afeto.

Eu sou feio, sem luxos e extravagâncias. Sou não somente pelas características mais superficiais e aparentes, mas também pela elegia em que me inscrevem frente à cisheteronorma, que me deseja ao mesmo tempo em que violenta e oblitera.

Sou mesmo desengonçado, às vezes até para sorrir. Calça jeans preta, tamanho 48, e outras vestes sempre GG, com os cabelos abaixo dos ombros. Essa poderia, inclusive, ser minha *bio* no *Grindr* ou no *Twitter*. É o que consigo ser, por enquanto.



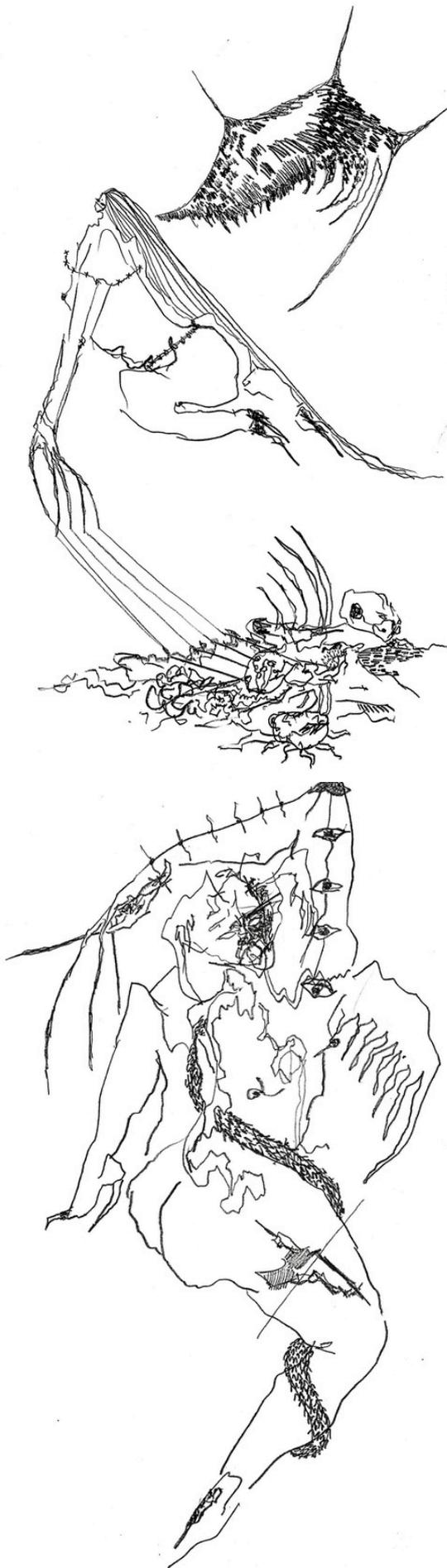
Certamente há muita complexidade na minha pesquisa por conta da *hiper-violência* que me fere e compromete meu bem estar. Nessa forma de *hiper-violência* se inscreve, principalmente, o racismo, a transfobia, a misoginia e a gordofobia. Estas sempre manifestadas por um discurso de exotismo e preterimento.

Há curiosamente nesse discurso uma dialética para manter o corpo retido, como a amante que não merece ser vista ou reconhecida. Isto é, eu também sou a puta. É preciso analisar, ainda, como essa dinâmica se desenrola em violências menos explícitas, quando os comportamentos se flexionam com a monogamia.

Reafirmo a perspectiva da feiura para que fique claro: aqui a empregabilidade do termo pouco tem relação com as condições estéticas, mas sim pela sua relação com a contradição sistêmica da beleza, do desejo e do comportamento.

O feio é uma contradição industrial, virtual e, ao mesmo tempo, *sui generis*. Do contrário, não é feio ou pouco revolucionário.

★ PRINT WHATSAPP CIÚMES ~~TRIO~~ !
INFANTICIDADE





ANGUSTIAS
 TEM ME
 ENSINADO
 A SER ~~MALHA~~
 (TRAVESSO)



FICOU
 UM POUCO
 MAIS
 FERIDO,
 UM POUCO
 MAIS
 FINGADO,
 CASTRADO
 E, AO MESMO
 TEMPO, UM
 BICHO MAIS
 MANHOSO
 NA SUA
 LINGUA.

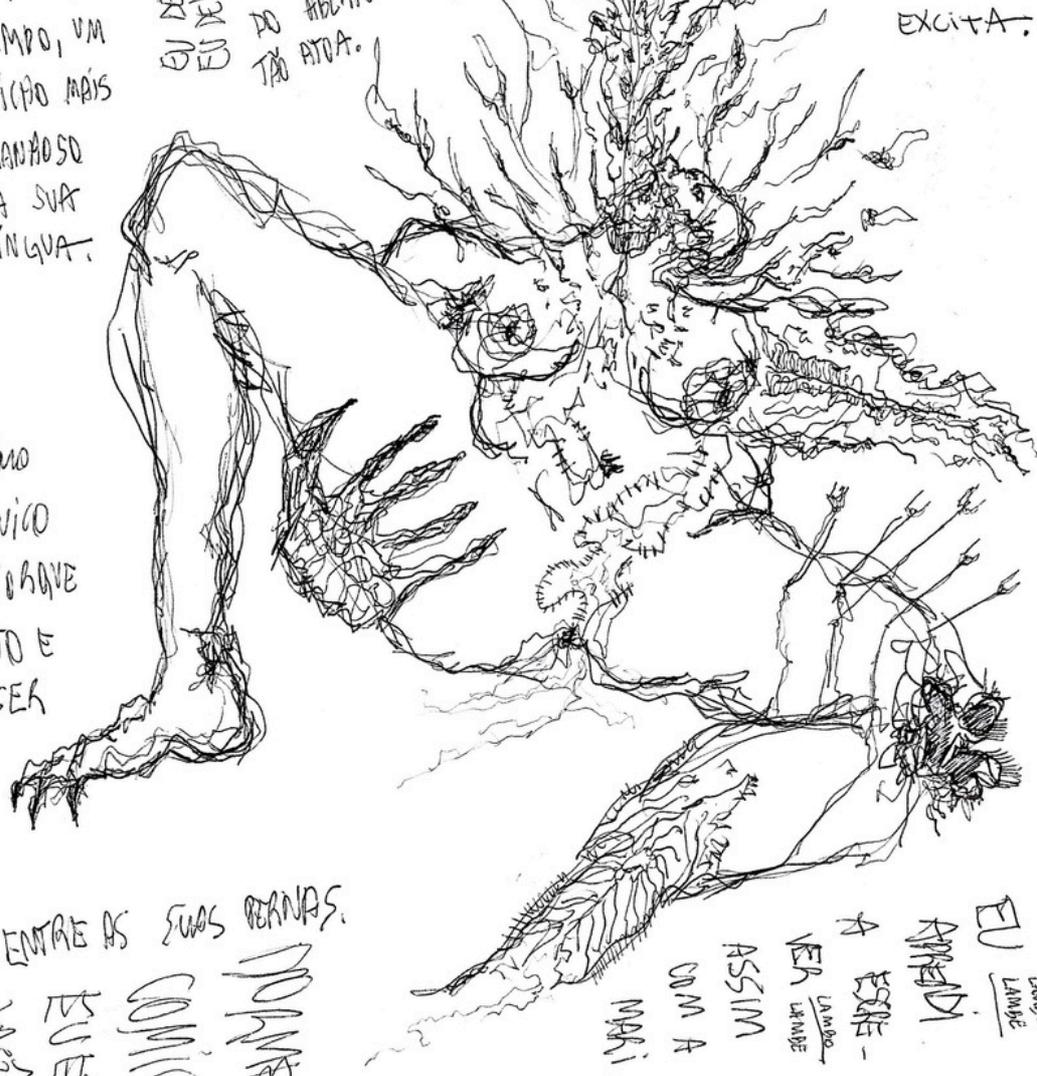
EM TI, MAS
 MINHA LINGUA
 DEIXAR
 DEIXAR
 TER UMA LINGUA
 MAIS COMPRIDA.
 EU DEVEIA TER
 EU DEVEIA TER

É QUE EU DESMONTO A OSSATURA. SAIBA VOCÊ QUE

DEJA
 NA CRISTA
 ILIACA,
 SETA NO
 PAU; VOCÊ
 É UM
 SACANA
 ME DEIXAN-
 DO ABERTO
 TÃO ATUA.



EU SEI
 DAVE DIZEM
 AS JUNTAS E
 OS QUADRIS,
 QUE ALI
 EU ME ES-
 CONDO MAIS
 UM POUCO
 QUANDO
 VOCÊ ME
 EXCITA.



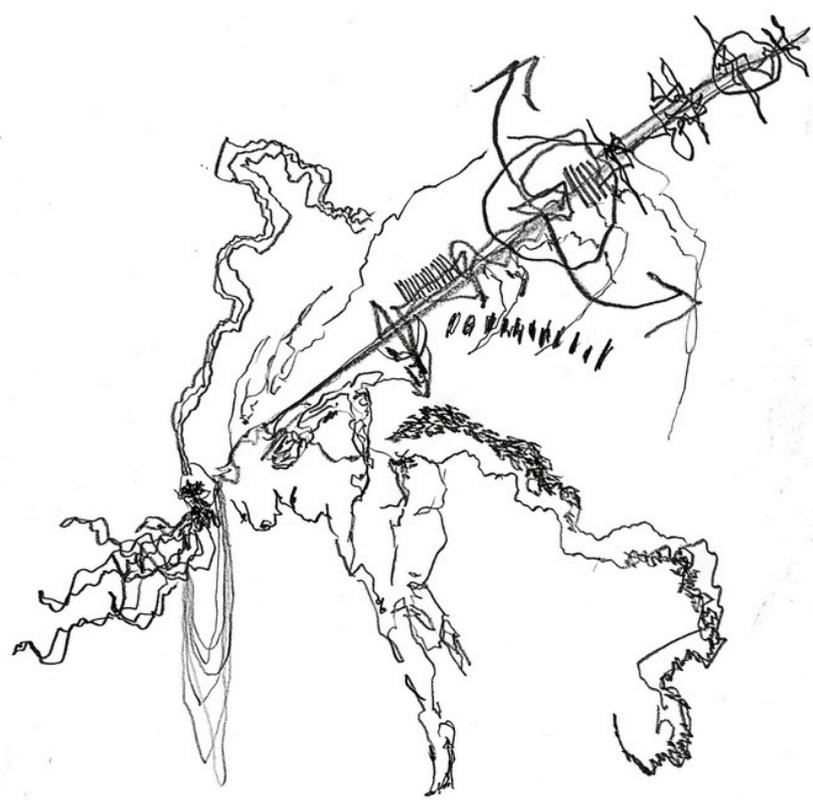
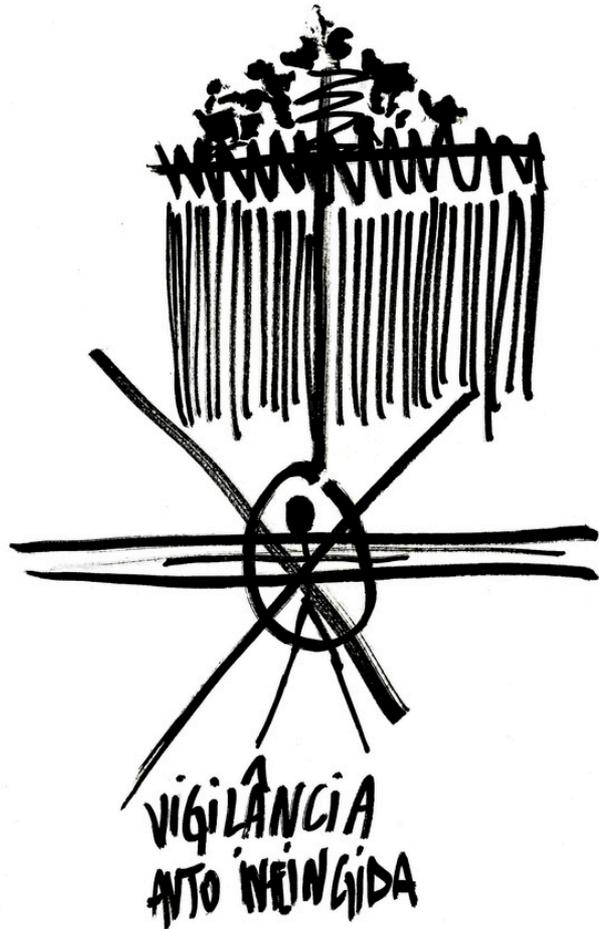
EU DEVO MESMO
 SER MUITO CÍNICO
 E PERVERSO, PORQUE
 EU COMO QUIETO E
 AINDA QUERO SER
 UM POUCO
 MAIS VADÍO
 E UM POUCA
 MAIS HULOSO ENTRE AS SUAS PERNAS.



CONTO
 CONTO
 CONTO

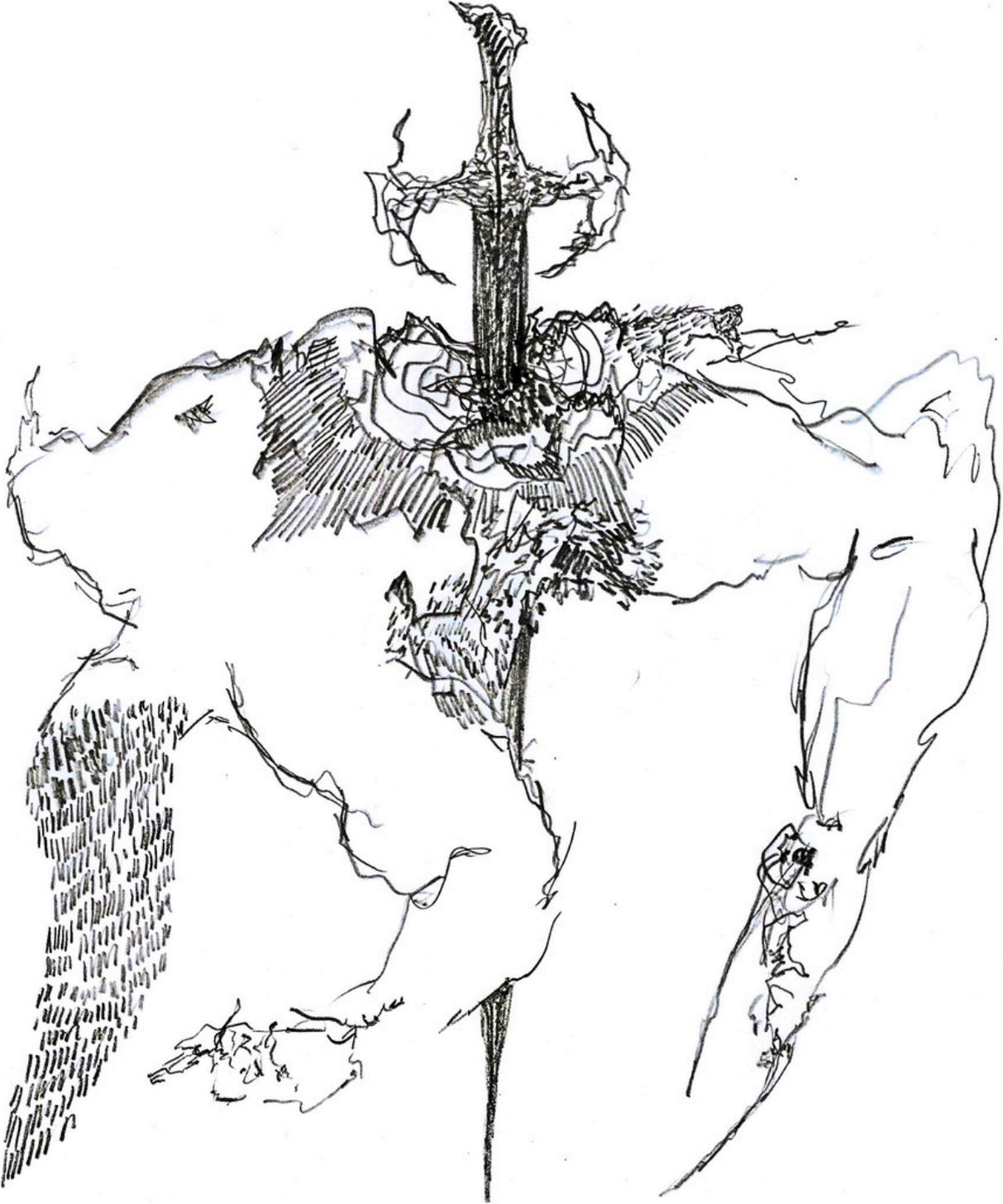
EU
 LAMBE
 A
 ESSE
 VER
 LAMBE
 ASSIM
 COM A
 MARI.

SUO MESMO PORQUE MORTE, MAS SO SEI SER BONDOSO. PARE SER POR ISSO
 QUE ELAS VOLTAM. EU DEVEIA SER MALDOSO.





FIM



CADERNO V
A VIDA QUE ENCERRA O TRONCO CAÍDO

21/09/20??

Cidade do primeiro santo brasileiro/SP

Feriado

nos feriados mais insuportáveis eu fodo
quando é folga Deus existe e eu morro

então reúno uns amigos para metecção
faço da casa um antro de putas divinas

oram embaixo e eu fodo encima
intervalo das quatro e os de quatro

versos úmidos e peitos de mel

os poetas então concordam:
existe poesia na pica, na buceta e no cu.

A VIDA QUE ENCERRA UM TRONCO CAÍDO
SÓ PODES VER MORRER SEM AJUDAR
PENSAM ASSIM OS ORDENADOS A MORRER UMA SÓ VEZ
MAS SOIS COMO COÁGULO NAS VEIAS QUE ESTÃO ABERTAS

NASCE UMA SOBREVIVENTE
E TODOS OS NUTRIENTES NELA ENCERRADOS SERVIÃO DE NOVO
A CASCA DURA E SECA PROTEGE AO PASSO QUE SE DESGAUDA
É QUANDO NOSSAS GARGANTAS FICAM BEM EXPOSTAS

ALOJA-SE AÍ COMO CONSOLÓ AS MUNIÇÕES E OS CHOROS
ENTRE OS DENTES SE LÊ A FOME E A FAMA
MORRER PELA BOCA COMO SE FOSSE O CORPO INTERIUNHO
DEVIDO A DETERIORAÇÃO, CAVIDADES VÃO SENDO ALARGADAS

VAI FICANDO MACIA
SUA ESTRUTURA CONVERTE-SE EM COMIDA E ABRIGIO
ATE' QUE VENHAM OS ANIMAIS DE MAIOR ENVERGADURA
PREDADORES QUE LANÇAM MÃO DA ESPADA

QUE PERCORRE ACESSOS POR INFILTRAÇÕES, SEMPRE SUJA
PELOS DENTES, ONDE HA' RESTOS DE MEUS INIMIGOS,
NASCE UMA SOBREVIVENTE
A VIDA QUE ENCERRA UM TRONCO CAÍDO.

FÚRIAS: ARACNÍDEOS
QUE USAM DE
SERPENTES

Indus me alimem
tar de lagom.
Eles que sintam
o medo.



AO PONTO QUE SE
ROMPE - ALGO LHE
DESPERTA - SUA
HOMENINIDADE ACORDOU
- A MENOR POSSIBILIDADE
DE SER PREDADO - ACORDOU



HAVIA DOIS DE MIM QUANDO MEU CORPO RECEBEU UM NOVO NOME
E QUANDO EU DECIDI QUE NENHUM NOME CHAMAVA POR MIM
TODAS AS DOENÇAS E EMBUSTES TENTARAM ME MATAR
POR QUE O QUE NÃO TEM NOME DEVE SER ~~INSTINTO~~ ^{VIERAM} EXTINTO
DAS COLÔNIAS CASO ~~OS~~ EXERCÍTOS DO MUNDO NÃO ME ~~DESTRUISSEM~~ ^{CONTIVESSEM} ~~ARRASSEM~~
- E ASSIM ~~FOI~~ ^{FOI} ~~PELO~~ ^{ESCRITO}: EU ~~VIVI~~ ^{VIVI} TRÊS VEZES EM 22 ANOS

~~QUANDO~~ VIVA O TRIUNFO DA MORTE ~~REVIVI~~ ^{REVIVI} POR QUÊ ~~REVIVI~~ ^{REVIVI} ELES TEM MEDO.

EU ~~SAÍ~~ DAS VÍSCERAS DO MUNDO
SAÍ

~~FOI~~ NÃO NASCI? EUI FORJADO.

FOI O QUE CAIPORA ME BISS E QUANDO ME
E NELA OXÓSSI ME ACERTOU ^A ~~TROUXE~~ ^{TROUXE} FLORESTA
~~SUA FLECHA~~ COM

~~ME CONTOU ATRAVÉS~~

ME APONTOU PARA O LÃO ONDE AS COISAS
APODREM SIMULTANEA AS COISAS QUE
ACIMA OU DE PEDRAS → FLORESCEM
EMBAIXO

NENHUM TEMPLO É O MEU CORPO! (REFRÃO)

ESTÁ ESCRITO EM NÓS
POR FIM ÀS COISAS QUE ESCREVERAM PARA
NÓS

COMO
LEI
DE MUITAS

(SILÊNCIO)
A MORTE NÃO É O FIM ~~DE~~ ~~DE~~
PARA AS FERAS ^{VINDAS} ~~QUE~~ ~~VIERAM~~ DAS VISCERAS DO MUNDO,
~~DO MUNDO~~ ~~QUE~~ QUETIVERAM DE REESCREVER SEUS
NOMES

~~ELAS~~ NÃO ^{TEMAS} ~~TEMEMOS~~ QUANDO O SOL AQUI NÃO
MAIS BRILHA ~~ELAS~~ ~~MAIS~~ ~~ELAS~~ ~~MAIS~~ ~~ELAS~~ ~~MAIS~~

AS CRIATURAS QUE DESENHO NO
ESCURO SÃO AS MESMAS ^{DE} DIA
E
^{DE} NOITE

~~ELAS~~ NÃO TEMEM
~~ELAS~~ MALDIÇÕES OU ~~ELAS~~ DOENÇAS DO MUNDO ~~ENQUANTO~~
NÓS DORMEM COM A FLORESTA DENTRO DE SI, NÃO FORA

É FATO: ~~NOVAS DOENÇAS~~ ^{PESTES} ESTÃO POR VIR
OUTRAS

CONFORME A FLORESTA ~~SE~~ ~~É~~ DESFEITA, ^{POR} ~~QUE~~
COM ELA ~~ME~~ ~~SE~~ ~~UÃO~~ ENCANTOS PROFUNDOS
ESTÃO

NÃO PERCEBES? A FLORESTA NÃO MORRE, ^{O QUE} ~~QUEM~~ MORRE
SÃO SEUS TRAIADORES.
(SUBSTITUIR)

VENUS ^{IMPLODIU} ~~EXPLODIU~~ QUANDO EU MORRI DE AMORES
POR OUTRO TÃO ESTRANHO QUANTO EU
MARTE ^{FLORAEU} DE LÚMEN ~~POR MINHA~~

MAS ^{GRAMS} ~~ROSELDON~~ AFOGOU-SE ENTRE MINHAS PERNAS
QUANDO ~~EU~~ TENTAVA ABRAGA-LO COM
MEU SEXO E MINHA GARGANTA
O INFEELIZ





Como saber se uma planta é tóxica?

Se ao quebrar uma folha, galho ou raspar a casca a planta verter um líquido branco, conhecido como látex ou leite. Evitar o contato com pele, mucosas e olhos. Pode causar irritação, queimação, salivação excessiva, perda (momentânea ou não) da visão. Se o leite for tomado, pode causar desconforto geral, diarreia e em certas quantidades a intoxicação pode ser fatal.

O composto oxalato de cálcio é tóxico para animais e pessoas, especialmente os corpos pequenos e humanos de até nove anos. Este composto é facilmente encontrado na comigo-ninguém-pode (as diversas *Dieffenbachia*), Espada de São Jorge (as diversas *Dracaena*) e outras espécies utilizadas para ornamentação de jardins e interiores. Os cristais do oxalato de cálcio podem irritar a pele, mas a ingestão é a forma que mais nos fere, pois os cristais cortam e perfuram nossas mucosas.

Como saber o que é mucosa? Mucosa é todo tipo de pele que é molhada ou úmida. É importante ressaltar que alguns alimentos possuem oxalato de cálcio em quantidades que a maioria das pessoas consegue ingerir e digerir sem problemas, daí a importância de buscar informações sobre como preparar alimentos para ingestão e buscar saber também a respeito do quadro geral de saúde seu e de quem se alimenta do alimento que você prepara.

Para corpos com questões nos rins ou no fígado o consumo de oxalato de cálcio pode agravar o quadro. O espinafre (*Spinacia oleracea*) é uma das folhas que mais possuem oxalato de cálcio. Despejar água fervente e deixar as folhas de molho por 30 segundos deve ser o suficiente para quebrar o oxalato pelo calor.



EM KEPLER-168 S. 1. & 2. KECH

1 dia = 123, 2 dia

MTH
JAN
2024

Plantas que possuem pelos nas suas folhas ou caule, em geral, causam coceira, irritação, vermelhidão, ardor, queimaduras e a pele pode ficar inchada nos locais que houve contato. Profissionais da saúde podem classificar esse tipo de reação como *rash* cutâneo, *rash* vem da língua inglesa e significa “*irritação na pele*”.

Caso isso aconteça, o indicado é que se afaste imediatamente da planta. Algumas plantas possuem pelos que entram na pele, como pequenas farpas quase invisíveis, sendo assim é melhor que não se esfregue a região para que não entrem mais na pele.

Lavar com água corrente é o cuidado inicial indicado, lembrando que para algumas plantas a água pode causar mais ardência e irritação, caso isso aconteça, olear a região com algum óleo vegetal (como azeite ou óleo de coco) pode trazer mais alívio. Sempre testar numa pequena região para evitar ainda mais irritação.

Algumas plantas, como o capim-carrapicho (*Cenchrus echinatus*), utilizam espinhos em suas sementes como estratégia de dispersão e não costumam ser tóxicas ou irritantes, nesse caso, apesar de os espinhos serem de cor escura, suas pontas são claras.

Folhas com manchas ou pintas amareladas também costumam indicar a toxicidade da planta. Pintas ou manchas de cores vivas e vibrantes, como rosa escuro, vermelho ou laranja, também podem ser consideradas indicativas de toxicidade.

Plantas que produzem flores com cores muito vibrantes, como roxo ou amarelo, também podem indicar certa toxicidade. Em geral, na natureza, plantas ou animais que possuem esse padrão de coloração não devem ser tocados sem proteção, muito menos ingeridos sem conhecimento.



Copyright © 2000
Betty K. Kelly

Se ao retirar ou quebrar a folha ela liberar o látex branco citado acima, não há necessidade de sentir o cheiro liberado (a menos que para fins de criação de repertório e ainda assim de forma muito breve).

Mesmo que seja a primeira vez que você encontra uma planta é possível saber se ela é tóxica apenas pela observação pois muitas vezes existem características que indicam que são da mesma família, muitas vezes plantas com nomes científicos diferentes possuem o mesmo nome popular por apresentarem estruturas muito similares.

Um exemplo são plantas popularmente conhecidas como “trombeta” que apresentam flores em forma similar, iniciando mais afiladas e se abrindo como a extremidade de uma trombeta ou de um trompete. Essas plantas apresentam uma estrutura similar, mesmo que não possuam o mesmo nome científico.

É comum que os nomes populares de algumas plantas venham seguidos de “brava”, “bravo”, “de anjo” ou “do diabo”, sendo um bom exemplo a mandioca brava que deve ser consumida somente após seu cozimento.

Plantas como a Coroa de Cristo (*Euphorbia milii*) possuem espinhos em seu caule que não tem diferenciação de cor, enquanto plantas como a Castanheira do Diabo (*Datura stramonium*) ou o Juá Bravo (*Solanum sisymbriifolium*) possuem espinhos amarelados em seus frutos e nas folhas.

Se a planta possui muitos espinhos ao longo do caule, nos frutos ou até mesmo nas folhas, é prudente evitar ao máximo o contato e o consumo.

Em último caso, é possível identificar plantas tóxicas pelo cheiro. Para isso, é necessário macerar a folha e perceber o cheiro: se o cheiro for forte, amargo ou ruim provavelmente é uma planta tóxica.

Por mais que algumas flores tenham um aroma adocicado e complexo, elas também indicam toxicidade principalmente se o cheiro for forte e profundo, inebriante.

Quimicamente, aromas chegam rapidamente no nosso sistema circulatório por sua absorção acontecer no pulmão e afetam mais rapidamente nosso cérebro do que outras formas de acesso (como a epidérmica), portanto é muito importante que não se faça a inalação prolongada dessa maceração, utilizando essa forma de identificação apenas se a planta não oferecer nenhuma outra possibilidade de identificação de sua toxicidade.





A Capitação

Está servida a cabeça do anunciador: eis os restos e os filamentos que seguravam seu crânio ao corpo. Três vezes o diabo apareceu nas cartas de tarô. Ele me rangia os dentes conforme o enunciador bradava mais alto. Três vezes uma serpente apareceu para mim enquanto sentia sua raiva esaldar pelas escamas. Numa bandeja de prata estão a feição e os miolos de João Batista.

A filha de Herodíades apresentou-se e pôs-se a dançar, com grande satisfação de Herodes Antipas e seus convidados. — *Pede-me o que quiseres, e eu te darei*; disse o rei à moça, e jurou-lhe: — *Tudo o que me pedires te darei, ainda que seja a metade do meu reino*. A megera rapidamente respondeu: — *Quero que sem demora me dês a cabeça de João Batista*. Assim ela obteve, fruto de seu amargo desejo, e nele se via o sangue dilatando mesmo onde a polpa já apodrecera.

Era este um nazireu de nascimento, filho de um sacerdote e, ao mesmo tempo, filho de Deus, intercedido pelo arcanjo Gabriel. As filhas de Araão, sociedade que a mãe de João Batista integrava, cumpriam com determinados procedimentos importantes a sociedade religiosa de Israel. Por esse motivo, João carregava a mesma magia que o cristo de sua linhagem, mártir de um povo por milhares de anos.

Às margens do Rio Jordão, Salomé fala sozinha:

— *Estou deitada e sonolenta apesar de ainda vestida com o dourado que fazem os escudos e os cavalos para a guerra. Possuo o dom de ser elegante sem me esquecer da perseguição gananciosa que fazem os mais estúpidos pela fome de vestirem-se com minha pele... Estou cansada. Quero celebrar com as feras que dividem a culpa da eternidade e da monstruosidade de matar um deus.*

Com isso, um santo padroeiro dos injustiçados nascia por causa das muitas religiões que o celebravam. *Foi ele a voz que prepararia os caminhos do Senhor*, assim disseram os descendentes de Abraão. A festa de aniversário de Herodes Antipas, no entanto, seguia efervescente com uma orgia de gladiadores. Ante o desejo masculino, em geral, Salomé era um objeto que seduzia e manipulava, fazia dos homens o que bem entendia e os tornava fracos. Era como uma aranha sob as areias do deserto, esperando predar os distraídos pelos calcanhares. Diz-se até que o Satanás gostava de dormir com a cara nos seus fartos seios. Sua mãe, Herodias, era uma megera pior.

Servida a cabeça do anunciador, as sibilas revelaram do outro lado do deserto: — *Aos reis do mundo, um novo deus virá para ser rei dos reis. Este virá matar a memória de todos os outros deuses do mundo. As sibilas anunciaram ao povo: — Uma escória de machos, inspirados pelos olímpianos, usurpará dos mistérios do mundo para conseguir toda a fortuna de suas fêmeas.*

Estavam aterrorizadas, pois viam com clareza, sem anfibologias, o que as mananciais lhes diziam, pois as águas tornaram-se sangue quando submetidas ao futuro. — *Dies Irae será a canção dos leões de sua capital chamada Roma, cidade em nome do rei dos reis, onde guardarão a fortuna roubada das fêmeas do mundo.*

Após divertir os quadris com toda corte do tetrarca da Galileia, Salomé pôs-se a descansar em lençóis limpos já que suas mãos mancharam-se pelo sangue que a ira de sua mãe turvou sobre seu corpo. Mas é verdade que toda dança que Salomé fazia era seu jeito de amarrar quem fosse aos seus embustes. Aprendera com as megeras de sua linhagem a conseguir o que quer que fosse pedindo com os quadris.

Fazia verbo toda vez que manifestava a morte, pois era sabido por todos que ainda era virgem e isso acometia febre às virilhas que lhe sondavam. — *Todos querem a pureza, mas estão todos manchados pela mentira.*

O cansaço da fartura me comove, mas no excesso não existe perdão. A beleza tem sido útil desde que entendi como ser bela, foi quando entendi que não era bela. A fartura me cansa ao mesmo tempo em que me comovo por ela. Já que não sou bela, tenho de ser excessivamente fêmea para não ser deixada às traças.

Deixo com sutileza escapar o mais libertino incrustado nesse corpo a fim de afogar os olhares. Do contrário, um pouco mais vestida e ingênua, seria esquecida da história do mundo. Todas as noites minha mãe contava a história de Asherah, então eu tinha pesadelos com o esquecimento.

Pior do que o esquecimento é o menosprezo, como quando no ápice do ato, ele em pé com as calças arreadas e eu apaixonadamente ajoelhada, fico coberta por seu desprezo e com os seios um pouco à mostra. O coração lateja numa bandeja na mesa, bem servida, onde jantávamos.

Às vezes somos carne, às vezes comemos com fêmeas parecidas com nós. Tenho jantado sozinha há algum tempo, preferindo passar o tempo da refeição me masturbando com os talheres de prata. A beleza é de uma crueldade tremenda, mas sua erudição serve talheres que deslizam para dentro de mim.

Não tenho fome quando estou excitada. Creio que minhas entranhas sejam de fogo e meu cú um motor de carne.

2
PRASA
AQUEDUCAR
DE ALC



FIM DA VINGANÇA?
(BONDOSAS OU BENEVOLENTES)

HELENOS

INSTITUCIONALIZARAM - NAS

EVEMENIDES E A CRIAÇÃO DOS DIREITOS

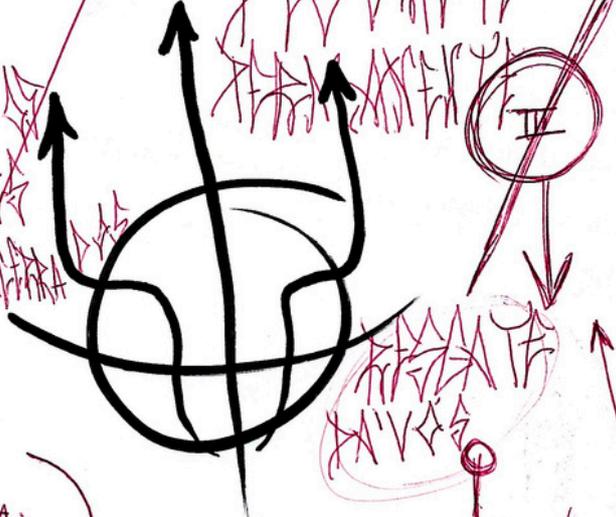
ESQUILLO

COMO AS CADELAS VINGADORAS AINDA LADRAM UM PASSADO QUE NÃO PASSA?

PICHAS DE NIX

FILHAS DE HADES E PERSEFONE

FILHAS DE URANO



- * ELAS NÃO SÃO DEUSAS!
- * ELAS SÃO CAVALOS!
- * ELAS CAUSAM MEDO ~~DE~~ SEREM MENCIONADAS!

A VINGANÇA NUNCA FOI EXTINTA; O ESTADO E SEU DIREITO PÚBLICO DE POUIR.

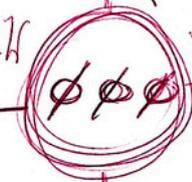
ALECTON O MEIO DAS FORÇAS A QUE S' PORTA

CHICOTE GRITO ESPALHA A PESTE

ERÍNIAS FÚRIAS !!!

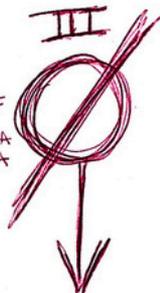
Handwritten scribbles and text, possibly representing names or descriptions of the Erinyes.

MEDA TENS QUE LA TAYNADA TA KE YACADA



MÉGÈRE PORTADORA DA ESTACA

TISIPHONE PORTADORA DA CHAMA



AS FÚRIAS SÃO A INTERSECÇÃO DO MAL NECESSÁRIO, COOPTADAS
E PRESAS NA IMORTALIDADE

ELAS FOGEM AO MANIQUEÍSMO

CÍRCULO DA HERESIA - CANTO IX DIVINA COMÉDIA DE D. ALLIGHIERI

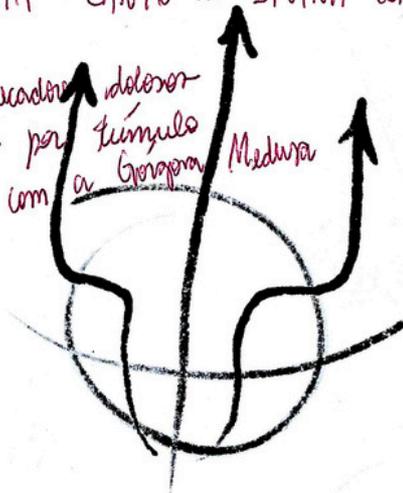
↳ círculo 6

↳ as heresias e pecados

↳ mil condenações por

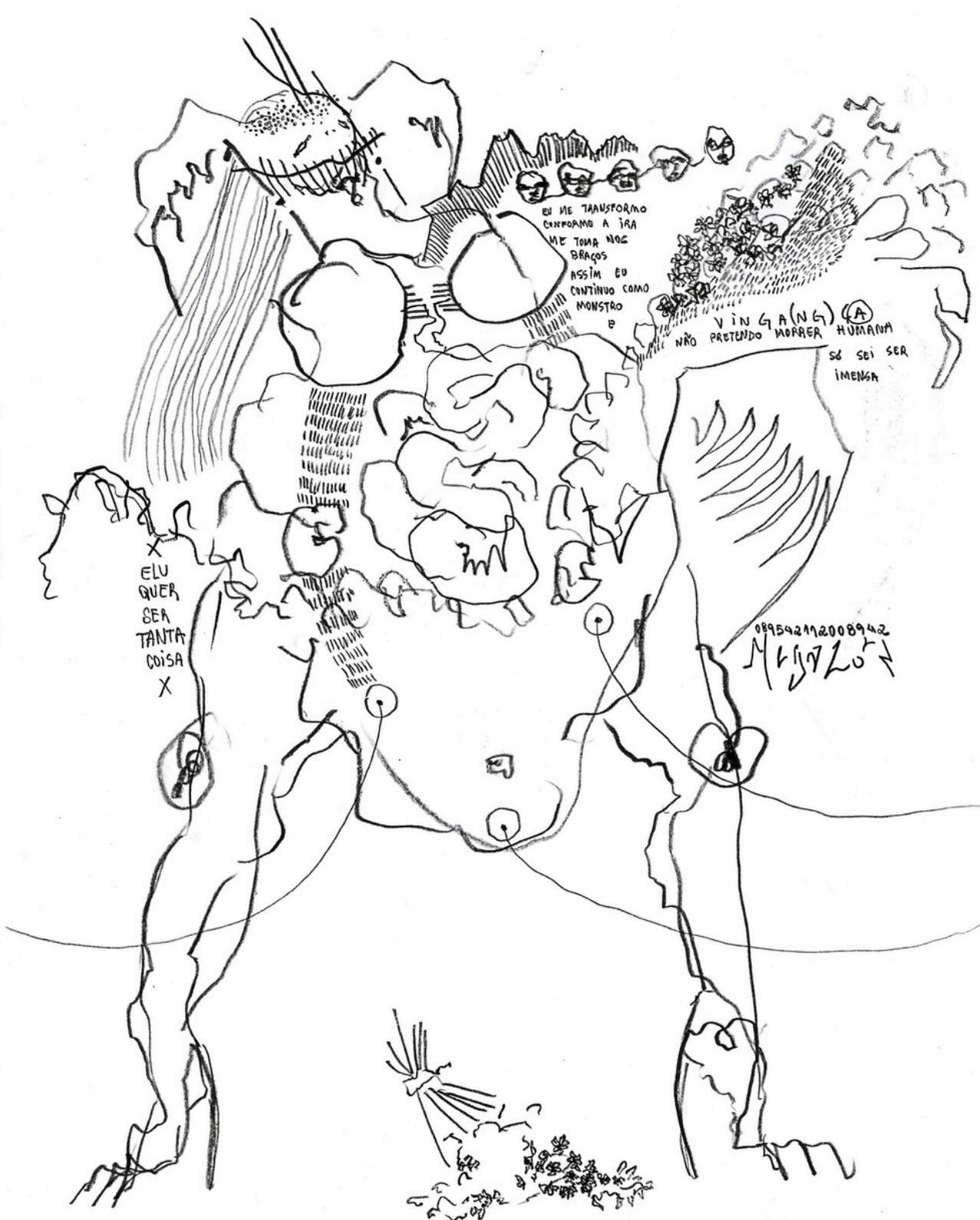
↳ paleas / diálogos com

↳ Dite









EU ME TRANSFORMO
CONFORME A IRA
ME TOMA NOS
BRAÇOS
ASSIM EU
CONTINUO COMO
MONSTRO

VINGA(N)G(A)
NÃO PRETENDO MORRER HUMANA
SÓ SEI SER
IMENSA

X
ELU
QUER
SER
TANTA
COISA
X

089542172008942
M/19/2017



Jardins de Vênus

O curioso vadiou a sacada dos Jardins de Vênus como um sátiro. Vestiu-se de imensa irrupção e pulou as muralhas de Safo, erguidas por paredes de marfim. Era verdade, imenso egoísmo aquele lugar reservava para seus habitantes. Estava repleto de putas. Todes, como lá diziam, eram altives de Vênus.

O curioso xeretou tudo o que pudera, admirado pela quantidade de ninfas que fervilhavam nos corpos d'água. Encantou-se, também, pela diversidade de crustáceos e músculos tão úmidos. Espreitou-se entre arbustos para observar os alienígenas brincarem nus uns com os outros.

Articulava, inclusive, tirar vantagem de toda aquela situação. Estimava até em roubar para si a beleza do céu e da superfície dos Jardins de Vênus. Ao avistar uma figura nem homem nem mulher, chocou-se de exotismo.

E antes que pudesse abstrair qualquer coisa, fora avistado de volta pela figura que o intrigava. Sentiu vergonha. Cobriu o rosto e a púbis com as mãos - uma atitude não suficientemente inteligente para esconder-se da bicha que o encarava.

— Quer olhar mais de perto? Perguntou a criatura.

— Nunca vi coisa igual - respondeu acuado; tão bonita, nunca.

A convite do venusiano, o curioso não hesitou em conhecer seu ninho: um lugar forrado de lençóis brancos, que eram tapetes e cortinas compondo uma tenda no meio de um matagal. Tentando conforto, o estrangeiro esticou-se felino entre almofadas e bebeu vinho antes mesmo de lhe ser ofertado.

O venusiano, muito desinibido, arremessou-lhe obscenidades e insinuou-lhe o ato de cópula com gestos no rosto e no corpo, brincando de inimagináveis coisas.

A figura sodomita debruçou desejos sobre seu convidado. A bicha não manifestou timidez alguma sobre a nudez. Expunha seu sexo à plena luz da ribalta.

Fantasiava borboletas em seus longos cabelos, como se flutuassem no éter. Tantos fios, como se fossem seda, deixou desliza-los nas mãos do estrangeiro, que dançava os dedos em seus cabelos: - Cabeleira de Ulisses, elogiou.

Ainda de pé e despido, percebendo o choque de exotismo que acometia o intruso, o alienígena saudou sua avó e sua mãe pela herança da beleza e do amor. Ergueu o cálice num gesto de honra e bebeu todo vinho. Ele disse ao intruso odiar o seu pai e a maioria dos outros homens, com tamanha intensidade que ironizou a tragédia de desejá-los tanto.

— Eis a roxa flor que traz a dor impressa, bradou a criatura apontando para si.

Ao se aproximar do estrangeiro, acomodando-se em seu colo, a bicha floresceu um perfume que impregnou-lhe as vestes e os sentidos. Naquele momento, laçado pela volúpia, o estrangeiro envolveu de braços o venusiano que lhe preenchia o colo.

Estava tão apraz pela figura ignota que a o agarrou como uma toalha de banho, esfregando-se todo, como se quisesse marcar-se com seu cheiro.

— Que gosto tem sua língua e o coração entre suas pernas? Perguntou ao intruso.

O orgulho do invasor, fascinado pelo o que ganhara com a empáfia invasão dos Jardins de Vênus, desmoronou com o deleite que o venusiano lhe causava em tamanha beleza e brio boquete.

— Lírio, antes branco, cor de prata, mas agora cor púrpura, renova tua lembrança. — Clamou o estrangeiro ao venusiano.

— É na primavera que encarno um ato icônico ao invés de uma flor no campo. As pétalas se transformam na pele que encobre minha lascívia. — Afirmou o alienígena pondo a mão entre as pernas.

**- Nem Zéfiro nem Apolo, memória
escorrida da fissura em meu crânio. O
que desejo é o astronauta pousado em
meus lençóis.**

**A prole de Sodoma, então, chamou o
invasor de sátiro. O estrangeiro riu.**

CADERNO VI
VISITANTES E INVASORES DO ESPAÇO

16/08/20??

Cidade do primeiro santo brasileiro/SP

O Pagador de Promessas

estão subindo
duas figuras desnudas.
as figuras são eu, simultaneamente:

o primeiro carrega o outro,
que assiste a multidão maldizer seu nome.
o outro, é carregado pelos antebraços.

vão ao calvário realizar o auto de penitência:
— Eles são inimigos de Deus, gritou o transeunte;
Elus não tem deus?

VISITANTES E INVA-
SORES DO ESPAÇO

TÍTULO POSSÍVEL

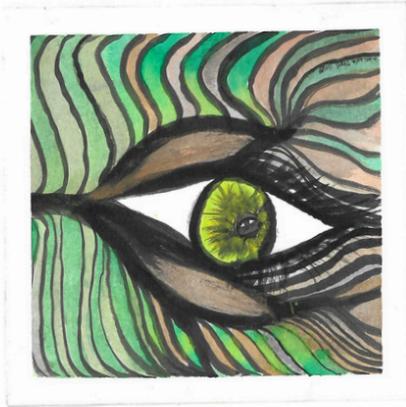
IMAGENS
DO SIMBOLISMO DO
EJEER NA RAÇA
ELA UXXE

SEMPRE SEPREDA
AS PAREDES TEMEM
OUVIR?

INSERIA
DISFORME
de MARI LAMBE

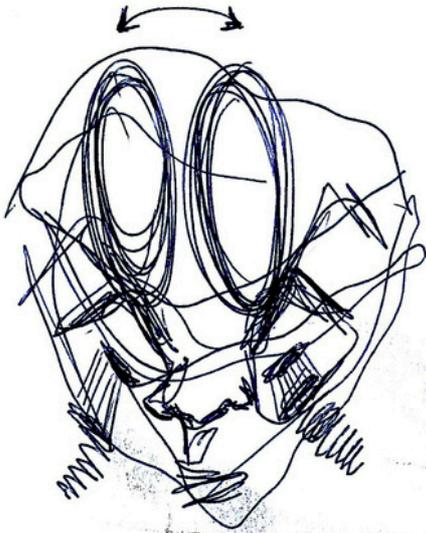












SEU AMOR É FALSO!





"MEME" (MTH) = tudo o que se copia, como os genes e os padrões de DNA - tudo que se espalha e perdura

X-ESCOLTA E PODER → MTH (maneira Thats)

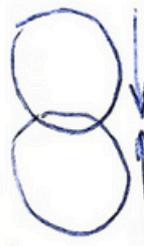
DRAGÃO SOBRE O MAR
ESSE ENCONTRO DE MUNDOS É TERRÁVEL
PG TANTOS LUGARES SOBRAIM
MAS AINDA ESTAMOS A DERIVA
É

SOU
TUDO QUE ~~SEMPRE~~, NADA PODE SER PARA SEMPRE
TUDO É UM POUCO QUE PARECE ~~ENORME~~ DEMOCRÁTICO
MAS, NA VERDADE, ESCONDE O RESTO
QUE ALHEIO AO TUDO, VIVE ENTRE TUDOS
E NÃO QUER APENAS DENTRO DE TUDO.
NAS MARGENS EU ~~ME~~ ENCONTRO E PEALO
POIS TUDO HÁ DE MORAR NOS RESTOS QUE SOU
LÁ EU MORO E ENTEADO O MUNDO
IMAGINANDO OS MUNDOS EM QUE POSSO SER

"

x

Somos o abelha, por isso nos queremos matar
O que vamos contar desse vazio que com havi
nos preenche? Tudo que é ilegal cabe dentro
de nós, que com o risco somos lambeçadões
na margem dos mundos.



INÚMEROS MUNDOS SE COLIDEM, MAS É O BRASIL ESSE CORREDOIR EM QUE FUJAMOS ATRAVÉS DAS FICÇÕES
DE FORA P/ DENTRO OU VICE VERSA, SOMOS COMO AS MARES PORQUE SOMOS OCEANOS

Quão profunda é a oceanos?

QUANDO NA AVA
BRANCA NA ÚLTIMA VEZ E
PELA IMAGINÁRIAS
NÃO QUANTO PERDEMOS

SOMOS AGORA DESTINADA
E RESGATE. E QUANDO
AS RUINAS NOS ENCORP
LUTAMOS P/ MULTIPLIC
VIDA. NÃO SEMPRE
VIVER P/ SEMPRE
SUBSOLO...

TEMOS PESADELOS
A SERRA DO MAR
DESANANCHANDO
NÓS

A Diferença do Veneno pro Remédio é a Quantidade

(saber ancestral)

OU

A Diferença Do Remédio Pro Veneno É A Dose

(Paracelso, euro-cristão-considerado o pai da toxicologia)

Poderia falar sobre a nossa sociedade atual, a banalização da hipermedicação, a automedicação e o quanto nossa vivência padrão nos leva a uma hipermedicalização. Mas não vou entrar nesse campo, pois é demasiado extenso e não é meu ponto neste momento.

Acho que a primeira coisa que podemos trazer aqui é o lembrete:

Não é porque é natural que não faz mal.

No texto *“Como saber se uma planta é tóxica?”* foram apresentadas algumas informações básicas e importantes que podem evitar intoxicações acidentais. Aqui apresenta-se o fato de que muitas plantas tóxicas são também plantas medicinais e que a quantidade é o fator que determina se uma, se outra.

Uma planta pode ser levemente sedativa e combater a insônia e pode ser também a causadora de uma letargia severa, a depender da quantidade.

Alguns pontos importantes sobre o efeito de plantas medicinais ou tóxicas no corpo: as intoxicações podem ser instantâneas ou podem levar anos até que atinjam nível crítico e sejam notadas.

Uma intoxicação instantânea acontece quando mastigamos e engolimos, por exemplo, uma comigo ninguém pode ou quando tomamos alguma tintura ou chá em dosagem errada, a reação instantânea acontece quando se encosta alguma parte do corpo humano no corpo planta.

Se alguma parte molhada e leitosa do corpo-planta encosta no corpo-úmido-carne.

Aqui é onde os cristais rompem a carne. uma vez eu li que comigo ninguém pode nos EUA significa dumb cane e sua ingestão era usada como castigo para escravizados que falavam demais ou reclamam demais ou eram simplesmente burros os suficiente para continuar falando contra os senhores colonizadores.

Cane é cana, cana de açúcar é sugar cane. Pra gente pode parecer meio óbvio que comigo ninguém pode não é cana de açúcar, mas pra quem pensa na comigo ninguém pode como uma cana de açúcar seu caule lembra o formato e a textura

Nos EUA a colonização não foi só de povoamento mas também de exploração e escravização com direito do colonizador dar o caule de uma comigo ninguém pode (*Dieffenbachia*) pra um escravizado chupar como se chupa cana de açúcar (*Saccharum officinarum*).

As intoxicações podem ser instantâneas ou podem levar anos até que atinjam nível crítico e sejam notadas.

Certa vez ouvi que Guiné (*Petiveria tetrandra*) era também conhecida como amansa-senhor e sua extração era utilizada como tempero na comida dos senhores colonizadores, dedicando mais tempo descobri que era dito que em um ano o senhor caia de cama e o envenenamento culminava em morte lenta - a isto se dá o nome de “intoxicação crônica”.

Também pode acontecer com uma ingestão alta de alimentos que não são bons para seu corpo carne humano. As intoxicações podem ser instantâneas ou podem levar anos até que atinjam nível crítico e sejam notadas.

Se não pode comer determinado alimento, não coma. Se come algo que te faz mal, pense em compensar. Não se prive do alimento. Saiba o que te fortalece e o que te enfraquece. Saiba quais alimentos te equilibram, te estabelecem um corpo são e um espírito firme.

O espírito se fortalece com a comida tanto quanto o corpo se beneficia do cuidado com o espírito. Te convenceram que nem só de pão vive o homem, embora o espírito também não sobreviva sem pão.

Venha pra além: a comida que não é pra você enfraquece o espírito, te deixa de corpo aberto, afasta axé da sua vida. Se você sabe suas quizilas de comida, considere o preceito que lhe serve. Se não sabe: observe seu corpo carne e seu corpo espírito e como um interfere no outro.

ALGUMA COISA



NÃO SOU

SE DISTRAI

QUANDO EU



Esporos, intoxicações por mofo,

sistema ou sistema?

Consideremos os fungos e sua forma reprodutiva: os esporos. Esporos são partículas muito leves e finas que fazem parte da reprodução desses indivíduos.

O mofo cresce em ambientes escuros, úmidos e sem movimento. Em buracos escuros, atrás de roupas não usadas, atrás do próprio guarda roupa. Em mentes obscuras e estagnadas de energia criativa.

O mofo precisa de certas condições para prosperar e crescer, especialmente o status quo: mesma quantidade de luminosidade, mesma quantidade de umidade e mesma atmosfera. Qualquer perturbação neste sistema pode causar seu desaparecimento, embora qualquer agitação repentina possa significar uma quantidade enorme de esporos voando pelo espaço.

Para conhecer esporos: deixe algo mofar. Muito. Coloque uma laranja num saco e esqueça na geladeira. Lembre dela e veja como voa uma névoa quando você abre o saquinho.

Isso é a semente do mofo. Esqueça um pão no fundo de alguma coisa. Esqueça algo num lugar fechado, sem movimento, sem ventilação e veja o mofo tomar conta.

O mofo que cresce nas paredes ou nos fundos de armários podem causar uma intoxicação cujos sintomas variam e alternam entre dor de cabeça, apatia, vontade de nada. Tal qual o sistema colonizado capitalista nos adoece.

Nos contaminam da mesma forma, quase imperceptível, quase sem querer uma golfada de esporos na nossa cara não temos alternativa senão respirar ainda que pouco respiramos intoxicamos a cura da intoxicação é tempo e vigilância constante.

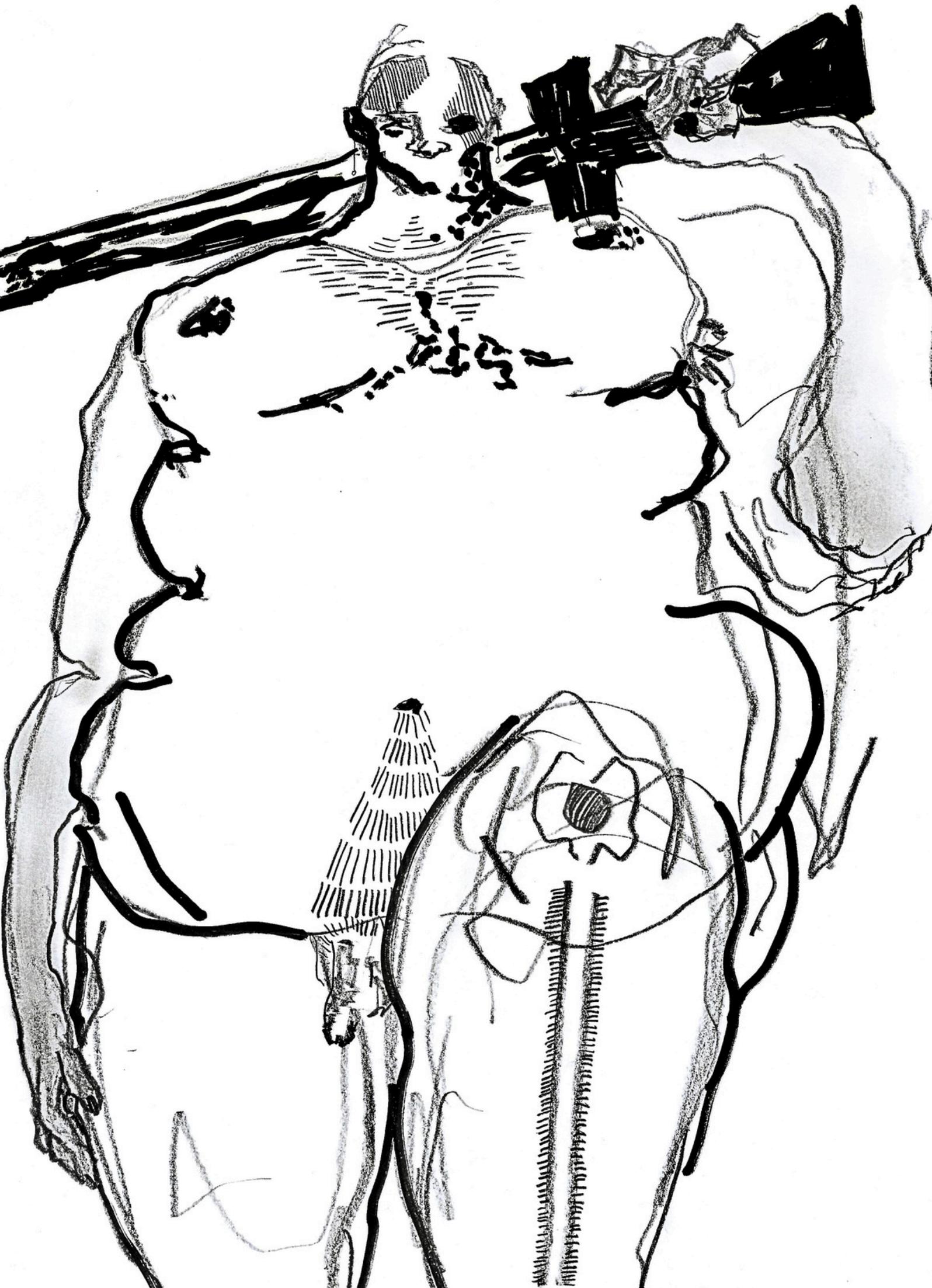
O que te faz ter tanta certeza de que sua proteção é maior que a dos outros?

Se julga superior;

Especial;

Diferenciada;

Pois não sei de uma entidade que endosse falhas de ego, não as conheço todas não as vejo todas, mas não sei de uma que endosse belicosidade gratuita e sem propósito suponho que deste ponto adiante só permanece quem profere palavras de maldição de maneira sábia, ponderada e certa com a certeza de que deseja que o mal desejado se realize, há quem acredite que nada há em maldizer e conjurar mortes, eu não.



Sem Título

No começo do começo estava o fim. No começo do começo (não) estávamos aqui, não com esses *corpos-carne-terrestres-terráqueos*. O que você foi antes de ser o que é? O que será quando não mais for? O que sempre esteve aí? O que sempre vibrou e nunca parou mesmo em maior ou menor frequência? onde começa a vida?

Antes de ser *corpos-carne-terrestres*, fomos *corpos-carne da lama*, do lodo, da água. Antes, seres alimentados pelas reações de nossos corpos e a luz da *Grande Estrela*. Ainda antes, corpos-minério imóveis envoltos em certa matéria viva que se espalha a menos que estivéssemos sempre em movimento. Todos os corpos coabitam no mesmo *corpo-carne*.

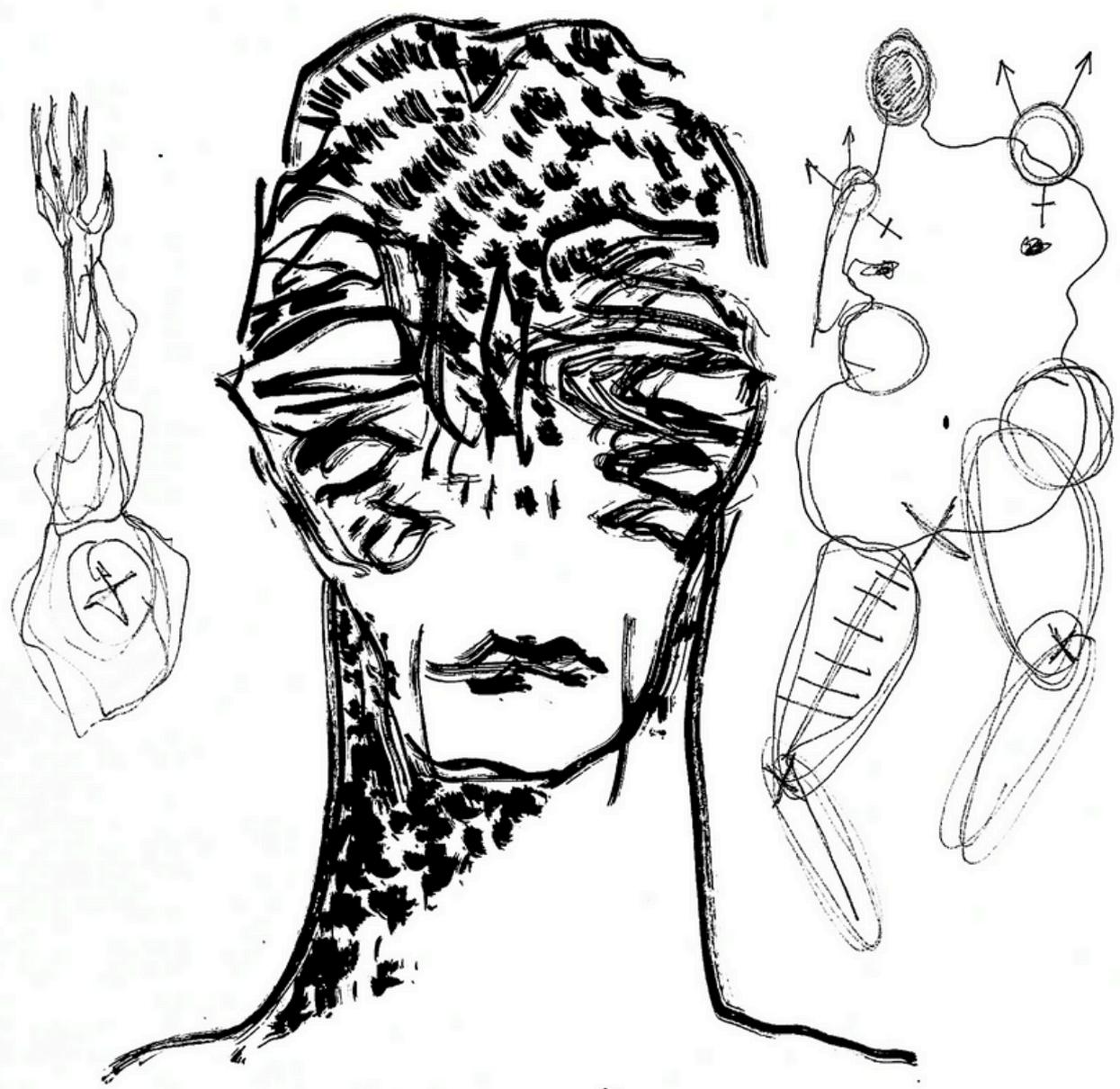
corpos pré-humanos, humanóides nos constroem mesmo que seja mais fácil pensar que seu corpo é apenas esse que você vê pela superfície. antes mesmo que você tenha consciência já carrega o que foi e o que será, carrega tecnologias e saberes de tudo que já foi antes.

Carbono hidrogênio oxigênio nitrogênio fósforo enxofre se amontoam ordenadamente e no caos surgem células com suas organelas membranas líquidos gelatinosos - e você ainda nem existe da forma que conhece.

Em que momento começa a vida? O que te faz ser mais ser vivo que ser humano? O que te torna humano? Qual a diferença entre ser humano e ser gente? Em que momento sua vida começou? Por onde ela começará?

Onde começa a vida? O que te torna ser humano? O que te torna ser? O que torna ser?

QUEER



XVI

Aonde começa a vida? Na inserção da alma? Do espírito?

Para antigos gregos alma é o que te anima, o que te movimenta, o que torna teu corpo movimento? Antigos gregos não foram o berço da civilização tampouco Rômulo e Remo alimentados pelo leite da loba. Cada povo que nunca ouvistes falar carrega sua própria fundação de mundo e sociedade, mas sabes apenas das que te pregam.

Aonde começa a vida? Na inserção da alma? Do espírito?

Para que se tenha espírito se precisa de um sopro, antes de respirar o espírito não nos habita e ele só vem com o ar na primeira golfada nos brônquios em meio seco pois até então nadávamos em um mar em tese particular e único.

Onde o espírito primeiro te habitou? A mim, habitou num hospital que não existe mais. A minha mãe e a meu pai, eu não sei. Aos meus avós, o espírito primeiro os habitou em casa, fosse no mar ou na mata ou na roça.

Aos meus bisavós, apenas posso especular, uns dizem que vieram fugidos outros vieram arrastados outros brotaram da terra. Onde o espírito primeiro te habitou? Quais ares rasgaram seus pulmões?

Carbono hidrogênio oxigênio nitrogênio fósforo enxofre se amontoam ordenadamente e no caos surgem células com suas organelas membranas líquidos gelatinosos

Matilha. Grupo. Amontoamento. Matilha? Organizada. Direcionada. Cuidem do corpo para que a revolução crie um corpo. Disciplina. Disciplina? Condicionamento. Atenção. Preceito. Tempo de Recolhimento.



Preceito. Tempo de Recolhimento. Parar. Pensar.

Lodo é uma massa de vida em apodrecimento;

Não há vida sem podridão e não há podridão sem vida;

Um local asséptico é um lugar morto;

Um lugar limpo é lugar de morte;

Não se deixe enganar pelas ruas varridas pelas vitrines limpas pela claridade principalmente pela claridade não se deixe enganar;

Um lugar limpo é um lugar morto;

Um lugar sem vida é organizadamente organizado;

Quais ares rasgam teus pulmões?

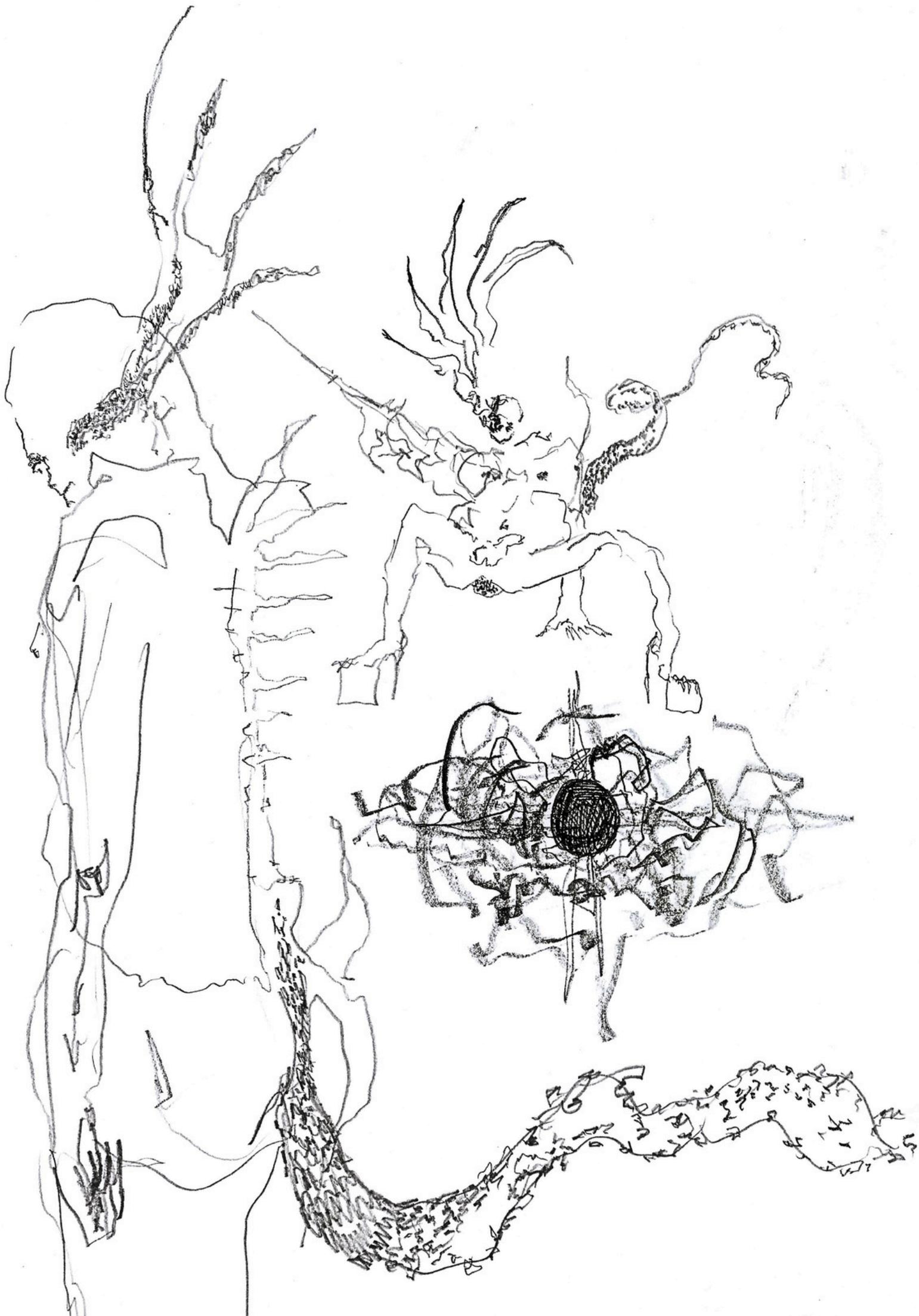
Só acredito na pulsão de vida se esta for desordenada bagunçada caótica porque enquanto vivo não tenho tempo de dobrar tão bem dobradas minhas roupas não tenho tempo de passar pano no chão três vezes ao dia não tenho tempo de tirar o pó das coisas.

Precisamos de equilíbrio pois equilíbrio é necessário para que a vida se desenvolva como desenrola um broto de samambaia

Preceito tempo de respeito;

Preceito tempo de espera;

Preceito tempo de dar um dois três quantos passos para trás forem necessários e observar o que é foi está estará esteve será. Será?



A compulsão precisa ser salutar;

Você precisa de água comida sono manter a temperatura do corpo;

Você precisa dormir morrer todos os dias no fim do dia e levantar-se no dia seguinte com o sol;

Você precisa se mexer sentir o sol na pele produzir vitamina D produzir melatonina que é inibida pela luz das telas computadores televisões celulares tablets relógios smart TVs telas auto iluminadas emitem luz azul que confunde os seus olhos e te fazem desregulada de hormônio.

Hormônios são ciclos. Conheça os seus conheça os outros. Entenda que pessoas que tem útero e sangram de quatro em quatro semanas não são mais sagradas que ninguém mas vivem ciclos mesmo que não queiram, a menos que os cortem com outros hormônios.

Estude hormônios. Estude os seus, estude os que se tornarão seus, estude por todos os médicos, médicas e profissionais da saúde que sistematicamente se recusam a ter respeito por corpos dissidentes. Aos dez anos um endocrinologista me fez chorar no dia do meu aniversário porque eu estava ganhando massa muscular invés de continuar diminuindo o peso total na balança.

Índice de massa corpórea é uma farsa preguiçosa. Procure saber sobre sua constituição física sobre suas quantidades de água, músculo, vísceras e gorduras. Entenda e lembre-se que um corpo são não é um corpo inflamado como o que o sistema faz com que tenhamos, entenda que a comida empacotada vem com veneno e que a comida descascada também vem envenenada. Estão nos destruindo não só mentalmente e psiquicamente, mas também nos envenenando por dentro.

PENSAMENTO INTANSIVO

SÍNDROME DE IMPAS-
TORA

EM
DISSIDÊNCIAS



MATILHA

-COOPTADO-

Aumentando açúcar substituindo por adoçante sintético modificando as sementes para mais resistência a praga e assim matam a praga maior: a gente.

Comida livre de veneno;

Comida livre de manipulação genética;

Não temos tempo suficiente dessa alimentação para entender seus efeitos e males;

Entenda que o sistema envenena sua carne, seu espírito, entenda que o sistema vai entender dos seus ciclos. O tempo de quem não se submete e se adapta ou que vive o sistema é outro. Vivemos tempos diferentes muito a frente aqui muito aquém ali o tempo não é uma linha reta.

Pensemos que o presente é um futuro que no instante que pensarmos se torna passado;

Viagem no tempo existe desde que entendemos que estamos nesse fino equilíbrio *passadopresentefuturo*;

Tudo ao mesmo tempo agora;

Sempre é tudo ao mesmo tempo agora;

O corpo que você foi o corpo que você teve ainda está aí as dores ainda estão e é por isso que às vezes você se dói em completude sem saber porque.

Mesmo que sejamos androides humanóides, que forjemos nossos *corpos-couraça*.



Alguns dizem que não são racistas pois se relacionam com a gente de pele que não é branca e, dentre todos os corpos brancos, esses são os mais perversos e maus.

São perversos e maus pois buscam nossos corpos para perpetuarem suas violências passadas de geração em geração, um corpo branco criado por outros corpos brancos que foram criados por outros corpos branco. Um corpo impecavelmente branco pode ser o pior tipo de pessoa pra você se relacionar.

Gente branca de sobrenome é seu algoz e as vezes só se envolvem com você pra continuarem alimentando o próprio ego. Vocês, corpos que não são brancos, fujam de gente branca que só se relaciona com gente racializada.

Corram. Não olhem nos olhos. Não permaneçam nesse lugar. Tem branco que quer seu corpo como lembrete de quem é superior a quem.

Te convido a fazer um teste rápido pra saber se amam você ou amam sua sua pele não branca: diga pra pessoa branca que ela é racista - ou foi racista em certa situação. Diga isso e observe. Qualquer negativa, qualquer alteração de voz ou expressão de incredulidade ou tentativa de te convencer de qualquer coisa.

Qualquer resposta negativa ao racismo é justamente a prova cabal do racismo.

Não permaneça em lugares situações ocasiões relações em que você se cala sobre ser uma pessoa racializada. Não permaneçam. Os racismos de quem a gente ama e de quem ama a gente são diferentes.



Eles entram na sua mente;

Eles fazem você sentir que está exagerando;

eles falam coisas que te machucam;

E você não sabe porque machuca;

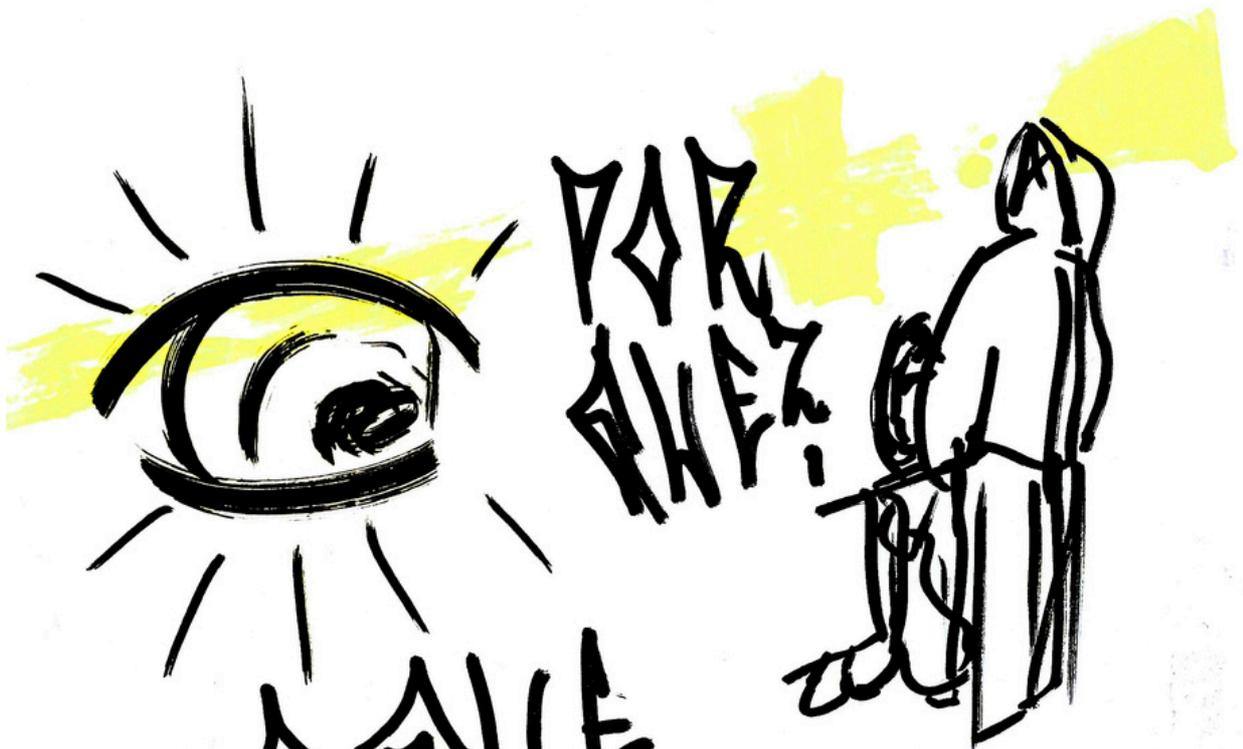
Você ouve *“amo você”* e também ouve *“você tem cor de suja”*, *“se você fosse mais escura eu não ficaria com você”*, *“não tem porque você ter medo de polícia”*, *“você está exagerando”*, *“você nem tem a pele tão escura assim”*, *“não foi bem isso que eu quis dizer”*.

Eles jamais vão nos enxergar como iguais, especialmente se tiverem mais grana que a gente. Não fique com gente branca pequeno burguesa que muitas vezes paga de militante e aliada. Não fique com gente que te ridiculariza pela escola que você estudou, pelas roupas que você usou, pela forma que você cresceu. Gente branca burguesa não te respeita, não os respeite de volta.

Para todas as pessoas de pele branca que amei antes de entender que a minha não era: todas vocês foram racistas comigo. Todos vocês foram racistas comigo. Todos vocês foram racistas comigo.

É urgente que entendamos que, mesmo corpos dissidentes mesmo pessoas não cis, mesmo corpos que tenham vivências parecidas com as nossas.

É urgente que entendamos que, se esses corpos são brancos, essas pessoas foram sem dúvida criadas para serem brancas (para a branquitude). Pessoas criadas pela e para a branquitude ainda vivem no pacto do brasil colônia.



É necessário, embora até controverso, que a gente entenda que:

1. Famílias tradicionais cristãs criam crianças para serem homens ou mulheres;
2. Famílias pequeno burguesas criam pequenos burgueses;
3. Famílias heterocisnormativas criam pessoas heterocisnormativas;
4. Famílias brancas criam gente branca;
5. Famílias com valores conservadores geram pessoas intolerantes;

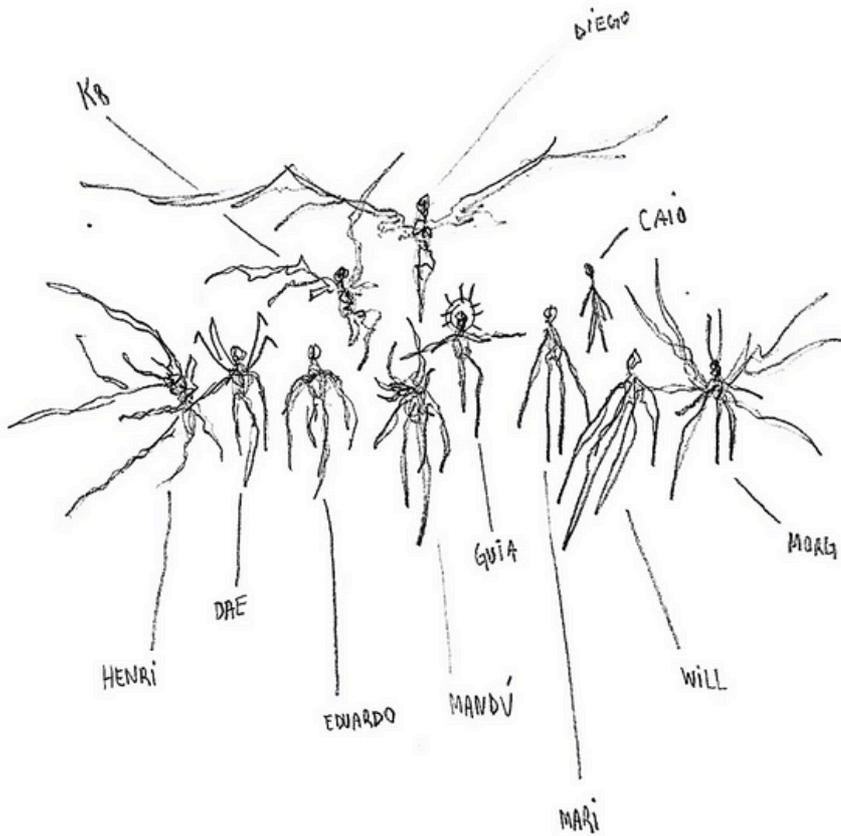
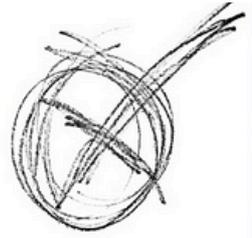
Entendamos que um corpo dissidente cultivado por esse ambiente familiar jamais pode automaticamente significar espaço seguro para corpos racializados apenas pelo recorte da dissidência.

Parafraseio Severino de Aracaju e digo *“aponte o rifle (...) porque é desse povo que eu tenho medo”*.

Já deveríamos ter entendido que divididos é mais fácil de sermos controlados subjugados extintos.

Entender que não é apenas o corpo negro que foi escravizado e fetichizado pelo colonialismo. Entender que se o seu discurso é apenas sobre pessoas negras, seu discurso é falho.

Não basta lutar contra a branquitude: é necessário lembrar que não só pessoas negras foram escravizadas e/ou assassinadas, mas todo corpo diferente do branco, toda pessoa diferente da pessoa branca.



INCONTÁVEIS VEZES PENSÁVAMOS NA FORTUNA QUE NOS SERÁ TIRADA, POIS UNIMO-NOS PELA RAZÃO DE ANSEIOS IMPASSÍVEIS. INÚMERAS BATALHAS VENCIDAS. TANTO ESFORÇO, SEMPRE A COZINHA FERVENDO DE GENTE, COM PANELAS PARA ALIMENTAR SEU POVO. AQUELA CASA REPLETA DE ARTISTAS SEM LUGAR, ONDE UMA ÁRVORE TOMA-LHE À FRENTE E SEU QUINTAL PAVIMENTADO VÊ LAGRIMAS FEDEREM NUMA METAMORFOSE PROFUNDA - "NINGUÉM ESTÁ ILESO; TODOS SÃO DAQUI, MAS TODOS VÃO EM-BORA", INDAGAVA MANDU PARA AQUELOS QUE FICAM. TEMOS MEDO DE SERMOS EXTINTOS.



~~11/11/11~~
Te escrevo para aliviar meu coração pesado, buscando preencher com esperança. Ao olhar para o mar, vejo os sonhos das travestis que anseiam por dias melhores, por um horizonte de vida. É nas ondas quebrando na praia que temos visões de um futuro onde possamos ser livres para viver.

Mas ao olhar para o céu, vejo a chuva das Travestis que sonham em voltar para casa, para um lugar onde podemos nos encontrar, onde vivem as memórias. Muitas das finíssimas vieram forçadas mas você sabe, você viu...
~~.....~~ Sentimos saudades do calor do lar, das memórias e do apoio...
Muitas encantadas foram esquecidas, me pergunto se algum dia alguém vai lembrar do meu nome, lutei tanto por ele...

É doloroso enquanto sonhamos com um futuro melhor, também anelamos por um passado que nunca mais será o mesmo. Mas não perdemos o que restou, só restou a fé. Apesar de acreditarmos que um dia seremos abraçadas novamente por aquelas que nos afastaram, e que não iremos sucumbir ao ódio, estamos fracas, elas levaram a maioria de nós.

Sei que os sonhos nos fortalecem e nos impulsionam, mas lutar por um mundo? Por esse mundo? Como ~~para~~ permanecemos unidas, apoiando-nos umas às outras e construindo uma comunidade? Como viveremos?

Que nossas vozes sejam ouvidas e que nossos sonhos se tornem realidade... Cansada de só sobreviver, cansada de lutar pelo mínimo... Ansiosa para me jogar em que você e você me abraçar, você me deixa leve.

Mãe,

Estou agora entre os meus, como uma matilha
nos períodos da cidade. Aprendemos a atravessar
a grande noite sem acender a luz.



QUE SERIA DE NOS
SE DESAPARECÉSEMOS
HOJE?





UMA DEFORMAÇÃO
QUE OS TORNAVA
INCAPAZES DE COM-
PREENDER, TAMPOCO
CONFIAR EM OUTROS
HOMENS COMO CONFI-
DENTES DE SEUS TEMO-
RES OU DORES.



Kepler-186: um sistema exoplanetário localizado a aproximadamente 150pc da Terra. Kepler-186f faz parte de um sistema de cinco planetas, todos com quase o tamanho da Terra, que, no entanto, estão perto demais de suas estrelas para possibilitar a vida.

Trata-se do primeiro planeta de tamanho semelhante ao da Terra, descoberto na zona habitável de uma estrela. É o planeta mais externo descoberto pela sonda Kepler da NASA, lançada no ano de 2009, que orbita uma estrela anã vermelha a 500 anos-luz da Terra na constelação de Cisne, chamada Kepler-186.

Usando o método de perfil de astrodensidade, discute-se sua habitabilidade a partir de relatos e outras propriedades orbitais, estelares e planetárias, que são consistentes, embora um pouco mais precisas do que os valores relatados em Quintana et al, 2014: afirmou-se que, com uma excentricidade de 0,092, um semieixo maior de 0,35 UA, e um raio de 1,06 raios terrestres, Kepler 186f é um exoplaneta do tamanho da Terra que passa toda a sua órbita na zona habitável de sua estrela.

Foi quando passei a pensar na memória de um planeta quase habitável. E pensava: que memórias o meu corpo construiria com esse lugar? Que memórias meu corpo construiria para outros corpos, que passariam também a estimar minhas memórias?

Eu devo não contar.



Alvo da correção pública e da interpelação das normas corporais e de gênero. É comum nesta experiência um conjunto de prescrições de regimes cada qual mais fascista e mais violento, para docilizar ou cumprir a função das indústrias. As vísceras sobressaem do seu lugar, mas eu não evoco essa complexidade. Experimento nela e através dela, como qualquer uma de nós que luta um pouco mais ferida. A vírgula está no excesso, a curvatura me percorre nas linhas que desenho e nos textos que redijo.

As coisas querem fugir do controle, como são os meus flancos sobressaídos da cintura. O corpo foge ao controle, e isso é a experiência do humano no século XXI apesar das padronagens e envenenamentos em massa. Cada corpo subverte-se como pode no intermédio de seu trauma: esconde uma espada e um escudo embaixo da pele, pois incessantemente tentam corrigi-lo.

Eu não sou mais forte, mas a ficção trouxe até mim o corpo com o qual meu coração espalha-se por toda epiderme. Não pela forma, mas pela experiência do estranho e do feio como saudável e, ao mesmo tempo, substância gozante nas insurreições que posso me inscrever: uma presença muito barulhenta, muito gorda, muito brutal, muito peluda, muito fêmea.

nós somos esse livro, sonhos e iras,
páginas em chamas e rubras da falência crítica.
impossível é ser uma letra, mas as palavras nós somos.
vingança ressoa para nós, sua eternidade:
nós queremos (de volta) tudo!

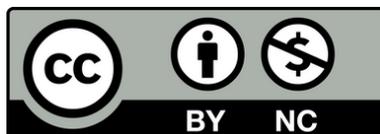
EPÍLOGO

Logo abaixo você encontra um **Qrcode** e um **link**, ambos levarão você ao nosso site, onde poderá acessar o **minidocumentário** que conta o processo criativo deste projeto. Além do minidocumentário, você também poderá fazer download do nosso **audiolivro**.

Nós utilizamos técnicas de **audiodescrição integrada** nestes dois materiais buscando tornar ambos os trabalhos mais acessíveis. Além das técnicas de audiodescrição integrada, o minidocumentário conta com **tradução em LIBRAS** e legendas em português brasileiro.



<https://abantesma.com.br>



Queer na Raça: narrativas para transgredir © 2024 by Núcleo Abantesma is licensed under Attribution-NonCommercial 4.0 International.

POSFÁCIO

LEITOR NA RAÇA - UM POSFÁCIO POR JOÃO FRANCISCO

Queer na raça: narrativas para transgredir é cu do mundo, do mundo branco, mas centro do mundo negro e sujo, cu central, aqui-cu da marginalidade, núcleo do desejo daquilo que qualquer branco quer/queer se lambuzar e não tem coragem de assumir. Consciente ao inverso e versos, inconsciente concreto, determinado, formado por quadris reais. Deixe leitor de lutar, deixe se levar pela letra erótica, pela orgia dos sinais, tudo é exagero, o erótico é exagero, é barroco, é barro negro das frestas e fraturas sociais.

Queer na raça: narrativas para transgredir é exigir um leitor na raça, ou o leitor estará na roça, no dizer popular, que atitude analítica diante de tal obra? Decidi pela passividade, ser leitor passivo, e deixar o translivro me transler, “*balbúrdia*” de gêneros, transgressor da forma, aqui tudo transa, orgia de gêneros, orgia de linguagens. Exagero? Livro para ser lido e visto, ou livro para ser lido apenas, livro para ser livre. No fundo, é uma obra para ser lida, traduzida em intenções, o visual quer traduzir o que não pode ser dito, o indizível da palavra, que ainda resiste nos manuscritos em letra de mão, mão é corpo, é toque, que nas cores das tintas, tudo é mais sentido, tudo é sentido de liberdade, tudo é expressão de amor pela arte.

Leitor na raça é preciso aprender a ler do nada, a obra é um mundo, lendo-a me encanto com o universo ABANTESMA. De onde eles vêm? Sinto que do desejo, desejo de tocar e ser tocado, como? Com os olhos que nunca se acalmam, o movimento orbital a ler/ver a obra é estético, é excessivo, o olho nunca para, nunca se sabe o que virá. O mais excitante na leitura é o encontro com as letras digitalizadas, elas são marcas da tradição, do pudor, do limpinho, do branco no preto, mas nossos olhos desejam o que vem depois, a “*balbúrdia*”, as transas (“*relações amorosas*” o Word pudorento tenta me corrigir) semióticas, a nudez dos desenhos, do que inconforma, da originalidade do grupo.

É claro que as letras limpinhas são de inconformidades, mas são reprimidas, são sufocadas pelo arquidigitador.

Revistando o livro, pois revista é toque - mas sou leitor que toco o livro ou é ele que me toca? -, cada linha, cada cor, cada imagem, cada sentido, tudo no livro estupra o leitor que se vê paralisado, mas desejoso de ser invadido.

Revistando o livro, logo no prólogo, as diretrizes do grupo dizem que o “corpo é balbúrdia”, a obra é balbúrdia que se autodestrói, auto se diz, metalingüística de si mesma, quando o processo é desmascarado pelos post-its, dardos de índices do que fazer e foi feito dos manuscritos, corrigidos mas dizendo os sentidos antigos à mostra.

Do prólogo ainda leio “ruído de um sexo noise”, e entendo o ruído correndo pela obra, ruído irrita, atrapalha, obra ruidosa, são tantos ruídos, intromissões, que no fim entendemos que a obra é ruído, é inconformidade, embora, sempre conforme com a arte.

Após o prólogo, os Cadernos, no I, para não falar do impacto visual da capa, o primeiro choque é o texto em letra de mão, me diga leitor, porque a letra de mão num livro nos soa como improvisado do que está acontecendo, incompleta, será nossa realidade do limpinho, do digitalizado, e esterilizado pelo Windows Word?

Linguagem verbal carrega sentido nos traços, transgride a letra, nos faz transleitor, aí vêm outros traços, vêm imagens de aura ancestral, as fotos sempre são nítidas, o corpo que diz é esse, o corpo - o que importa - penetra em nossos olhos, toca os olhos.

Entre as fotos, as letras de pichação, nunca imaginei elas naquele momento, serei eu um leitor conservador? Bom, a obra começa a me preparar.

O que virá será sempre novidade, ávido, sinto prazer em meus olhos, o que virá será diferente de tudo, e me arrasta com a foto dos membros do grupo para dentro do **ABANTESMA**, entro com eles no ritual, corpo-papel-linguagem tudo se mistura e geram o sêmen da vida, que é a própria fecundação do mundo queer. Por fim, a carne branca, mole e viscosa é devorada pelo gótico negro dos corpos em puro êxtase e desejo.

Nos Cadernos II e III, a textualidade continua a vagar pelo incerto da certeza do grupo: peças de madeira, cerâmicas, panos estilizados, arte abstrata, textos invertidos, folhas secas, e o saboroso ensaio engolido por folhas carnívoras, translemos o texto translido com sobretexto sobresentido, corpo/no/corpo. O olho que vê (Caderno II) não é mais o olho novo do leitor, é um olhar vermelho e negro que nos observa, olhos-transolhos.

O macho alfa deve ser devorado! Caderno IV, penso na frase **ABANTESMA**, “**eu carrego uma catedral em meus quadris**”, descolonizemos nossos quadris. O fim do homem branco, o fim do homem, o nascimento do tranSHomEm.

Receita médica contra o oxalato de cálcio em leite branco, metáfora para o homem branco? Novos manuscritos, texto em ação, escrita em movimento, riqueza de sentidos, transentidos, eu sou o outro, **ABANTESMA** é oxalato de lava, queima, arde, enriquece e transforma, resistente como uma ilha vulcânica.

Queer na raça: narrativas para transgredir transgride, transgride o senso comum, o senso leitor branco ocidental, propõe um leitor negro, um leitor novo, um leitor passivo, aqui quem manda é **ABANTESMA**, que/queer é liberdade. Tudo é novo, não sei o que dizer, o que ler, sei o que sentir. Cuidado, leitor, ao rodar estas páginas.

